

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Maike Isaquiel Bandeira Moraes

**HISTÓRIA E MEMÓRIA NA DISCIPLINARIZAÇÃO DA CIÊNCIA
LINGUÍSTICA NO BRASIL: UM ESTUDO A PARTIR DE
ENTREVISTAS COM LINGUISTAS**

**Santa Maria, RS
2023**

Maike Isaquiel Bandeira Moraes

**HISTÓRIA E MEMÓRIA NA DISCIPLINARIZAÇÃO DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA NO
BRASIL: UM ESTUDO A PARTIR DE ENTREVISTAS COM LINGUISTAS**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Taís da Silva Martins

**Santa Maria, RS
2023**

Moraes, Maíke Isaquiel Bandeira
História e Memória na Disciplinarização da Ciência
Linguística no Brasil: Um Estudo A Partir de Entrevistas
Com Linguistas / Maíke Isaquiel Bandeira Moraes.- 2023.
163 p.; 30 cm

Orientadora: Tais da Silva Martins
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-
Graduação em Letras, RS, 2023

1. História 2. Memória 3. Disciplinarização 4.
Linguística I. Martins, Tais da Silva II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, MAIKE ISAQUIEL BANDEIRA MORAES, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Maike Isaquiel Bandeira Moraes

**HISTÓRIA E MEMÓRIA NA DISCIPLINARIZAÇÃO DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA NO
BRASIL: UM ESTUDO A PARTIR DE ENTREVISTAS COM LINGUISTAS**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Aprovada em 31 de julho de 2023:

Taís da Silva Martins, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Amanda Eloina Scherer, Dra. (UFSM)

Larissa Montagner Cervo, Dra. (UFSM)

Élcio Aloisio Fragoso, Dr. (UNIR)

Débora Raquel Hettwer Massmann, Dra. (UFAL)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Adão e Neusa, pelo apoio nos momentos mais difíceis durante o período de escrita, nunca questionaram muito sobre o que eu escrevia, mas acreditaram no meu sonho simplesmente porque era meu sonho. Pai, mãe, vocês são os melhores pais do mundo. Eu me inspiro em vocês.

Agradeço a minha esposa, Sara, por toda compreensão e apoio no último ano de escrita, especialmente por termos passado por isso durante um período de gestação e primeiros meses da Heleninha. Tudo é por vocês agora!

Agradeço a minha querida e atenciosa orientadora, Prof^a. Dr^a. Taís da Silva Martins, por todo o caminho percorrido junto a mim desde a graduação, sempre com palavras positivas e de incentivo que me motivaram a chegar até aqui sem desistir. Não imagino como poderia terminar este trabalho sem você como orientadora. Gratidão eterna!

Também não poderia deixar de agradecer à Prof^a. Dr^a Amanda Eloina Scherer (UFSM), Prof^a Dr^a. Larissa Montagner Cervo (UFSM), Prof^a. Dr^a. Débora Raquel Hettwer Massmann (UFAL), Prof. Dr. Élcio Aloisio Fragoso (UNIR), bem como as suplentes Prof^a. Dr^a. Evelyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa (UFSM) e Prof^a. Dr^a. Eliana Rosa Sturza (UFSM) pela leitura atenciosa e apontamentos importantes durante a qualificação de doutorado, trazendo-me novas perspectivas, indicando caminhos que, até então, não havia pensado, caminhos que não encontraria sozinho. Meu muito obrigado!

Por último, mas não menos importante, agradeço à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) pela oportunidade de realizar este trabalho de formação acadêmica.

“O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber.”

Sylvain Auroux

RESUMO

HISTÓRIA E MEMÓRIA NA DISCIPLINARIZAÇÃO DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA NO BRASIL: UM ESTUDO A PARTIR DE ENTREVISTAS COM LINGUISTAS

AUTOR: Maike Isaquiel Bandeira Moraes

ORIENTADORA: Taís da Silva Martins

O presente trabalho transcorre pensando o curso de produção do conhecimento linguístico no Brasil, um processo que, a partir de meados do séc. XX, começa a estimular o processo de institucionalização e disciplinarização da ciência linguística no Brasil, há a “importação” de especialistas da Alemanha, da França e de Portugal na década de 1930, a criação de importantes universidades, o aumento do número de professores brasileiros de Linguística e criação de Cursos de Letras, favorecendo o iminente crescimento da produção científica no país que já estava em progresso, antes mesmo de termos professores de Linguística, e que prossegue com a organização e estruturação desses estudos validando uma disciplinarização, um trabalho, portanto, de história e memória. Com o intuito de compreender como se deu esse processo e a historicização que envolve, de início, a institucionalização da Linguística, tomamos como base teórica a Análise de Discurso (AD) de perspectiva materialista - fundada por Michel Pêcheux na década de 1960 e difundida por Eni Orlandi no Brasil – em articulação com a História das Ideias Linguísticas (HIL). Para responder nossa questão de pesquisa que é compreender qual seria o papel da memória na disciplinarização da Ciência Linguística no Brasil, buscamos analisar entrevistas com renomados pesquisadores que desempenharam/desempenham papel fundamental na história e contribuíram/contribuem para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, a saber, são eles: Aryon Dall’igna Rodrigues, Eduardo Guimarães, Eni P. Orlandi, Izidoro Blikstein, José Luiz Fiorin e Leonor Scliar. Com base nos discursos desses pesquisadores, através da rememoração que se dá por efeito de sua relação com o interdiscurso, em entrevistas elaboradas por pesquisadores do Laboratório Corpus - Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem (Lab. Corp) – PPGL/UFSM e publicadas pela Revista Fragmentum (UFSM), vamos à busca de seus pilares de formação, ou seja, seus predecessores que, por vezes, não são apresentados com devido destaque na(s) história(s) da Linguística brasileira, mas tiveram tanto mérito quanto seus discípulos e alunos para o desenvolvimento de uma Linguística com características próprias, bem como para a institucionalização e disciplinarização da mesma enquanto ciência.

Palavras-chave: História; Memória; Disciplinarização da Linguística.

ABSTRACT

HISTORY AND MEMORY IN THE DISCIPLINARIZATION OF LINGUISTIC SCIENCE IN BRAZIL: A STUDY BASED ON INTERVIEWS WITH LINGUISTS

AUTHOR: Maike Isaquiel Bandeira Moraes
ADVISOR: Taís da Silva Martins

This paper focuses on the production of linguistic knowledge in Brazil, a process which, from the middle of the 20th century, began to stimulate the institutionalization and disciplinary process of linguistic science in Brazil. There was the "import" of specialists from Germany, France and Portugal in the 1930s, the creation of important universities, an increase in the number of Brazilian Linguistics professors and the creation of Letters Courses, favouring the imminent growth of scientific production in the country, which was already in progress, even before we had Linguistics professors, and which continued with the organization and structuring of these studies, validating a disciplinarization, a work, therefore, of history and memory. In order to understand how this process took place and the historicization that initially involved the institutionalization of Linguistics, we took as our theoretical basis Discourse Analysis (DA) from a materialist perspective - founded by Michel Pêcheux in the 1960s and disseminated by Eni Orlandi in Brazil - in conjunction with the History of Linguistic Ideas (HIL). In order to answer our research question, which is to understand the role of memory in the disciplinarization of Linguistic Science in Brazil, we sought to analyze interviews with renowned researchers who played/play a fundamental role in the history and contributed/contribute to the development of linguistic studies: Aryon Dall'igna Rodrigues, Eduardo Guimarães, Eni P. Orlandi, Izidoro Blikstein, José Luiz Fiorin and Leonor Scliar. Based on the discourses of these researchers, through the remembrance that takes place as a result of their relationship with interdiscourse, in interviews prepared by researchers from the Corpus Laboratory - Laboratory of Language Studies Sources (Lab. Corp) - PPGL/UFSM and published by the journal *Fragmentum* (UFSM), we go in search of his formative pillars, in other words, his predecessors who are sometimes not given enough prominence in the history(s) of Brazilian linguistics, but who had as much merit as his disciples and students in developing a linguistics with its own characteristics, as well as in institutionalizing and disciplining it as a science.

Keywords: History; Memory; Disciplinarization of Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Primeira Edição Revista Fragmentum	94
Figura 02	Edição Revista Fragmentum (jan/jul 2022)	95
Figura 03	Relações Entre Linguistas Entrevistados	130

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Publicações Anuais da Revista Fragmentum	93
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Projeto do Programa História das Ideias Linguísticas	29
Quadro 2 -	Nomes apontados por Aryon Dall'igna Rodrigues	108
Quadro 3 -	Nomes apontados por Eduardo Guimarães	109
Quadro 4 -	Nomes apontados por Eni Puccinelli Orlandi	111
Quadro 5 -	Nomes apontados por Izidoro Blikstein	115
Quadro 6 -	Nomes apontados por José Luiz Fiorin	119
Quadro 7 -	Nomes apontados por Leonor Scliar Cabral	121
Quadro 8 -	Síntese dos nomes citados por pesquisador entrevistado	125
Quadro 9 -	Nomes mais citados	128
Quadro 10 -	Recortes de entrevistas com a temática predecessores	139
Quadro 11 -	Recortes de entrevistas com a temática início da Linguística no Brasil	148
Quadro 12 -	Recortes de entrevistas com a temática Linguística hoje no Brasil	150

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
ABRALIN	Associação Brasileira de Linguística
CFE	Conselho Federal de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
FFCL	Formação Discursiva
FD	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
FI	Formação Ideológica
HIL	História das Ideias Linguísticas
LAB. CORPUS	Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
SD	Sequência Discursiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PARTE 1 - SOBRE AS ESCOLHAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	21
1.1 HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS E ANÁLISE DO DISCURSO: A IMPORTÂNCIA DAS TEORIAS PARA ESTA PESQUISA	28
1.2 A MEMÓRIA DISCURSIVA	35
1.3 AS REGULARIDADES DO DISCURSO	40
1.4 A INTERPRETAÇÃO E OS EFEITOS DE SENTIDO: GESTOS DE LEITURA DO ARQUIVO AO CORPUS	45
1.5 A METODOLOGIA	49
PARTE 2 – A LINGUÍSTICA INSTITUCIONALIZADA	54
2.1 CRONOLOGIA DE ALGUNS DOS PRINCIPAIS DADOS EFATOS NA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA NO BRASIL	55
2.2 UM POUCO DA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA NO BRASIL E SEUS PRECURSORES	65
2.3 O QUE É SER PESQUISADOR EM LETRAS/LINGUÍSTICA	71
2.4 FATORES CONSIDERÁVEIS PARA A DISCIPLINARIZAÇÃO DA LINGUÍSTICA	78
PARTE 3 – DO ARQUIVO E DO CORPUS	83
3.1 A CONSTRUÇÃO DO ARQUIVO (O QUE É ARQUIVO PARA A AD)	83
3.2 A REVISTA FRAGMENTUM	91
3.3 SOBRE OS PESQUISADORES ENTREVISTADOS	97
3.3.1 ARYON DALL'IGNA RODRIGUES	98
3.3.2 EDUARDO ROBERTO JUNQUEIRA GUIMARÃES	99
3.3.3 ENI PUCCINELLI ORLANDI	99
3.3.4 IZIDORO BLIKSTEIN	100
3.3.5 JOSÉ LUIZ FIORIN	101
3.3.6 LEONOR SCLiar CABRAL	101
3.3.7 AS ENTREVISTAS	102
PARTE 4 – AS ANÁLISES	105
4.1 ESTABELECENDO UM CORPUS	105
4.2 OS SUJEITOS CITADOS PELOS ENTREVISTADOS	108
4.3 DISCURSIVIDADE: ANALISANDO O CORPUS	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156
ANEXOS	162

INTRODUÇÃO

Toda produção científica parte de um conjunto de variada gama de textos que configuram certo domínio da ciência e fazem parte de um saber interdiscursivo (interdiscurso) de onde incontáveis elementos podem ser retirados para estudo de acordo com o campo de concentração e a posição dos sujeitos que os selecionam. Através do interdiscurso, que se sustenta por uma memória discursiva, a apropriação de vários dizeres, interligados, produz sentidos para quem fala e para quem recebe o que é dito, seja por reprodução, por paráfrases, deslizos de sentido, implícitos, silêncios que os atravessam, etc. Em nossa pesquisa, inserimo-nos no campo de estudo da área da Análise de Discurso (doravante AD) de perspectiva materialista, que tem como maior referência seu fundador, o filósofo Michel Pêcheux. Além de Pêcheux, também trazemos como referência em estudos de AD no Brasil o trabalho de Eni. P. Orlandi, considerada a grande responsável pelos desdobramentos da teoria em nosso território, bem como da consolidação dos estudos pecheutianos que, a partir daí, tiveram seu próprio e natural caminho estabelecido em nosso país.

Para melhor compreensão da história e da historicidade¹ que envolve a institucionalização da Ciência Linguística, nossa pesquisa também se dedica à História das Ideias Linguísticas (doravante HIL), representada por nomes como Sylvain Auroux, Eni Orlandi, Eduardo Guimarães, José Horta Nunes, importantes estudiosos que nos possibilitam uma gama de referências que nos ajudam a pensar o processo de desenvolvimento da Linguística e, simultaneamente à teoria discursiva da AD, atuamos na tentativa de compreensão dos discursos de renomados pesquisadores/linguistas brasileiros sobre aspectos relevantes que colaboraram para o estímulo e impulso dos estudos linguísticos no país, buscamos refletir sobre como se deu esse acolhimento às novas propostas e a confirmação, de fato, da pesquisa linguística no Brasil.

Nosso trabalho na perspectiva da AD ganha equilíbrio em articulação com a HIL, na relação de entremeio entre os dois campos disciplinares, dado que, conforme Nunes, a AD é estabelecida “como um modo de leitura, sustentado por um dispositivo teórico e analítico, que considera a historicidade dos sujeitos e dos sentidos” (2008,

¹ Conforme Orlandi, “Pela análise da historicidade do texto, isto é, do seu modo de produzir sentidos, podemos falar que um texto pode ser – e, na maioria das vezes o é efetivamente – atravessado por várias formações discursivas” (1995, p.113).

p. 110), o que, somado aos estudos da HIL, proporciona um olhar particular ao percurso histórico da Linguística no Brasil e à relação dos sujeitos com a memória. No exercício de rememoração, os entrevistados destacados nesta pesquisa sinalizam uma historicidade a partir da posição em que marcam a si ao mesmo tempo em que se constituem como sujeitos.

É por meio de entrevistas publicadas em edições da Coleção Fragmentum², concedidas por renomados linguistas, que buscaremos analisar o que é dito por esses pesquisadores em referência ao passado, suas trajetórias pessoais, suas referências na área, tentando compreender o processo discursivo pelo qual se manifestam norteados pela memória e o papel que isso teve e ainda tem na história do conhecimento linguístico produzido no Brasil. Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa empregam o “modo de leitura” da AD, amparado por teoria e análise embasada nos dois campos disciplinares.

Para Orlandi, a AD é como “um programa de leitura particular: a que vê em todo texto a presença de um outro texto necessariamente excluído, mas que o constitui” (2007a, p.174), assim faremos a leitura e a análise de nosso arquivo composto por seis entrevistas com importantes linguistas brasileiros. As entrevistas que utilizaremos foram elaboradas ao longo das últimas duas décadas por integrantes do Laboratório Corpus - Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem (UFSM)³ (doravante Lab. Corpus) e publicadas na Revista Fragmentum⁴ (UFSM).

A grande questão que permeia este trabalho é: Qual o papel da memória na disciplinarização da ciência linguística no Brasil? Visamos uma investigação através dos predecessores de quem hoje tem nome consagrado junto à história dos estudos linguísticos no Brasil, vamos tentar nos aprofundar e compreender a teia de relações, registros e referências que foram, ao longo do séc. XX, contribuindo para a institucionalização e disciplinarização da Linguística no país. Para isso, precisamos considerar a constituição do discurso através das entrevistas com os pesquisadores, compreender como esses discursos são presentificados nessas entrevistas e, por

² A Revista Fragmentum é um periódico científico atualmente semestral. Produzida pelo Laboratório Corpus - Fontes de Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), teve sua primeira edição lançada em 2001, desde então, a Coleção Fragmentum conta com 59 edições (2022). Falaremos mais sobre a revista no decorrer do trabalho.

³ www.ufsm.br/laboratorios/corpus.

⁴ www.ufsm.br/fragmentum. Ver cap. 3.2, pág. 91.

isso, a noção de memória se faz essencial para esta pesquisa. Veremos que a memória discursiva não é linear, ela apresenta falhas, lacunas e nem um sujeito tem acesso ao todo, ela é influenciada por aspectos individuais e coletivos, mas não é um ato individual, já que se dá pela preservação e conservação de um acontecimento por parte de um grupo ou comunidade, afetando sentidos no falar, no interpretar, enfim, nas relações sociais. Veremos também que esses sentidos, entretanto, não serão quaisquer sentidos, pois dependem, entre outros fatores, da posição ideológica dos sujeitos. A memória discursiva dá sustentação ao falar, partimos dela ao escolher uma palavra, ao elaborar um enunciado, mas muitas vezes sem perceber que ela está ali, na base do nosso dizer, como se soubéssemos simplesmente. Veremos também, ainda que mais brevemente, como a memória metálica aparece nesse jogo de sentidos, trazendo uma circulação rápida e em grande escala de informações, mas “reduzindo” o saber discursivo a isso, exposição de dados inconstantes. Neste trabalho, onde traremos um olhar sobre a institucionalização e disciplinarização da Linguística no Brasil, também não poderíamos deixar de trazer a concepção de memória institucionalizada, aquela que preserva determinada história em arquivos e instituições como, por exemplo, em bibliotecas, acervos, etc.

Ademais, esta pesquisa pensa a história da Linguística (e do conhecimento linguístico) no Brasil levando em conta a noção de horizonte de retrospectão, formulada por Auroux. Segundo o autor,

nós nomeamos horizonte de retrospectão o conjunto destes conhecimentos antecedentes [...] A existência de um horizonte dos horizontes de retrospectão atesta que o conhecimento tem necessariamente relação com o tempo: não há conhecimento instantâneo. (2008, p. 141)

Conforme Auroux, todo conhecimento tem um pré-conhecimento, tem algo que já está posto, não parte do nada. Se não houvessem conhecimentos prévios, não haveria avanço no saber. Entretanto, vemos que nem todos os pesquisadores que contribuíram para o desenvolvimento da Linguística têm a mesma visibilidade na história e dentro dos cursos de Letras, os jovens iniciantes, até mesmo pela duração do curso, não trabalham (e nem teriam como trabalhar) todos os autores, acabam por fazer leituras de trabalhos de pesquisadores mais renomados, dando, talvez, a impressão de que a produção do conhecimento linguístico iniciou com tais autores e circulou apenas por aqueles destacados pelas grades curriculares, todavia, conforme

ampliação de leituras, vão ficando mais evidentes alguns nomes que contribuíram para o domínio desse saber e que fazem parte de toda uma luta por mudanças que se fizeram necessárias e significativas no ensino.

As entrevistas da Revista *Fragmentum* que serviram de base para nosso estudo trazem nomes muito conhecidos por estudantes de Letras/Linguística, são eles Aryon Dall'igna Rodrigues, Eduardo Guimarães, Eni Orlandi, Izidoro Blikstein, José Luiz Fiorin e Leonor Scliar-Cabral, pesquisadores que, com sua vasta produção científica, aparecem constantemente em bibliografias de programas de ensino em Cursos de Letras e que, com isso, contribuíram e continuam contribuindo para a formação do profissional de Letras. É importante salientar, desde já, que esses pesquisadores, durante as entrevistas, destacam o papel fundamental de seus predecessores, que fizeram grandes contribuições e tiveram importantes produções, como nos mostram as entrevistas, e com quem muitos mantiveram o diálogo. É preciso destacar, contudo, que entrevistas, assim como qualquer produção verbal ou textual, são sempre regidas por condições de produção, condições que podem variar na oralidade, escrita, no registro, envolvendo, também, leituras de acordo com as possibilidades e os dados que se tem em mãos, tanto do entrevistador, quanto do entrevistado. Sempre haverá uma análise sobre o que é dito de ambas as partes e a interpretação de uma pergunta ou de uma resposta pode ser diferente para cada tipo de instrumento utilizado ao coletar um depoimento (pois o instrumento também é incluído como condição de produção), além disso, a interpretação ainda decorre da relação dos sujeitos com a língua e com a história, já que “discurso é o lugar de contato entre língua e ideologia” (ORLANDI, 2007a, p. 17), além de dar-se por efeitos de sentido entre locutores, assim, a leitura é atividade particular.

Cada formato de entrevista tem suas singularidades e uma entrevista é, sob certo aspecto, exposição. Observando isso, constatamos que as entrevistas da Revista *Fragmentum* fluem como uma conversa informal em que entrevistadores permitem que os entrevistados falem à vontade, contando suas histórias de vida pessoal que se entrelaçam com a história de vida acadêmica e profissional, ao mesmo tempo em que (re) avaliam, pela memória, sua trajetória e o caminho tomado pelo ensino de Linguística ao longo dos anos nas instituições educacionais brasileiras. Dessa forma, com este trabalho, pretendemos também demonstrar a dimensão das

atividades de um grupo de pesquisa e revista científica na preservação e sustentação de uma ciência linguística.

O que apresentaremos neste estudo, considerando ser a AD uma teoria que nos permite explorar os processos de formação de sentidos, é uma leitura construída – por um sujeito também em formação, um professor na posição de pesquisador (assim como entrevistadores e entrevistados da Revista *Fragmentum*) – e apoiada em um dispositivo teórico e analítico que possa contemplar, da melhor forma possível, a percepção e o entendimento do que empreende, através do ato de rememoração, o desenvolvimento dos estudos linguísticos no caminho de uma institucionalização e disciplinarização por meio do trabalho de sujeitos que também são formadores, que são pesquisadores prestigiados, não esquecendo que “Assim como o texto não se esgota em um espaço fechado, o sujeito e o sentido também são caracterizados pela sua incompletude” (ORLANDI, 2007a, p. 77).

Para a análise do corpus da pesquisa, do qual fazem parte recortes das entrevistas que constam em nosso arquivo com esses pesquisadores reconhecidos nos cenários nacional e internacional, é necessário considerar essa incompletude sobre a qual cita Orlandi:

A incompletude é uma propriedade do sujeito (do sentido), e o desejo de completude é que permite, ao mesmo tempo, o sentimento de identidade, assim como, paralelamente, o efeito de literalidade (unidade) no domínio do sentido: o sujeito se lança no *seu* sentido (paradoxalmente universal), o que lhe dá o sentimento de que esse sentido é uno. (2007a, p. 78-79)

Não sendo fechado sujeito e sentido, o que a AD e a HIL nos oferecem é suporte para uma leitura na busca pelo processo de formação dos sentidos, processo de constituição dos discursos e reconhecimento de uma historicidade. E uma boa leitura, embora necessite de base teórica, também não pode ser fechada, pois “o sentido está (sempre) em curso”, como nos lembra Orlandi (2012, p.11).

Para alcançarmos os objetivos desta pesquisa, daremos destaque a um sujeito pesquisador que insere um gesto de interpretação (ORLANDI, 2012)⁵ enquanto (re) lembra e (re) produz, seja na escrita ou na fala, uma representação que se dá por esse “gesto” que também “deriva da sua relação com a memória (saber discursivo), interdiscurso” (ORLANDI, 2012, p. 15).

⁵ Falamos mais sobre interpretação no cap. 1.4, pág. 45.

Temos, neste trabalho, basicamente três sujeitos que assumem posições iguais e/ou diferentes em momentos específicos, cada um a partir de um dado momento em uma dada perspectiva: um⁶ pesquisador ocupando também a posição de entrevistador, representado pelo Lab. Corpus, interessado em conhecer e registrar a trajetória de nomes que muito fizeram pela Linguística no Brasil; um sujeito pesquisador/autor/linguista, retomando o passado por um gesto particular de interpretação estimulado pela memória; e um sujeito jovem pesquisador com o compromisso de tentar compreender as relações que especialistas dos estudos sobre a língua e a linguagem têm com o passado e suas referências, mas, principalmente, o modo como produzem sentido ao resgatar suas histórias e a(s) história(s) da Linguística no Brasil sob suas perspectivas instigadas pelas entrevistas.

Em concordância com Petri,

Tomamos o discurso que analisamos como algo que é de impossível demarcação de uma origem primeira e que nunca tem fim, já que sempre há o que compreender dele. Faz-se necessário, então, abrir e fechar nossa análise demonstrando qual é a abrangência de nosso recorte no interior desse discurso. (2013, p. 44)

Embora pareça, a princípio, um trabalho de rastreio a origens, especialmente por remexermos o passado e algumas das histórias da/sobre a Linguística no Brasil através dos pesquisadores entrevistados, retornando em parte da escrita os predecessores, nossa pesquisa não tem o intuito de encontrar a afirmação, o ponto final, a definição exata e nítida de como fatos ocorreram ou não, até mesmo porque a incompletude está na natureza da língua e do sujeito (ORLANDI). O máximo que poderíamos conseguir, neste sentido, é a veracidade da convicção de quem retoma uma história e (re)produz um discurso a partir de suas próprias experiências, mas nem a isso se pode afirmar que há total clareza. Não temos acesso à experiência do outro e apenas isto já nos dá certa dimensão da multiplicidade de sentidos possíveis através da linguagem.

A partir das possibilidades, ao mesmo tempo em que nos posicionamos enquanto pesquisador na tarefa de examinar os dizeres dos linguistas, construímos um caminho de estudos que propiciará dados ao interdiscurso através da interpretação que nos é necessária e abastecida pela teoria da AD.

⁶ Considerando “um”, neste momento, todos os entrevistadores da Revista Fragmentum, assim como considerando “um”, neste momento, todos os pesquisadores entrevistados, além de um (sentido denotativo) sujeito pesquisador desses elementos.

É pertinente lembrar que um “eu” sujeito-pesquisador, para rastrear mecanismos discursivos, assim como o sujeito que elabora a entrevista, acessa dados do interdiscurso de forma diferente do sujeito-pesquisador-autor entrevistado, por estar em outra posição (e por ser outro sujeito). Apontamos, então, neste trabalho, um gesto de interpretação (ORLANDI, 2012) que, somado a um conjunto de textos com o mesmo interesse, constituirá, também, memória.

Embora não nos aprofundemos neste momento a isto, a fala, as memórias e as histórias dos linguistas entrevistados pelos pesquisadores do Lab. Corpus para a Revista Fragmentum também revelam aspectos nem sempre postos em evidência na história da Linguística brasileira. A apresentação do ponto de vista desses sujeitos, que constituem uma história sobre a forma como o conhecimento linguístico se desenvolveu em nosso país, desenvolve nosso entendimento a respeito de quando e como a Linguística começou a se fortalecer e avançar pelas universidades brasileiras, bem como nos proporciona uma mais prudente observação quanto a sua historicidade, todavia, conforme Scherer,

Historicizar, por sua vez, sobre qualquer que seja o objeto, é sempre ímpar e singular, pois provoca uma posição que tenta a toda prova dar conta das diversas tramas que estão nele (objeto) envolvidas. Tramas de uma história costurada por uma certa memória posta na discursividade da história do tempo presente. Aliás, a história do tempo presente é sempre muito ardilosa, pois ela nos coloca armadilhas que estão, via de regra, na ordem da evidência. (2022, p. 13)

À vista disso, precisamos estar atentos ao trabalhar com discursos que configuram o início da institucionalização e disciplinarização da Linguística, centralizados no fato de que o que trazemos nesta pesquisa são ângulos de um prisma com muitas faces. Precisamos observar o que dizem os pesquisadores entrevistados considerando a possibilidade do que Scherer chama “armadilhas” da evidência e, do mesmo modo, vigiando nossa escrita para não cair no traço indicativo de evidência.

Mas como esses sujeitos entendem o desenvolvimento da Linguística? Como esses sujeitos partícipes da história da disciplinarização e/ou do fortalecimento da Linguística no país se colocam na história? Que lugar eles dão a seu trabalho e a de outros colegas nesse movimento de produção intelectual?

Este trabalho, assim, decorre da relação que diferentes pesquisadores têm com a memória discursiva, suas conexões, interpelados sempre por uma ideologia que os vincula a determinado (s) discurso(s) através das Formações Discursivas em que se

(re) inventam. Diferentes pesquisadores, com suas próprias leituras da história, mas com muito em comum. Ao conhecer a história acadêmica/profissional dos linguistas entrevistados e suas relações com seus predecessores, mobilizando o dispositivo teórico-analítico disponibilizado pela AD, acreditamos contribuir para o registro de informações que se definem como apoio ao interdiscurso, vamos ao encontro de uma inscrição na memória discursiva, uma memória também sendo estabelecida pela pesquisa.

PARTE 1

SOBRE AS ESCOLHAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Conforme Nunes (2008), “Há uma produtividade específica quando a AD se posiciona no entremeio com a HIL” (p.111), para o autor, uma ciência é um espaço constituído por diferentes discursos, não um “espaço homogêneo” (2008, p.121), atentando também a isso, acreditamos que as entrevistas nos dão uma interessante visão se pensadas sob a ótica da AD e da HIL, considerando o sujeito, a língua e a história, buscando uma historicidade que perpassa os discursos dos sujeitos envolvidos.

Esses dois domínios do saber que integram as ciências da linguagem fundamentam esta pesquisa que tem como base o papel da memória na disciplinarização da teoria Linguística e suas implicações diante do pesquisador em que resultam, intervém, também na formação das gerações seguintes de outros pesquisadores da mesma área. Pêcheux ressalta a memória discursiva como

aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (1999, p. 52)

Trabalhando com material produzido por um sujeito-pesquisador, é indispensável trazermos as especificidades das memórias discursiva e individual, pois elas contribuem para o discurso sobre a Linguística, mesmo quando de forma inconsciente no(s) sujeito(s). Precisamos destacar que esses discursos provêm também de outros linguistas, não citados nesta pesquisa, assim como de instituições de ensino que representam visões diferentes no que se refere, por exemplo, ao que deve ser ensinado, a quem são os linguistas utilizados como referência e a relevância de suas produções científicas no cenário brasileiro.

Para continuar, devemos pensar um pouco sobre a noção de sujeito para a AD. Sabemos que o sujeito, para o filósofo Pêcheux (1995), é um sujeito ideológico, não há como fugir da ideologia, pois ela faz parte da produção dos sentidos e está presente na prática discursiva.

É a ideologia que, através do “hábito” e “do uso”, está designando, ao mesmo tempo, o *que é* e o *que deve ser*, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada de jogo”. É a ideologia que fornece evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamamos o *caráter material* do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1995, p. 159-160)

Sobre essas “evidências” a que Pêcheux se refere e que o discurso põe à mesa é que o analista deve suspeitar, pois a transparência da linguagem é ilusória, além do fato de que sujeito e sentido têm como característica a incompletude. Ao analista cabe buscar a compreensão de como o sentido se estabelece, como um texto se torna objeto significante, de que forma isso acontece e em que caminho ele se direciona na composição de um discurso, sem esquecer que “palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1995, p.160), o que significa que o sentido não vem literalmente de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, de um texto, ele se dá pela inserção do sujeito em determinada Formação Ideológica, essa inserção é que vai dar condições e determinar a interpretação a respeito de algo que foi dito, produzindo uma significação para o sujeito.

Como afirma Pêcheux (1995), a ideologia é constitutiva do sujeito, ela o interpela em sujeito e, então, não há discurso que não carregue uma ideologia, pois também não há discurso sem sujeito.

[...] o funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema e evidências e significações percebidas – aceitas – experimentadas. (PÊCHEUX, 1995, p. 162)

Inserido em uma Formação Ideológica, o sujeito tem “sua realidade”, que é uma realidade condicionada a sua posição, realidade que é determinada por uma conjuntura que estabelece o que pode e deve ser dito dentro desse quadro onde ele se encontra e a que Pêcheux chama Formação Discursiva, responsável pelas possibilidades do dizer e “estabilização” dos sentidos. A FD assegura determinados sentidos para os sujeitos que acolhe por identificação, o que não significa que os sentidos são evidentes, absolutos, irrefutáveis para todos.

Sendo o sujeito para a AD, um sujeito ideológico, então, a formação do sujeito-pesquisador, considerando também o desenvolvimento de sua própria ideologia e inserção em determinada Formação Ideológica, passa, não apenas por seus predecessores⁷ em posição de professores, de tutores, mas também por outras posições-sujeito influentes na área da educação, seja de cientistas que trabalharam/trabalham com a linguagem, seja da escola, da universidade, do Estado. Dessa forma, constrói-se o processo político do ensino formador.

De um lado, o modo como o Estado administra o político afeta a sociedade e as instituições e, em consequência, a maneira como vivemos as relações de poder geridas pelo Estado e somos afetados, somos significados e nos significamos por elas. De outro, na prática científica, nossas filiações teóricas ressoam a conjuntura política em que vivemos, e isto se configura menos por nossa vontade do que pela relação da conjuntura com o dispositivo conceitual de que lançamos mão, em nossa inscrição na ciência, em nosso caso, a ciência da linguagem. (ORLANDI, 2014, p.17)

Sendo assim, não podemos deixar de observar que as ações do Estado têm papel no modo como se produz uma ciência através da pesquisa. As abordagens, teorias e conceitos utilizados podem ser sugeridas pelas condições políticas, sociais e culturais que envolvem o meio em torno do pesquisador e isso vai da conjuntura como um todo até a disponibilidade de recursos financeiros, podendo, assim, “moldar” (de forma consciente ou não para o pesquisador) a abordagem e interpretação de resultados.

Ainda sobre a formação, peguemos como exemplo o professor de LP do ensino básico. O professor do ensino básico, embora geralmente não trabalhe de modo direto com pesquisa científica, tem sua formação acadêmica e estabelece suas práticas pedagógicas, obviamente, pela prática em sala de aula, mas, antes disso, pelos conhecimentos linguísticos adquiridos e fundamentados em uma sequência de estudos produzidos ao longo de sua vida estudantil, tempo que constitui uma memória. Ele não está só, representa socialmente um todo coletivo na medida em que é responsável direto pelo ensino e revela, em sua prática pedagógica, além do que é atribuído a uma memória individual, resíduos de uma memória coletiva (discursiva), inferida por uma ideologia que pode em medidas ora mais, ora menos amplas, ter base em suas experiências próprias enquanto estudante, seja no ensino básico ou em sua formação acadêmica (além de ser afetado pela conjuntura política vigente em seu

⁷ Falaremos mais sobre os predecessores durante as análises.

período de formação e vigência em sala de aula). O mesmo ocorre na formação do pesquisador, um sujeito também incompleto que se integra ao conhecimento de seus antecessores e, a partir daí, direciona os estudos a uma determinada área do conhecimento que lhe é de interesse. Temos, então, o conjunto de conhecimentos antecedentes nomeado horizonte de retrospectão por Auroux (2021). Segundo Auroux, “Um horizonte de retrospectão pode ser estruturado de múltiplas maneiras. Os conhecimentos podem figurar de maneira indistinta como conhecimentos comuns. Mas eles podem ser indexados, com autores, e também datas (2021, p. 4).

Assim, hoje, tanto o professor do ensino básico quanto o pesquisador em Linguística, constroem sua identidade enquanto sujeito também através da relação que tem com a memória, não apenas individual, mas uma memória institucionalizada ao longo do tempo por predecessores, mesmo que fora do país. A disciplinarização da Linguística no Brasil, naturalmente, também ocorreu assim, entretanto, os primeiros nomes a seguir e avançar nos estudos linguísticos vieram de fora do país ou tiveram suas formações no exterior. Para citar um exemplo: conforme Martins (2012), o professor Theodoro Henrique Maurer Junior começou a ensinar Linguística Moderna na cadeira de Filologia Românica, na Universidade de São Paulo (USP), antes mesmo da disciplinarização da Linguística no Brasil, isto é, antes de os estudos linguísticos aparecerem oficialmente como disciplina nos Cursos de Letras. O professor Maurer estudou Linguística Geral na Universidade de Yale, a terceira instituição de ensino superior mais antiga dos Estados Unidos da América, onde foi aluno de Leonard Bloomfield (1887-1949)⁸. Segundo Fiorin,

a cadeira de Linguística Românica e Glotologia Clássica tem uma orientação histórico-comparativa. No entanto, é nessa cadeira que, graças à formação de seu catedrático, começam a difundir-se as ideias dos fundadores da Linguística Moderna. Essa será a base da formação de toda a geração de linguistas, que estão em atuação hoje em diferentes universidades brasileiras. [...] Na Universidade de São Paulo, seguem-se a orientação pedagógica e as linhas de pesquisa da média das universidades europeias, onde foram recrutados seus primeiros professores. (2006, p.24)

Martins (2012) destaca na citação de Fiorin a importância da formação do professor Maurer para o desenvolvimento da Linguística, os ensinamentos trazidos de

⁸ Leonard Bloomfield (1887-1949) é uma das grandes referências da linguística estruturalista norte-americana. Segundo Duarte et al (2013), foi o fundador da Sociedade Linguística da América (1924) e suas principais obras foram *An introduction to the study of language* (1914) e *Language* (1933). Bloomfield foi tão marcante para a Linguística norte-americana que os estudos na área posteriores a 1925 foram chamados de Linguística pós-bloomfieldiana.

fora do país com base nos estudos de Saussure e Bloomfield possibilitaram trabalhar sua formação teórico-metodológica em sala de aula dentro da disciplina de Filologia. Para Martins,

O início da Linguística no Brasil está fortemente ligado, portanto, à postura político-teórica do sujeito-professor (aliada, claro, às condições institucionais), pois, [...] foi a formação destes profissionais que determinou as linhas teóricas seguidas na Linguística brasileira. Foram os grandes filólogos que ocuparam as principais cátedras universitárias do país e fundaram os primeiros centros de pesquisa dedicados a temas dessa natureza. (MARTINS, 2012, p. 63)

Dessa forma, manifesta-se a dimensão da influência do pesquisador-professor ao longo do desenvolvimento da Linguística em território brasileiro, ressaltando os méritos daquele que precede os estudos de qualquer pesquisador independentemente da área de atuação.

Assim, não podemos esquecer que a relação que o sujeito tem com a língua e com a memória é intrínseca a sua formação e expõe a importância do formador, ou predecessor, na transmissão do conhecimento aos subsequentes estudiosos, pesquisadores, é dessa forma que surgem várias áreas da ciência com suas várias ramificações, o saber, pela visão de Auroux (horizonte de retrospectão). Quando se trata de memória, porém, deve-se considerar que, na medida em que retoma o passado por memória ou lembrança, o sujeito pode submeter-se a equívocos, a falhas, silêncios, esquecimentos, deturpações, ressignificações na materialização da memória pela fala, pela escrita.

Outro fator relevante nesse processo de identificação entre sujeito e predecessor, são as formações imaginárias⁹ (PÊCHEUX, 1993) que envolvem, no caso, uma pessoa formada, especialista em determinada área, e uma pessoa em formação, erguendo sua base de desenvolvimento sob tutoria do sujeito anterior, profissional, na cadeia hierárquica, ou seja, ocupam lugares diferentes. Conforme Pêcheux,

esses lugares são *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo. [...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro." (1993, p. 82, grifos do autor)

⁹ Para Orlandi (2007a, p.15-16), o imaginário do sujeito e do sentido é que dão condições à significação.

Pensando as formações imaginárias devemos considerar a importância do profissional que orienta, do predecessor, mas sem esquecer que ele também pode ser uma projeção, uma imagem traçada pelo perfil individual do sujeito que o descende, principalmente quando se trata de analisar entrevistas que forçam e resgatam a memória de uma aproximação ocorrida há muito tempo. A noção de formação imaginária para a AD, de acordo com Petri, é

aquela que viabiliza a efetivação das relações sociais e que têm seu funcionamento garantido no discurso, enquanto um lugar onde se constituem as relações entre a situação (histórico-social) e a posição (ideológica) do sujeito, produzindo determinados efeitos de sentidos e silenciando outros (2004, p. 121)

Deste modo, a formação dos sujeitos, sejam eles professores, pesquisadores, ou de qualquer outra área do conhecimento, se dá por uma base de sustentação concretizada por quem veio antes, por quem se formou ou se tornou especialista antes e pode ser induzida também pelo imaginário constitutivo das relações. A formação imaginária influencia o valor que damos a sentidos e discursos ao mesmo tempo em que refuta outros sentidos e visões. Saussure, considerado o “pai” da Linguística moderna, tem seu lugar no imaginário que, vez e outra, cerca os estudos linguísticos, frequentemente é remetido ao linguista uma posição de origem, a própria palavra “pai” já alude a uma “herança” que se dá pelo “nascimento” da Linguística Moderna. Apesar da magnitude do Curso de Linguística Geral (CLG), Saussure também teve uma base de sustentação, suas fontes, seus tutores, e, apesar de a primeira tradução brasileira do Curso de Linguística Geral ter sido feita apenas em 1970, por Izidoro Blikstein, outros textos e leituras, assim como o conhecimento de estudiosos da língua e da linguagem, circulavam pelo país antes disso. Vale ainda uma observação a respeito dos orientadores. Citemos o caso de Pêcheux, teórico que está no cerne do desenvolvimento da Análise de Discurso: o filósofo não teve orientador, ou seja, não teve um predecessor em teoria de AD, mas obviamente teve diversas referências, fontes de estudo e base de apoio ao conhecimento adquirido para desenvolver a teoria em questão.

Entendemos com Aurox - segundo o qual “o ato de saber (a produção de conhecimento) não é ele mesmo algo sem relação com a temporalidade” (2008, p. 141) -, que nenhum conhecimento surge pelo acaso. Diríamos, inclusive, que o conhecimento, por ter relação com o tempo, é vinculado à memória que está nos

instrumentos que fornecem suporte para atestar esse saber, seja através da escrita ou da fala verbalizada dos sujeitos em livros, artigos, apresentações, entrevistas.

Para explorar a mobilização da memória pela perspectiva discursiva, conforme Muzzi, é preciso que não haja confusão “com um mero retorno às frases ditas e escutadas no passado, como se a memória fosse um mero depósito onde se acumulam informações antigas, aleatórias e dispersas” (2011, p.139). Memória não é o mesmo que lembrança, embora se apresentem habitualmente como sinônimos para o senso comum, interessa-nos nas entrevistas o movimento que motiva a produção de sentidos diante da rememoração dos sujeitos.

Todo sujeito, por meio de (re) conexões da/com a memória, resgata dizeres pré-construídos com sentidos restritos à(s) Formação(ões) Discursiva(s) filiada(s), não se pode dizer “x” e “y” ao mesmo tempo e da mesma posição, quando se diz “x”, não se diz “y”, ou seja, no ato de elaboração do dizer, ainda na instância do pensamento, há substituição de palavra por palavra na tentativa de controlar os sentidos, na ilusão da singularidade do sentido de cada palavra, mas “se ao falar sempre afastamos sentidos não desejados, para compreender um discurso devemos perguntar sistematicamente o que ele cala” (ORLANDI, 2007a, p. 152) e, em nosso gesto de interpretação dos processos de produção dos sentidos que constituem o discurso - que, no caso, começa pela construção do arquivo de pesquisa -, não podemos esquecer o fato de que o sujeito, conforme preceitos da AD, sendo atravessado pela ideologia, fala sempre de uma determinada posição a partir de uma FD específica, “todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras” (ORLANDI, 2007a, p.15), mas o sujeito, sozinho, não produz um discurso,

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. Essa é uma determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos (ORLANDI, 2001, p.35-36)

Ao retirar elementos do interdiscurso, ou seja, daquilo que já está empregado em algum lugar, vindo de outros dizeres, o sujeito, ao elaborar respostas para a entrevista, coloca-se diante de um discurso marcado pela história e que é definido, além disso, pelas Formações Imaginárias que propõem a existência de processos discursivos já postos, porque o discurso não é uma fala, um enunciado, um texto, ele se dá pela regularidade discursiva, pela retomada de dizeres, deslizes, equívocos

presentes no falar. “O discurso, sempre construído a partir de hipóteses histórico-sociais, não pode se confundir nem com a evidência de dados empíricos, nem com o texto” (ORLANDI, 2012, p. 38), como buscamos um discurso produzido pela regularidade, ele necessariamente decorre, pois, não de um sujeito (indivíduo), mas de sujeitos (coletivo) associados a FDs iguais e/ou diferentes, sujeitos interpelados por uma ideologia, daí a necessidade das entrevistas.

As FDs, além de serem “diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes” (ORLANDI, 2007a, p.20), são definidas por um conjunto de dizeres que podem, também, adentrar outra(s) FD(s), sendo, portanto, tarefa difícil estabelecer seus limites. O sujeito (entrevistado), então, pode ocupar posição tanto em uma, quanto em duas, três, ou mais, FDs a partir de uma dada Formação Ideológica.

1.1 História das Ideias Linguísticas e Análise do Discurso: a importância das teorias para esta pesquisa

A Linguística Moderna, para Nunes (2008, p. 109), “não é considerada o ponto de início das ciências da linguagem”, essas ciências teriam uma história mais longa e múltipla, “Assim, quando utilizamos o adjetivo linguístico, ele se refere a qualquer saber produzido sobre a linguagem na história” (Ibid.). Tratemos, neste capítulo, duas vertentes linguísticas dessa multifacetada ciência: AD e HIL.

De acordo com Martins (2012), foi com o desenvolvimento do projeto História das Ideias Linguísticas, a partir de proposta da professora Eni Orlandi, em 1987, que se iniciou uma “organização” em torno de estudos referentes à história da língua e do conhecimento linguístico no Brasil. Naquele período, Orlandi observava que

o estudo da língua nacional no Brasil vinha-se dando a partir de estudos esparsos, seja gramaticais, seja com finalidades pedagógicas seja, ainda, com fins apenas descritivos. Estudos históricos que levassem em conta o social e o político, quando se faziam, também eram fragmentários e não seguiam um plano de pesquisa integrado em um objetivo mais geral, pensando a língua, os que falam, a sociedade que constituem o próprio funcionamento do Estado e suas jurisdições e a sua relação com a ciência (2002, p. 10)

Foi assim que, explica Ferreira (2018), inicia-se a institucionalização da HIL no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp com

o projeto nomeado “Discurso, Significação, Brasilidade”, coordenado por Orlandi. A ideia era estudar a construção dos discursos sobre nossa identidade em nossa história, no Brasil, como nos significamos enquanto brasileiros. Esse início da HIL no Brasil foi possível, inclusive, através de um convênio entre a Unicamp e a Universidade de Paris VII, após Orlandi tomar conhecimento do trabalho sobre HIL que estava sendo desenvolvido por Aurox na França. As equipes de Brasil e França, juntas, iniciaram o projeto História das Ideias Linguísticas: construção de um saber metalinguístico e a constituição da língua nacional, o que, segundo Ferreira (Ibid.) fortaleceu as relações de colaboração entre universidades e instituições de pesquisa nacionais e internacionais, com destaque para a oficialização de convênios entre a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica - Procad/CAPES, e a Universidade do Estado do Mato Grosso, através do Programa de Qualificação Institucional - PQI/CAPES, impulsionando as pesquisas em HIL no Brasil a partir dos anos 2000. Dentre os três principais projetos desenvolvidos a partir da oficialização de um Programa de Pesquisas oriundo dessas relações de colaboração entre universidades e instituições brasileiras e internacionais, Ferreira destaca:

Quadro 1 – Projeto do Programa História das Ideias Linguísticas – HIL com apoio do acordo Capes/Cofecub

Período	Projetos do Programa HIL com apoio do acordo Capes/Cofecub	Coord. Brasil/ Coord. França
1992-1995	Construção de um Saber Metalinguístico e a Constituição da Língua Nacional (nº 138/93/97)	Eni Orlandi (Unicamp) Sylvain Aurox (Université Paris VII)
1996-2003	Ética e Política das Línguas (nº 313/00/02)	Eni Orlandi (Unicamp) Diana Luz Pessoa de Barros (USP) Sylvain Aurox (ENS Fontenay/Saint-Cloud)
2005-2008	O Controle Político da Representação: Uma História das Ideias (nº 490/05)	Eduardo Guimarães (Unicamp) Jean-Claude Zancarini (ENS-LSH)

Fontes: Site do Programa HIL no Brasil¹⁰; Plataforma Lattes; Orlandi (2001); Estatísticas Capes/Cofecub¹¹.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/hil/>>. Acesso em: 2 out. 2021.

¹¹ Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/1572015-estatisticas-capescofecub-1978-2015-pdf>>. Acesso em: 2 out. 2021.

Foi a contar desses principais projetos de pesquisa que vieram novos estudos e projetos de iniciação científica, de mestrado e de doutorado voltados para HIL em várias instituições de diferentes regiões no país. Conforme Ferreira (2018), um crescimento que favoreceu e possibilitou “a institucionalização de linhas de pesquisa, de disciplinas em História das Ideias Linguísticas, bem como de disciplinas que levam em conta essa área em cursos de graduação e de pós-graduação” (FERREIRA, 2018, p. 20). Além do mais, as publicações oriundas dos estudos em HIL não apenas divulgam o conhecimento como também conduzem a uma legitimação do saber que se dá pelo contato da comunidade científica com esse conhecimento, isso também ocorre, por exemplo, através das revistas acadêmicas/científicas (Schneiders, 2018). Para Schneiders (Ibid.), “quando certos saberes passam a constituir as práticas científicas, compreendemos uma (de) marcação de lugar em certas condições de produção”.

Observamos, especialmente a partir das referências de Orlandi, que os estudos iniciais que possibilitaram a institucionalização da HIL em território nacional se deram pelo vínculo com a AD e seus conceitos já bem estabelecidos pela teoria que vinha sendo trabalhada no país desde a década de 1970, quando a AD começa a ser ensinada nos cursos da PUC Campinas e na USP ainda antes de se estabelecer como disciplina. De acordo com Ferreira (Ibid.), embora os primeiros projetos de HIL tenham surgido por forte articulação com a AD aplicada por Pêcheux na França e Orlandi no Brasil, isso não inviabilizou a integração de pesquisadores de várias outras áreas como da sintaxe, semiótica, pragmática, sociolinguística, lexicografia, história, etc., pelo contrário, a partir de então, essas e outras áreas do conhecimento puderam desenvolver suas próprias pesquisas ajustadas e conectadas aos estudos da HIL, o que queremos realçar é que a relação entre a AD e HIL, consoante a Ferreira, “é fundante para a constituição dessa área no Brasil” (Ibid., p. 27) e o desenvolvimento de pesquisas em HIL conectadas a outras filiações teóricas apenas reforça “um efeito de institucionalização” (Ibid., p.20).

É pertinente mencionar também, de acordo com Nunes (2008), a relação do saber linguístico à constituição da língua nacional pelo projeto HIL desenvolvido no Brasil. Nunes considera que materiais que produzem um conhecimento linguístico “participam também da formação de uma língua nacional em um país de colonização, no qual a língua do colonizador foi imposta” (2008, p. 111). Embora isso não seja

aprofundado aqui, merece reflexão especialmente por se tratar de mudanças nas relações entre nações que se estabeleceram historicamente como colonizadora e colonizada, termo que estimula, pelo imaginário, o sentido de submissão de um país a outro. No que tange à produção científica, à elaboração de instrumentos linguísticos, à rede institucional, determinantes desse processo de “descolonização linguística”¹² (ORLANDI, 2007b), segundo Nunes, há

uma nova configuração das relações internacionais, situação essa que coloca novos questionamentos e direcionamentos, como os que se referem à questão das políticas de língua, do multilinguismo externo e interno, da ‘lusofonia’, das relações entre diversas tradições linguísticas. (2008, p. 111)

Sem descuidar a questão da relação entre AD e HIL, devemos mencionar ainda Nunes (2008), o autor considera que, apesar de a AD e a HIL terem métodos específicos, o contato entre esses dois domínios da linguagem, bem como das questões que um dispõe a outro, trazem reflexões e repercutem em ambas as direções. Quando começamos a pensar esta pesquisa, supomos que seria interessante trabalhar uma articulação entre AD e HIL, como segue a tendência de muitos trabalhos desenvolvidos nos últimos anos, entretanto, no decorrer das leituras que realizamos e referências que nos debruçamos, percebemos que operarmos com essa articulação seria mais do que apropriado, seria indispensável a nossa proposta. A tarefa a qual nos desafiamos necessita tanto dos preceitos da AD quanto da HIL na medida em que procuramos compreender, através da memória, o funcionamento dos discursos dos linguistas entrevistados, um funcionamento que tem relação necessária com o presente e com o passado, considerando o que é dito nas entrevistas (e isso nos leva também à seguinte questão: há uma posição dos entrevistados à época para a Revista Fragmentum sobre fatos e impressões apanhadas há muito tempo, ainda seriam os mesmos sujeitos?!).

Para compreendermos esses discursos, em primeiro lugar, precisamos conhecer o percurso de formação dos linguistas bem como o percurso da própria Linguística durante seu processo de institucionalização e disciplinarização no Brasil, é preciso conceber o que é dito pelos entrevistados sem esquecer de que há implicações da memória, de que há condições de produção específicas no momento

¹² Noção proposta por Orlandi (2007b) diante de uma já possível autossuficiência brasileira na produção de conhecimento linguístico.

em que ocorrem os fatos e interpretações realizadas em determinadas conjunturas, precisamos da história, mas, mais do que isso, precisamos compreender a historicidade. De acordo com Orlandi,

A história está ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder (a política). Assim, a relação da AD com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos. (ORLANDI, 1990, p. 35)

Assim, o que molda a história não seria uma sequência linear, cronológica de acontecimentos, mas, sim, relações de poder, dinâmica política. A AD nos permite refletir diante de um texto sobre essas relações de poder apresentadas em determinados momentos históricos, buscando compreender como se dá a historicidade em meio a esse confronto de sentidos que a pesquisadora traz na citação acima. Orlandi reitera que a AD marca a HIL porque sinaliza a distinção entre história e historicidade. São “os meandros do texto, o seu acontecimento como discurso [...], o trabalho dos sentidos nele, que chamamos historicidade” (ORLANDI, 2012, p. 55). Para Auroux (2021, p. 3), “O ato de saber (a produção do conhecimento) não é em si sem relação com a temporalidade”, o que quer dizer que, como vínhamos referenciando, o conhecimento deve ser pensado com as marcas de um contexto histórico específico, está relacionado a uma perspectiva que considera o passado e olha para o futuro, ou seja, o conhecimento científico se dá pelo “acúmulo” de saberes ao longo do tempo, é olhando para esse horizonte que podemos compreender melhor a historicidade e a memória que condicionam, de modo geral, a prática científica.

Dias (2012) entende que se a história se organiza, da perspectiva discursiva, pelas práticas e relações de poder e de sentidos, bem como cita Orlandi, então há uma dualidade peculiar no trabalho do analista de discurso ao fazer HIL. Para a pesquisadora,

de um lado, na relação com o texto, esse sujeito analista busca apreender a historicidade constitutiva do discurso na sua materialidade, em que, ao mesmo tempo que interpreta, ele descreve situando uma história no tempo; por outro lado, é pela compreensão dessa historicidade que ele é levado a discursivizar pela História das Ideias, o que é um modo de compreensão da própria história do conhecimento linguístico. (DIAS, 2012, p. 25)

Desse modo, a relação que o sujeito tem com o texto está relacionada ao efeito-leitor, “a maneira como você textualiza produzirá um certo efeito-leitor” (ORLANDI,

2006, p. 37), o modo como um texto é formulado produz efeitos de sentido que vão constituindo a posição de um sujeito e a leitura que o mesmo faz se dá juntamente com as possibilidades provenientes do que foi escrito a partir de uma determinada discursividade, “a maneira como um discurso se textualizará produzirá um certo efeito-leitor [...] você não tem um sentido alocado em algum lugar, mas o efeito-leitor vem de todo esse possível” (Ibid.). Para Orlandi (2006), não há “um ajuste perfeito entre a discursividade e a formulação que você faz da discursividade” (Ibid.).

Ao mesmo tempo em que interpreta, produzindo sentidos, o próprio sujeito se constitui enquanto sujeito, então, a nosso ver, o sujeito se produz ao historicizar e ao produzir discurso pelas interpretações que lhes são possíveis na busca de compreensão de um ato, um fato, um texto historicamente posicionado.

O discurso produzido, que é o contar (fazer) história, só é possível, no entanto, quando o sujeito analisa o faz através de uma perspectiva teórico-analítica, como explica Ferreira:

O analista que não vivenciou a história a ser contada, ao contá-la, o fará do interior de uma história e não fora dela. O analista que vivencia a história a ser contada também não a contará fora dela. Ou seja, o analista não conta, simplesmente, a história; ele faz uma história. Disso não decorre que não haja rigor teórico e metodológico para se fazer história. A teoria e a metodologia precisam produzir instrumentações para que se faça história, não saindo dela, o que não é possível, mas saindo de algumas evidências por ela produzidas. Não é possível sair de todas as evidências, mas é preciso poder desestabilizar as evidências históricas daquilo que se vai tomar como objeto de estudo (FERREIRA, 2009, p. 41)

Em outras palavras, inserido na história, vivenciando-a ou abordando-a de uma perspectiva, o analista também faz história ao buscar a relação entre dizeres, entre diferentes materialidades discursivas, o gesto de interpretação inserido por ele movimenta os sentidos muitas vezes enraizados na/pela história. É esse gesto que desestabiliza as evidências históricas.

Para Dias, pelo prisma da AD a interpretação é um modo de confrontar os sentidos, necessário ao fazer HIL. O processo pelo qual se constituem os gestos de interpretação é esse fazer HIL no Brasil, e esses gestos se dão “em meio a lacunas, a contradições, a não linearidades dessas histórias, em que se faz necessário um suporte teórico que ancore nossa compreensão sobre o objeto de estudo” (DIAS, 2012, p. 25), a partir daí é que buscamos o dispositivo teórico e analítico da AD para chegarmos ao gesto interpretativo que conduz esta pesquisa. Se a interpretação é um

modo de confrontar os sentidos, esse confronto, que provoca efeitos de sentido, ocorre porque “ao ‘contarmos’ uma história, colocamo-nos em um espaço de entremeio, da *não-definição* [...] de um universo de possibilidades” (DIAS, 2012, p. 26).

O percurso do analista de discurso, entretanto, para Nunes,

quando segue de perto as pistas da materialidade textual, leva a diferentes espaços e tempos, [...] ao enxergarmos os materiais históricos com as lentes de estudos que também se deram na história, estamos envolvidos nessa grande trama de sentidos em que se apresentam diferentes imaginários do objeto de saber. (2008, p. 119)

Dessa forma, para que possamos produzir um gesto interpretativo sobre o material de análise desta pesquisa, ou seja, as entrevistas, precisamos nos colocar diante desses diferentes espaços e tempos, conforme discorre Nunes, para que possamos vislumbrar o caminho e, ponderadamente, aproximar-nos dos processos discursivos que ali estão. Lembremos que as entrevistas transcritas que dão base para esta pesquisa são textos, e o texto, como Orlandi define, é uma “unidade de análise afetada pelas condições de produção” (2012, p. 60).

Ainda de acordo com Nunes (Ibid.), temas normalmente tratados em HIL como conceitos e teorias, obras, autores, instituições, periodização, são desenvolvidos de modo particular sob o ponto de vista da AD. O pesquisador nos apresenta como exemplo a questão da periodização cronológica para as perspectivas da HIL e da AD, dado que, para o autor, a periodização se faz necessária para localizar fatos, fazer comparações de tradição linguística, mas, sob a ótica da AD, temos um tratamento específico, o olhar discursivo “considera também o modo como a temporalidade é construída em cada discurso, como ela funciona por fixação imaginária, por retomadas, por re-atualizações da memória” (NUNES, 2008, p. 111), eis um exemplo de como precisamos tanto da AD quanto da HIL para compreendermos, através do gesto de interpretação, a construção dos discursos presentes nas entrevistas com os linguistas que fizeram parte da história da produção de conhecimento linguístico no Brasil.

Para melhor ilustrarmos a relação de entremeio entre a AD e HIL a que nos inserimos neste trabalho, também retomamos Nunes, segundo o qual a concepção do “campo de ‘uma’ ciência não é um espaço homogêneo” (Ibid., p. 121), pelo contrário, é um espaço que se dá por diferentes discursos. Nunes destaca, inclusive, a fala de

Pêcheux e Fuchs (1990) para exemplificar o que seria a própria Análise Automática do Discurso na concepção dos autores: uma articulação entre materialismo histórico, a Linguística e a teoria do discurso ainda “atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica” (Ibid., p. 121), a prova de que “uma” ciência não se estabelece sem que haja influência de outras áreas do conhecimento. Entretanto, o entremeio não seria “em meio a tudo ou a qualquer coisa”, pois

ele tem uma história e resulta de um longo e contínuo trabalho acadêmico de configuração e de reconfiguração das fronteiras dos conhecimentos, trabalho esse que se debruça inclusive sobre as contradições entre os diferentes domínios do saber. (NUNES, 2008, p. 121)

Assim, o trabalho que se dá nessas fronteiras dos conhecimentos, proporcionado pela filiação AD/HIL, contribui, segundo Ferreira (2018), para o processo de descolonização linguística e descolonização científica, permitindo que o pesquisador brasileiro se apresente em um espaço particular de estudo ao falar das ideias linguísticas no Brasil e no mundo, o que permite, de acordo com a autora, um caráter representativo que o coloca não mais “apenas no domínio da História das Ideias Linguísticas no Brasil, mas no domínio da História das Ideias Linguísticas do Brasil” (Ibid., p. 28).

Em nosso caso, nesta pesquisa, o que esperamos através do dispositivo teórico e analítico da AD em articulação com os estudos da HIL é encontrar o suporte necessário para compreender a construção de discursos de sujeitos muito íntimos aos processos de institucionalização e disciplinarização da Linguística no Brasil, que viveram e fizeram a história, que compreendem a historicização desse processo que também é político e que, através de suas falas, posicionam-se e se estabelecem como parte de uma memória discursiva. Na busca dessa compreensão, representamos nesta pesquisa mais um gesto de interpretação estimulado pela correspondência entre a AD e a HIL.

1.2 A Memória Discursiva

Desde o início da evolução humana, a linguagem expressa (ou, ao menos, tenta expressar) sentidos. O que é dito através da língua invoca a memória individual e a discursiva dos sujeitos, o que já foi dito sobre determinado assunto, por quem já foi dito, quando foi dito, em que circunstâncias, etc., tudo isso, claro, dentro de uma

rede de filiação teórico-ideológica a qual o mesmo está inserido e que dá limites a sua compreensão do todo, mas que, dentro dessa rede, (re)estabelece sentidos específicos.

É impossível para o ser humano acessar todos os já-ditos, todos os escritos, nem temos capacidade para armazenar todas as informações, o que podemos e fazemos, então, é associar o que ouvimos ou lemos a um acervo de dizeres que conhecemos e retemos na memória. Assim, as repetições, as paráfrases, reformulações sobre o que foi dito por determinado autor nos mantém atualizados no discurso, ajuda, por exemplo, na construção da imagem do autor-pesquisador diante de uma teoria. No entanto, para que aconteçam essas atualizações, os meios de divulgação do saber também são essenciais.

O pesquisador em Letras se constrói pela divulgação de estudos no meio científico, pela relevância e alcance de sua pesquisa, de sua escrita, de suas publicações, no entanto, a velocidade de difusão de textos científicos no campo da Linguística começou a acelerar apenas em meados do séc. XX, chegando ao conhecimento de um público cada vez mais abrangente, no Brasil, a partir da criação das primeiras Faculdades de Letras e cursos de Linguística Geral. Hoje, por exemplo, os meios de divulgação de qualquer saber, de qualquer conhecimento, são muito diferentes do que eram há um século e temos uma variedade de formas midiáticas que antes eram inimagináveis, portanto, até mesmo a memória discursiva mudou, o interdiscurso ampliou horizontes de acesso.

Para Muzzi, ao tratarmos sobre memória discursiva temos de ter em mente suas particularidades, “Em primeiro lugar, a memória discursiva não é linear. Ela é constituída por falhas e lacunas. Por conta disso, ela constitui-se o lugar de desdobramentos, réplicas, polêmicas” (2011, p. 140), além disso, o sujeito tem acesso apenas a partes de um todo, o “todo complexo com dominante das FDs”, que é o próprio interdiscurso segundo Pêcheux (1995, p.162). Há de ser considerado, ainda, que os dados do interdiscurso não se apresentam ao sujeito como páginas enumeradas de um livro e, como a memória não revela transparência, os sentidos que ressoam dela podem variar do sujeito falante para o sujeito ouvinte, sentidos entendidos de formas distintas consoantes suas filiações a FDs.

Conforme Davallon,

para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão. Porque é essa possibilidade de fazer impressão que o termo “lembrança” evoca na linguagem corrente.[...] lembrar um acontecimento ou um saber não é forçosamente mobilizar e fazer jogar uma memória social. Há necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social. (1999, p.25)

Essa “impressão” referida por Davallon, que registra um fato ou acontecimento, para que constitua memória, não pode se dar por um ato individual, é preciso que um grupo encontre ali significância marcada pela história. Segundo o autor, uma memória coletiva tem esse caráter paradoxal que é “sua capacidade de conservar o passado e sua fragilidade devido ao fato de que o que é vivo na consciência do grupo desaparecerá com os membros deste último” (1999, p.25). Dessa forma, a memória discursiva é estabelecida por sujeitos, grupo, coletivo, no encontro de suas referências. O que chamamos “saber discursivo”, de acordo com Venturini, “disponibiliza dizeres que afetam o sujeito diferentemente em cada situação discursiva, em razão do que vem pela história e da identificação do sujeito à FD” (2009, p. 98-99), esse saber é disponibilizado pelo pré-construído, pelo já-dito (ORLANDI, 2001).

Ainda por uma perspectiva discursiva, Venturini aponta que o funcionamento da memória pode ser compreendido em duas instâncias que são “o interdiscurso e o intradiscurso” (2009, p. 33), ou seja, o sujeito, ao falar, constrói-se, interpretando e ressignificando ao retomar dizeres que estão no interdiscurso, na memória discursiva, e que emanam certos sentidos (com deslizos, com equívocos, etc.), o que indica sua posição em uma dada FD, como vimos em Pêcheux (1995), ponderando que o sentido não pode ser qualquer um. O sujeito, entretanto, de acordo com Orlandi,

não adere a formações discursivas automaticamente e elas, por sua vez, não se apresentam como espaços maciços de sentido. Há espaços de silêncio que são o índice particular da história particular do sujeito em sua relação com a linguagem, ou melhor, de sua história em face da articulação entre as diferentes formações discursivas e de seus deslocamentos. (2007a, p.87)

Pela relação particular do sujeito com a língua e com a história, além do fato de que o sentido tem como característica a incompletude, é que os limites das FDs são flexíveis. A memória discursiva estabelece, digamos assim, medidas para identificação do/no sujeito a uma FD específica, ou, de acordo com Pêcheux (1995, p.

162), a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso, interpelação que se efetua mediante o complexo das Formações Ideológicas.

Ainda nos interessa a visão de Venturini quanto ao lugar da memória. Segundo a autora, esse lugar “possui um duplo papel: impede o esquecimento de antigas tradições, como agente de mudança e transformação, pela preservação das tradições, e promove o resgate dos laços de continuidade” (2009, p.70) e é na busca de um arquivo formado por entrevistas, que procuramos encontrar as marcas de esquecimento, de preservação, de continuação, de transformação do que era e como foi pensado antes, e que acabou direcionando a pesquisa em Linguística ao modo como ela se dá hoje. Passado e presente que se relacionam pela memória, essa com suas falhas, com seus esquecimentos, desdobramentos, com sua não transparência, mas que tem papel na idealização de concepções e práticas de leitura, de escrita, de pesquisa no desenvolvimento dos estudos linguísticos.

Esse “lugar da memória” é descrito por Courtine de modo semelhante, visto como “um sistema de conservação de arquivo, uma rede de difusão que permite fazer ressurgir os enunciados, tornando-os, uma vez mais disponíveis, quando a necessidade da luta política os reclamam” (2006, p.88), memória também é condição de produção do discurso, ela está presente no falar, no interpretar, nas relações entre os sujeitos, ou melhor, nos efeitos de sentido entre locutores.

Do mesmo modo, o esquecimento é condição de seleção e apagamento de determinadas informações da memória. Quando o sujeito acredita ser origem do que diz¹³ está, com efeito, e em conformidade com Orlandi (2001), produzindo sentidos já postos em outro local, em outro momento, por outro(s) sujeito(s), “Na verdade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós” (ORLANDI, 2001, p.35), os sentidos dependem de nossa inscrição na língua e nossa relação com a história, o que nos posiciona em determinada FD. Pela declaração de Pêcheux, “palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (1995, p. 160), para o filósofo, o sentido não existe “em si mesmo”, ele é dependente da posição ideológica de quem (re) produz uma palavra, uma expressão, uma proposição, a partir da FD de onde se manifesta, uma vez que esta “determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p.160) em uma dada posição, em uma dada FD.

¹³ Esquecimento número 1, conforme Pêcheux (1995, p.173-174).

O interdiscurso, no entanto, não pode ser associado à memória metálica, conceito posto por Orlandi (2012) e também explanado em sua entrevista à Revista *Fragmentum*. A pesquisadora explica que a memória metálica “é produzida pelos autômatos mesmo, pelas máquinas”, ou seja, é pensada “na informatização da linguagem dos múltiplos meios, os multi-meios [...] um simulacro de memória, ela é um artefato mesmo, da qual temos até uma representação eletrônica” (2006, p.26) e o seu funcionamento. Segundo Dias, é

produzir, pela quantidade, o esvaziamento do sentido do dizer engajado, significante na história. O excesso, a quantidade, sentidos de repetição em série, esvaziam o dizer, submetendo-o a uma existência técnica, replicável no eixo da própria circulação. Daí dizemos as mais curtidas, mais compartilhadas, os trendings topics, que se formulam na quantidade replicável dos dizeres. O sentido é da ordem da quantidade, não da historicidade desses dizeres. É da instância da circulação. ([s.d.])

O foco está na repetição, na circulação rápida e massiva, no engajamento virtual. O excesso de informação tira o sentido e a relevância histórica do que é apresentado, sendo, portanto, tudo temporário na memória metálica.

Essa memória, ao contrário da memória discursiva ou da memória institucional, outro conceito proposto por Orlandi, tem como característica a instabilidade. Segundo Orlandi, “A memória metálica (formal) ‘lineariza’, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições” (2012, p. 15-16), sendo assim, ela “limita” a discursividade. Orlandi segue:

só produz o mesmo, em sua variação, em suas combinatórias. [...] A informatização, a prática da escrita de textos no computador, transforma efetivamente a relação do autor com sua escrita, em função da mudança da materialidade da memória discursiva. (2012, p. 16-17)

Sobre a memória institucionalizada, a pesquisadora a tem como o arquivo, a memória, por exemplo, que está na Biblioteca, no Gabinete Português, na Biblioteca Nacional de Paris, a memória dos museus, das instituições, “é uma memória institucionalizada, ou seja, isso é um arquivo, uma memória que não se esquece, ou seja, todo mundo colocou lá um documento para não se esquecer de uma certa história” (2006, p. 40), diferentemente da memória discursiva, essa, sim, considerada pelo interdiscurso. A memória discursiva é memória estruturada, de acordo com Orlandi, pelo esquecimento e que funciona porque esquecemos e falamos como se simplesmente soubéssemos, são os já-ditos que sustentam o dizer.

Quando se trata de rememoração, no entanto, como ocorre nas entrevistas da Revista Fragmentum, precisamos considerar que ela “ocorre na dimensão não linear do dizer e ocupa o espaço do já-dito e do significado antes, em outro lugar, cujo retorno ocorre pela repetição que, de um lado, estabiliza os sentidos e, de outro, instaura o novo” (VENTURINI, 2009, p. 73), o que dá, no caso, uma dimensão de continuidade e renovação ao discurso dos entrevistados.

1.3 As Regularidades do Discurso

Já mencionamos neste trabalho que um sujeito, sozinho, não produz discurso, pois este tem relação com a exterioridade que lhe é constitutiva, Orlandi afirma que já nascemos diante de processos discursivos em andamento e nós é que entramos no movimento do discurso, ele não se origina em nós e sempre “remete a um outro discurso, presente nele por sua ausência necessária” (2012, p. 30). Nesse movimento de “produção”, que entendemos como desenvolvimento no sentido de avanço do discurso, “o sujeito toma como suas as palavras da voz anônima produzida pelo interdiscurso (a memória discursiva)” (ORLANDI, 2012, p.31), daí a pertinência e o peso da memória, noção de valor a esta pesquisa para que possamos compreender a produção discursiva.

Mas pensar a memória do pesquisador em Linguística sob análise de entrevistas, igualmente requer reflexão a respeito de um passado apresentado a partir de seu ponto de vista, ao alcance da memória individual e seu acesso ao interdiscurso - memória discursiva -, suas compreensões diante de fatos que marcaram sua formação, enfim, suas perspectivas, gestos de interpretação. A essas perspectivas precisamos considerar alguns fatores que compõem as condições de produção do discurso manifestado em seu dizer, como a formação do entrevistado, o tempo dos fatos ocorridos conforme relatos em relação ao presente, assim como também precisam ser observadas condições naturais como as possibilidades do não-dito, os implícitos, as repetições, as contradições (se houver), o silêncio fundante e política do silêncio (conforme Orlandi, 2007a)¹⁴, os esquecimentos (a memória que se apaga com

¹⁴ Segundo Orlandi, há duas categorizações das formas do silêncio: o silêncio fundante (ou fundador) e a política do silêncio. “A primeira nos indica que todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio; a segunda diz que – como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição sujeito -, ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo “outros” sentidos” (2007a,

o tempo), a conjuntura temporal, assim como outros aspectos que, logicamente, fluem em direção à organização de um discurso e à própria construção da identidade do sujeito.

Considerando as condições de produção, muitos são os fatores que vão construindo, por entre a realização de sequências enunciativas, os sentidos que vão estabelecendo o trabalho em direção a uma ideia. Associado às entrevistas, buscaremos aqui contextualizar o que é dito pelos pesquisadores com o momento sócio Histórico em que os fatos relatados teriam ocorrido, momento que compreende parte das condições de produção. De acordo com Orlandi,

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio- histórico, ideológico. (2001, p.30)

Para considerarmos esse sentido amplo que envolve o contexto sócio histórico e ideológico precisamos da operação da memória. A memória discursiva tem papel essencial para produção do discurso (ou seja, também é condição de produção) e para reconhecimento por parte do analista das recorrências que o acompanham não só em nível sintático, mas também semântico, “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2001, p. 31), mas essa memória é apenas parte das condições de produção da fala, da escrita, da leitura que o pesquisador fez durante sua trajetória e (re) constrói no processo de rememoração a se ver frente a um questionário, por exemplo, elaborado por outros sujeitos pesquisadores da língua e da linguagem. Tudo isso produz efeitos de sentido que atuam até mesmo na legitimação ou não de um discurso, dado que as condições de produção em sentido amplo também podem afetar a historicidade.

Além desses fatores, há de se considerar, no rastreo de regularidades discursivas, as condições de produção de/da leitura que o próprio analista necessita para identificar o que seria possível regularidade em uma construção semântica, por exemplo. Então, a regularidade discursiva está relacionada, além da memória e da ideologia, também diretamente à(s) FD(s) em que os sujeitos estão inseridos - esta, por sua vez, dá-se por meio do acesso a certas regiões do interdiscurso por sujeitos

p.53). Dessa forma, haveria um “recorte” no sentido, natural na produção de um texto, seja ele oral ou escrito.

que podem estar em posições diferentes, mesmo dentro de uma mesma FD específica. De certa forma, encontrar uma regularidade só é possível pela memória que rege o funcionamento do próprio discurso, atribuindo vínculos ao interdiscurso, entre o já-dito e o não-dito, possibilitando a repetição, a retomada, a paráfrase, que nem sempre produzirão o mesmo sentido, mas que podem marcar uma regularidade discursiva justamente pela recorrência.

Para Pêcheux, a repetição (de itens lexicais e enunciados)

é, antes de tudo, um efeito material que funda comutações e variações, e assegura – sobretudo ao nível da frase escrita – o espaço de estabilidade de uma vulgata parafrástica produzida por recorrência, quer dizer, por repetição literal dessa identidade material. Mas a recorrência do item ou do enunciado pode também [...] caracterizar uma divisão da identidade material do item: sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase”. (1999, p.53)

Esse é um efeito paradoxo que acompanha a repetição: ao mesmo tempo em que estabiliza sentidos e legitima pela recorrência do uso, também pode trazer outros sentidos pelo emprego do que foi dito em outro contexto, em outras palavras, etc., mas a repetição é possível por existir uma memória social.

Assim, a repetição de elementos lexicais e enunciados não necessariamente configura repetição de sentidos, pois o sujeito, ao utilizar um sinônimo para não repetir uma palavra ou utilizar uma paráfrase para repetir sem configurar plágio um enunciado, por exemplo, já está trazendo outros vocábulos, outras expressões para o texto, construindo uma nova composição. Mesmo que a intenção seja dizer o mesmo, o sujeito pode produzir novos sentidos a partir do que acredita ter sido já dito¹⁵ na ilusão da transparência da linguagem, alimentando, dessa forma, o interdiscurso com outros/novos dizeres.

Outro ponto onde podemos perceber certa regularidade são as citações em trabalhos acadêmicos e pesquisas em geral. Obviamente, procuram-se nomes consagrados dentro de uma área específica para dar consistência ao que se está desenvolvendo, para fomentar um novo trabalho, contudo, por vezes, nomes mais conhecidos acabam sendo citados descomedidamente pelo respaldo científico que

¹⁵ Devemos ponderar que o termo já-dito pode ser relativo. O que para um sujeito já foi dito, para outro pode não ter sido dito, isso depende também da ideologia a qual estão identificados e à interpretação dos sentidos, além, claro, do acesso que o sujeito tem ao interdiscurso, limitado pela Formação Discursiva em que está inserido.

têm, aqui falamos das referências, mais especificamente, em nosso caso, de nossas referências linguísticas. E o que são nossas referências linguísticas se não a representação de nossas filiações teóricas?!

Conforme Lagazzi, a citação é “uma forma de representação que funciona legitimando-se pela reafirmação” (2007, p. 13), ao trazer referências de linguistas conceituados, filiamo-nos a uma teoria, reconhecemo-nos “frente a determinadas possibilidades de perguntas e de práticas científicas, em determinadas condições de produção” (LAGAZZI, 2007, p. 13). Essa filiação que, segundo Lagazzi, se dá “nas bases de um processo de identificação” (2007, p.13), precisa ser trabalhada em termos de prática científica, “É esse trabalho que legitima um saber linguístico, sustentando sua representação” (LAGAZZI, 2007, p. 13). Para a autora, quando instituído, o trabalho do linguista circula em termos de função autor e é aí que entra “o reconhecimento do trabalho do outro na institucionalização de um saber linguístico, numa relação de alteridade explícita. Essa é uma questão de tributo e representação” (p. 13).

A citação como representação “funciona pelo fato de que o pesquisador, ao citar determinado autor, está buscando dar legitimidade ao seu dizer” (MARTINS, 2012, p. 39), ela é necessária à produção de conhecimento que, conforme Scherer, “é um trabalho permanente de demarcação de lugares, trabalho que exige um policiamento incessante de fronteiras e uma vigilância epistemológica ímpar de domínios” (2008, p. 133). Esse policiamento de fronteiras e essa vigilância epistemológica, conforme Scherer, são necessários para “manter as rédeas da nossa sujeição nos possíveis deslizamentos de sentido na constituição do campo do saber em que estamos postos” (2008, p. 133).

Em relação aos nomes que se tornaram referência nos estudos linguísticos no Brasil, falaremos mais adiante, neste momento, é de nosso interesse abordar a regularidade que mantém esses nomes como referência científica através das citações e que mantêm no topo, digamos assim, alguns autores pelo uso contínuo de seu nome, uso que o individualiza enquanto sujeito ao mesmo tempo em que o acata como um guia, um orientador, um norte a ser seguido. Associado a isso, ocorre em muitas pesquisas o uso das mesmas citações de determinado autor, o que pode não ser um problema se o trabalho for visto individualmente, mas pela repetição das mesmas palavras em diferentes trabalhos cria-se a ideia de que o sujeito que disse

tais palavras apresenta-se como proprietário único e original do que está sendo afirmado na citação, como se fosse o único a refletir sobre determinado assunto e houvesse apenas aquilo dito por ele, o que nem sempre corresponde à realidade dos fatos. Tais repetições frequentes asseguram sua posição de referência ao mesmo tempo em que também podem encobrir outras falas, às vezes, até mesmo do próprio autor em épocas diferentes, em fases distintas de escrita e pensamento. A repetição de citações pode impedir que mais seja dito sobre o próprio autor, como ocorre com Saussure, por exemplo, se nos debruçarmos sobre o Curso de Linguística Geral e deixarmos de lado os Escritos de Linguística Geral, teremos um outro autor, até porque, o CLG sequer foi escrito por Saussure.

De acordo com Achard (1999, p. 14), cada nova co-ocorrência de uma unidade proporciona novos contextos que cooperam para a formulação do sentido do qual essa unidade advém. A atribuição de um sentido a essa unidade, todavia, necessita o reconhecimento de que suas repetições estão atreladas a uma regularidade.

A regularização se apoia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui um outro jogo de força, este fundador. Não há, com efeito, nenhum meio empírico de se assegurar de que esse perfil gráfico ou fônico corresponde efetivamente à repetição do mesmo significante. É preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição, é preciso supor que existem procedimentos para estabelecer deslocamento, comparação, relações contextuais. É nessa colocação em série dos contextos, não da produção das superfícies ou da frase tal como ela se dá, que vemos o exercício da regra. (ACHARD, 1999, p. 16)

Podemos entender que a memória entra em jogo na repetição, na paráfrase, na medida em que constatamos o fato de que cada sujeito tem uma relação única, individual com o interdiscurso, portanto, os efeitos de sentido que se apresentam a um sujeito nem sempre serão os mesmos efeitos para outro sujeito que poderá retomar, repetir o que encontra como pré-construído, como já-dito, pois “a linguagem também não é transparente, nem o sentido evidente” (ORLANDI, 2012, p.48). Na concepção de Achard, a memória sempre se reconstrói na enunciação, sendo esta “tomada não como advinda do locutor, mas como operações que regulam o encargo, quer dizer a retomada e a circulação do discurso” (1999, p. 17).

A repetição, assim, evidencia a movimentação dos sentidos, funcionando como uma (re) atualização do já-dito, mas é imprescindível considerar também, nesse jogo

de retomada dos dizeres, a interpretação do sujeito atravessado por uma ideologia¹⁶ que lhe é inconsciente, ou, em outras palavras, a representação que lhe faz sentido. Os sentidos, no entanto, aparecem para ele como evidentes pela ilusão de transparência, o sujeito tem a percepção de que o sentido sempre esteve lá, em sua unicidade, em sua totalidade, mas os sentidos são definidos pela relação singular que o mesmo tem com a língua e com a história, relação que permite a possibilidade de alcance a certas áreas do interdiscurso e a própria interpretação e antecipação na troca enunciativa entre locutores, que produz o discurso por efeitos de sentido.

1.4 A Interpretação e os Efeitos de Sentido: Gestos de Leitura do Arquivo ao Corpus

Conforme Pêcheux (1990), o movimento intelectual desenvolvido na França na década de 1960 em torno da Linguística, da antropologia e da filosofia e que acabou sendo chamado de estruturalismo suscitou novas práticas de leitura. O princípio dessas novas práticas de leitura, de acordo com o filósofo, consiste “em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo” (Ibid., p. 44), essa nova prática visa “se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (p.44), ou seja, compreender o processo discursivo, exercício emergente da AD.

Embora possamos pensar a leitura sob diversas perspectivas, a noção de leitura a que nos referimos aqui é posicionada sob o prisma da AD, a noção em sua acepção mais ampla conforme a formulação feita por Orlandi, segundo a qual, a leitura “pode ser entendida como ‘atribuição de sentidos’. Daí ser utilizada indiferentemente tanto para a escrita como para a oralidade” (2008, p. 07). Deste modo, a palavra leitura poderia expor uma proximidade semântica com a palavra interpretação, visto que, para que haja interpretação, é necessário atribuir sentidos ao que se lê, ao que se ouve, ao que se observa, mas os conceitos não podem ser confundidos. Para Orlandi, “leitura e interpretação não se recobrem. A noção de interpretação é mais ampla, sendo a leitura função da interpretação com suas características particulares” (2012,

¹⁶ Para Orlandi, a ideologia produz a necessidade de interpretação e faz parte do mecanismo ideológico “o apagamento dessa opacidade que é a inscrição da língua na história para que ela signifique: o sujeito tem de inserir seu dizer no repetível (interdiscurso, memória discursiva) para que seja interpretável” (2012, p. 48).

p. 88) e os gestos de interpretação são exclusivos da leitura e da produção do sujeito falante, já que precisa interpretar para falar, inscrevendo-se, necessariamente, ao interdiscurso, que representa uma memória, um saber discursivo, de acordo com a linguista. “A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade” (ORLANDI, 2008, p. 09).

À vista disso, poderíamos dizer também que, de certa forma, analisar é um modo de interpretar por efeito da memória e inscrição da história nessa memória. Dizer que vamos definir e analisar um corpus de pesquisa, por exemplo, é dizer que nos dispomos a uma leitura que compreende uma interpretação entre tantas outras possíveis, isso se dá por alguns fatores, vejamos:

1º - A delimitação de um corpus já seduz uma direção pelas escolhas feitas pelo sujeito que o organizou, a ação de selecionar dados específicos de um arquivo já motiva uma apreciação singular, uma mesma pesquisa feita por sujeitos diferentes diante de um mesmo arquivo poderia levá-los a diferentes corpus de análise, aliás, o que (quem) especifica e assegura o tamanho e os limites de um arquivo? Já aí, o trabalho de pesquisa passa pelo olhar do pesquisador;

2ª – Conforme Orlandi (2012), o sentido está sempre em curso, a incompletude o constitui, assim como constitui a linguagem, a “palavra final” não existe se não pela ilusão de controle do sujeito. Enquanto nos colocamos como autores de uma pesquisa, de uma análise de corpus, devemos ter em mente que “O espaço de interpretação no qual o autor se insere com seu gesto – e que o constitui enquanto autor – deriva da sua relação com a memória (saber discursivo), interdiscurso” (ORLANDI, 2012, p. 15), considerando que esse acesso ao interdiscurso, no qual o sujeito encontra informações que determinam suas convicções, ocorre pela inserção em uma FD específica;

3º - Mesmo um corpus definido pode apresentar inúmeros sentidos possíveis para leitores distintos, para analistas diferentes, a absorção de determinados sentidos é decorrente do gesto de interpretação do sujeito-autor da análise, o que significa que os sentidos não são estáticos.

De acordo com Petri, do ponto de vista discursivo,

Trabalhamos, então, da perspectiva de quem “lê” diferentes materialidades, sendo esta leitura algo em movimento e, pela mobilização das noções teórico-analíticas sobre um corpus, é algo que pode explicitar como se dão os

processos de produção de sentidos, viabilizando o que Orlandi designa como “compreensão”, saindo do senso comum e adentrando a especificidade dos discursos analisados. (2013, p. 44)

Assim, diante de um texto a ser analisado pela perspectiva discursiva, devemos compreendê-lo como

essa peça significativa que, por um gesto de autoria, resulta da relação do “sítio significante” com a exterioridade. Nesse sentido, o autor é carregado pela força da materialidade do texto, materialidade essa que é função do gesto de interpretação (do trabalho de autoria) na sua relação determinada (historicamente) com a exterioridade, pelo interdiscurso. (ORLANDI, 2012, p.15)

A interpretação ocorre pelo modo como o sujeito lê o que está diante de si e a forma como lhe é apresentado.

Percebe-se que todo o caminho até se chegar ao resultado de uma pesquisa qualitativa, por exemplo, passa, obrigatoriamente, por gestos de interpretação e gestos de leitura a que o pesquisador precisa se propor. Entretanto, nesse efeito cascata que empreende a interpretação e que começa com a compreensão que o pesquisador tem sobre um assunto específico, em seguida vai para a elaboração da questão de pesquisa, passa pelo arquivo, restringe um corpus, analisa um texto, um fato, uma proposição, uma frase, uma palavra, o sujeito precisa estar atento aos efeitos de sentido que sempre acompanham a língua em sua incompletude, efeitos de sentido que se dão justamente na troca de informações, entre o que se diz e o que se entende, por isso os gestos de interpretação não são sempre os mesmos, porque sujeitos diferentes produzem discurso pelas leituras que fazem do referencial teórico a que se dispõem ou, até mesmo, um do outro nessa relação dialógica em que se constituem, independentemente da FD em que se manifestem.

Conforme Orlandi (2012), o sujeito se inscreve em uma FD pelo processo de identificação que faz com que suas palavras tenham sentido, mas ele não percebe essa inscrição, para o sujeito comum, o sentido é “natural” e sempre esteve ali, transparente, e ele se reconhece nos sentidos que produz, entretanto, a posição do analista requer essa compreensão, essa “possibilidade de contemplar o movimento da interpretação, de compreendê-lo” (ORLANDI, 2012, p. 85). A interpretação se manifesta, portanto, de modo diferente, o gesto de interpretação do analista se dá pelo

apoio de um dispositivo teórico e o gesto de interpretação do sujeito comum se dá em um dispositivo ideológico que produz um efeito de evidência (ORLANDI, 2012).

De acordo com Dias, “se por um lado, o dispositivo teórico determina o modo de constituição do sujeito em posição de analista, por outro, é por esta posição que o sujeito analista [...] constrói o dispositivo de análise” (2012, p. 30), pois ao textualizar um gesto, construindo o dispositivo de análise, realiza um movimento que, para Dias, “lhe permite compreender possíveis e diferentes posições sujeito marcadas na dispersão do(s) discurso(s) em texto(s)” (Ibid.).

Orlandi atenta que o dispositivo ideológico de interpretação, contudo, está em todo sujeito falante, o que faz com que os sentidos não fiquem soltos, estando sempre inclinados a uma direção porque “o gesto de interpretação carrega uma memória (de uma filiação) que, no entanto, aparece negada, como se o sentido surgisse ali mesmo” (ORLANDI, 2012, P. 92), sabemos que não surge.

Em relação ao texto, a pesquisadora (Ibid.) o considera uma unidade de análise que é afetada pelas condições de produção:

O texto é, para o analista de discurso, um lugar de representação física da linguagem: onde ela é som, letras, espaço, dimensão direcionada, tamanho. É o material bruto. Mas também é espaço significante. E não é das questões menos interessantes a de procurar saber como se põe um discurso em texto. (ORLANDI, 2012, P. 60-61)

Ao produzir um texto como este, por exemplo, realizando um gesto de leitura na construção de uma unidade de análise, estamos nada mais, nada menos do que atribuindo sentidos a outros dizeres, interpretando de diferentes formas (mas não de qualquer forma) em diferentes etapas um processo discursivo ao mesmo tempo em que damos prosseguimento a um discurso, colocando-nos entre as fronteiras das formações discursivas, “entre uma relação crítica com o conjunto complexo das formações” (ORLANDI, 2012, p. 85), esse trabalho também se dá pela nossa conexão com a memória discursiva (interdiscurso), entretanto, praticando a análise e escrita não podemos esquecer de que estamos expostos ao equívoco da língua.

Sobre o texto enquanto unidade (imaginária), Dias (2012) entende que, embora aparentemente seja fechado em começo, meio e fim, “é necessário construir dispositivos que possibilitem uma de-superficialização” do mesmo, desfazendo o efeito de estatismo e cristalinidade. Diante de um texto a ser analisado, como uma entrevista escrita que apresenta discurso direto - portanto, sem que haja interferência

como o uso de paráfrase nas falas dos entrevistados -, nós estamos diante de enunciados que podem apresentar diversos sentidos e para isso precisamos ficar vigilantes. Como refere Pêcheux,

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). (1990, p. 53)

Para Pêcheux (1990), todo enunciado ou sequência de enunciados apresenta uma série de pontos de deriva possíveis, viabilizando possibilidades de interpretação e é nesse espaço que a AD se configura. Diante dessas possibilidades de interpretação, o gesto, conforme Orlandi, “é carregado de uma relação da língua sobre a língua - interpretar é dizer o dito - que, no entanto, aparece como grau zero (o sentido lá)” (2012, p. 87), para a pesquisadora, “estar na língua, com os gestos de interpretação, significa estar sendo trabalhado pela língua em uma perspectiva discursiva, aquela em que a língua faz sentido, em que é afetada pela história” (Ibid.). Ao analista, segundo Orlandi, cabe procurar

determinar que gestos de interpretação trabalham a discursividade que é o objeto de sua compreensão. Ele procura distinguir quais gestos de interpretação estão na base da produção de sentidos de um texto. Como os sentidos e os sujeitos com suas posições se constituem ao mesmo tempo, o analista busca assim compreender os gestos de interpretação constitutivos dos sentidos e dos sujeitos. (2005, p. 27-28)

Dessa forma, o analista trabalha a materialidade do texto que se dá por sua organização discursiva, produz uma leitura a partir de gestos de interpretação que já estão em sua condição de texto e, conforme Dias, “a compreensão do analista atualiza-se na formulação de um texto” (2012, p. 29) e, ao formular um texto, o analista produz em seu gesto um efeito diferente pela relação com outros gestos de interpretação (DIAS, 2012), que estão presentes em outros dizeres, em outras produções textuais.

1.5 A Metodologia

Nosso primeiro passo, após definir a questão de pesquisa pensando as atribuições da memória na disciplinarização da ciência linguística no Brasil, foi refletir sobre como poderíamos buscar as marcas dessa memória, onde encontraríamos

esses dados, quais instrumentos utilizaríamos para atingir nossos objetivos¹⁷. Começamos a pensar em grandes nomes da Linguística brasileira e como teriam sido seus trajetos até que se tornassem as importantes referências que nós temos hoje, logo, naturalmente, reconhecemos que provavelmente todos tiveram também grandes professores, grandes mestres que orientaram suas pesquisas ou que ofereceram suporte intelectual que viria a contribuir para a consolidação de seus próprios nomes enquanto pesquisadores, esses eram os predecessores dos linguistas brasileiros contemporâneos (considerando contemporâneos linguistas de destaque entre final do séc. XX e início do séc. XXI) que se tornaram referência em Estudos Linguísticos no Brasil.

Como poderíamos encontrar uma conexão entre esses estudiosos de uma forma que não parecesse automática ou até um pouco reducionista pensando discursivamente - como o que, por algumas vezes, aparenta em textos historiográficos da Linguística - mas que, de modo muito mais natural, revelasse pelo discurso fatos e ações que pudessem contribuir para uma historicidade que está sempre em transformação a partir do surgimento de novos dados. Para isso, acreditamos que nada melhor que buscar as condições de compreensão pela própria fala dos linguistas, dispondo do dispositivo analítico que a AD nos proporciona, observando o movimento dos sentidos pelo discurso que eles mesmos nos apresentam.

Pela complexidade de contato direto com os linguistas, optamos por buscar entrevistas já realizadas onde esses pesquisadores relatam, além de histórias da vida particular de cada um, suas experiências enquanto iniciantes na área e na pesquisa. Como entrevistas realizadas com a intenção de promover a rememoração têm suas especificidades (por exemplo, um bom tempo limite para a conversa, tom mais informal, mas responsável, espaço aberto para a fala continuada do entrevistado, etc.), encontramos nas entrevistas da Revista Fragmentum as condições necessárias para tentar identificar o funcionamento do processo discursivo advindo dos próprios linguistas pelo conjunto de textos que separamos como arquivo, ou seja, as próprias entrevistas.

¹⁷ Recapitulando: 1. Visar investigação através dos predecessores de grandes nomes da Linguística no Brasil, tentando aprofundar e compreender as relações, registros e referências ao longo do séc. XX. 2. Compreender como os discursos dos pesquisadores são presentificados nas entrevistas. 3. Entender quem é o sujeito pesquisador em Linguística e como se apresenta discursivamente enquanto professor e pesquisador. 4. Demonstrar a dimensão do trabalho de um grupo de pesquisa e revista científica na preservação e sustentação de uma ciência linguística.

Em um segundo momento, selecionamos essas entrevistas, optamos por linguistas como Aryon Dall'igna Rodrigues, Eduardo Guimarães, Eni Orlandi, Izidoro Blikstein, José Luiz Fiorin e Leonor Scliar por serem nomes muito conhecidos entre estudiosos da Linguística no Brasil, sujeitos que podemos colocar entre alguns dos principais pesquisadores responsáveis pela produção, circulação e divulgação do conhecimento linguístico em nosso país e que costumam ser presença constante em bibliografias de ementas de disciplina dos cursos de Letras de universidades de todo o país, o que atesta sua relevância e impacto na área. Além disso, por possuírem uma diversidade de estudos em diferentes áreas dentro da Linguística que vão desde estudos sobre línguas indígenas até mesmo trabalhos em AD, Semiótica, Linguística Aplicada, Semântica, Enunciação, Sociolinguística, etc., enriquecem e notabilizam uma rede de pesquisas que possibilita uma melhor compreensão sobre a linguagem, seus usos, estruturas e implicações em diversos âmbitos da sociedade. Representam experiência e avanço na produtividade de estudos dentro da área, sendo reconhecidos como autoridades em seus respectivos campos e, por isso, muito citados em incontáveis trabalhos acadêmicos. Também, o vasto currículo acerca do que produziram (alguns ainda produzem) os coloca como referência nacional ao mesmo tempo em que, como modelos que se tornaram, provocam o imaginário especialmente de quem está ingressando nos estudos da área - ou seja, o jovem estudante de Letras na graduação e na pós-graduação, iniciantes nos estudos da língua assim como eles também foram um dia, trilhando um caminho direcionado ao trabalho com pesquisa.

Após definir a questão que move este trabalho (a saber, qual o papel da memória na formação do professor pesquisador em Linguística na disciplinarização da ciência Linguística no Brasil?), obter as entrevistas da Revista Fragmentum e selecionar os nomes dos pesquisadores a serem utilizados, procuramos definir o corpus de pesquisa através de recortes que demonstrassem marcas da consistência de um discurso que se dá por regularidades¹⁸ no dizer desses linguistas. Uma regularidade medida pela história dos sujeitos, pela memória, sem deixar de considerar as condições de produção do discurso que incluem também o próprio linguista em sua posição de pesquisador diante do tempo transcorrido. Além disso,

¹⁸ Ver regularidades cap. 1.3, pág. 40.

essa regularidade colabora com a historicização da Linguística pelo conjunto de textos que dá forma à própria história da Linguística que é praticada aqui no Brasil.

Em relação ao avanço dos estudos linguísticos em outros centros de pesquisa, como na Europa, pode-se dizer que, de certa forma, seguimos nosso próprio caminho com pesquisadores como Mattoso Câmara Jr., Eni Orlandi, Izidoro Blikstein, entre outros que guiaram, digamos assim, os estudos sobre a linguagem e ajudaram a conduzir as gerações seguintes de pesquisadores, desenvolvendo, desse modo, uma história nossa da Linguística, não necessariamente à parte do que ocorreu em outras regiões do mundo, mas característica nossa de pesquisa que se dá por nossas leituras, nossas referências que foram chegando após a segunda metade do séc. XX, sejam elas de pesquisadores nacionais ou internacionais, mas que tiveram antecessores igualmente relevantes para essa formação dos estudos linguísticos, embora talvez nem sempre com a mesma notoriedade.

O ponto que nos interessa nesta pesquisa são os linguistas brasileiros que, a partir de seus estudos, contribuem para a produção do conhecimento da área e com isso são constantemente colocados como referência em estudos, artigos científicos, programas de disciplinas, etc., interessa-nos o modo como sua história, impactada por seus predecessores, trouxe-nos até este momento, segunda década do séc. XXI, com pesquisas cada vez mais difundidas, cada vez mais diversas, com várias ramificações dentro da Linguística, mesmo que sem ter muitas vezes o apoio financeiro necessário para sua realização.

Com o corpus da pesquisa definido, buscamos analisar os discursos presentes, a época em que ocorreram e as marcas da memória no dizer dos linguistas, atentando à conjuntura político-social constituinte da época. Para tanto, apoiamos-nos no dispositivo teórico-analítico da AD, pois, de acordo com Orlandi,

a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (2001, p. 15-16)

Tentamos identificar marcas do interdiscurso pelas recorrências do que já está lá, em algum lugar, em outros dizeres, marcado como o pré-construído e acessado pela memória dos sujeitos de acordo com o que os entrevistados acreditam ser interessante, ou não, trazer de volta ao presente como forma de (re) significação, sem

deixar de destacar, caso encontremos, as possíveis divergências que apoiam seus dizeres em equivalência ao arquivo. Ao mencionar informações que consideram relevantes ou deixar de lado o que lhes parece sem muita importância para a entrevista, os entrevistados tentam, como todo sujeito ao se expressar, demonstrar os sentidos da forma como lhes são entendidos, entretanto, temos de levar em conta o fato de que, ao relembrar, os pesquisadores apoiam-se na memória e a memória, como sabemos, também é passível de falha.

PARTE 2

A LINGUÍSTICA INSTITUCIONALIZADA

Compreendemos a institucionalização dos estudos linguísticos, afetada e determinada por condições de produção da época (SCHERER, SCHNEIDERS, MARTINS, 2015), como fundamental para o processo de reconhecimento e instauração da Linguística enquanto disciplina curricular, pois refere-se ao modo pelo qual os estudos linguísticos vão adentrando, pouco a pouco, nas instituições de ensino, implicando na origem de departamentos, programas de pós-graduação, revistas científicas especializadas, a reformulação de currículos, a contratação de professores com conhecimento amplo acerca desses estudos, etc., como já mencionamos. É inserção da Linguística dentro da estrutura acadêmica.

A Disciplinarização, por sua vez, decorre desse iminente movimento para dentro das instituições. Com uma base sólida marcada por esses fatores citados, a Linguística passa a ser reconhecida como disciplina de métodos e abordagens próprias, com definição de objetos de estudo, estabelecimento de conceitos e teorias aplicáveis, métodos de análise linguística e, a partir daí, um corpo social acadêmico estruturado, finalmente acolhida pelos cursos de Letras e, mais tarde, pelos cursos de pós-graduação em Letras. Enquanto os cursos de Letras representam uma continuidade do ensino básico voltada para formação no ensino superior de profissionais com conhecimentos específicos em linguagem e Literatura, onde são formados bacharéis ou professores licenciados, a pós-graduação vem como uma próxima etapa visando a especialidade em determinado campo de estudo, mas focada na pesquisa acadêmica e, particularmente, na formação de novos pesquisadores com a produção de uma dissertação no mestrado e uma tese no doutorado.

O papel do pesquisador ao longo dos anos manteve intensificada a produção do conhecimento linguístico após institucionalização e disciplinarização da Linguística no Brasil. Da metade do séc. XX para os tempos atuais, através de estudos, coleta de dados, publicações de artigos, livros, formulação de teorias, compartilhamento de resultados, as pesquisas cresceram significativamente, abrindo espaço definitivo para afirmação e seguimento dos estudos linguísticos.

Mas antes de entrarmos na história da Linguística, sua institucionalização e seus precursores, ou seja, sobre como a direção dos estudos, dos movimentos políticos, ideológicos e sociais foram dirigidos, bem como sobre os estudiosos que contribuíram para o reconhecimento do ensino da Linguística atuaram para a legitimação deste ensino no Brasil, organizamos uma cronologia, realizada a partir de uma pesquisa historiográfica, para melhor visualização e auxílio no entendimento e localização na linha imaginária do tempo a respeito de alguns fatos e estudos citados nesta pesquisa, além de, inclusive, encontrarmos com mais facilidade os períodos dos mais relevantes trabalhos e produções científicas de pesquisadores que têm contribuições essenciais dentro das várias histórias da Linguística no Brasil.

A cronologia ainda favorece a identificação das circunstâncias em que os fatos citados pelos entrevistados teriam ocorrido, possibilitando uma visão mais panorâmica das narrativas discursivas, assim como as conexões entre os dizeres, sejam eles advindos de produções que retomam a história da Linguística ou dos próprios relatos dos linguistas, relatos esses que compõem nosso arquivo de pesquisa. A visualização da sequência alinhada de eventos permite melhor acompanhamento do curso dos estudos linguísticos no país, a cronologia a seguir abrange parte do século XX, especialmente o período entre as décadas de 1920 e 1990, momento em que o ensino no Brasil passou por enorme reestruturação que acabou sendo, e ainda é, fundamental nos primeiros anos do séc. XXI.

2.1 Cronologia de alguns dos principais fatos na história da Linguística no Brasil

1920

- Criada em 7 de setembro, por meio do Decreto nº 14.343, a Universidade do Rio De Janeiro (URJ), a primeira universidade do governo federal (OLIVEIRA, c2021).

Anos 1930

- Criado o Ministério da Educação e Saúde Pública (CPDOC, c2020a).
- Surgem os primeiros cursos de Letras no Brasil. Começam a organização dos cursos de dentro das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, voltadas ao estudo das humanidades e formação de professores (VANDRESEN, 2001).

1931

- Criação do Conselho Nacional de Educação (CNE) pelo Decreto nº 19.850/31. (FÁVERO, 2003)

1932

- Lançado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em março de 1932, documento escrito por 26 educadores com o título A Reconstrução Educacional no Brasil: ao povo e ao governo. Tinha o objetivo de oferecer diretrizes para uma política de educação. (MENEZES, 2001). Segundo Castilho (1963a), foi o despertar de uma consciência educacional brasileira.

1934¹⁹

- Criação da Universidade de São Paulo (USP) e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FIORIN, 2006).
- Criação do Curso de Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FIORIN, 2006).

1935

- Criação do curso de Letras na Universidade do Distrito Federal (FIORIN, 2006), também criada neste ano no Rio de Janeiro, no entanto, foi extinta em 1939 pela reação conservadora que era apoiada pelo Estado Novo (RODRIGUES, 2005).

1937

- Em 5 de julho, a URJ incorpora outras unidades e outros institutos, inclusive na área de Letras, e dá origem à Universidade do Brasil, pela Lei nº 452 (OLIVEIRA, c2021).

1938-1939

- Joaquim Mattoso Câmara Junior, aluno de Roman Jakobson nos EUA, ministra o primeiro curso de Linguística no Brasil, na Universidade do Distrito Federal (VANDRESEN, 2001).

¹⁹ Conforme Fiorin (2006, p. 23), na Universidade de São Paulo, “no período de 1934 a 1962, salvo raras exceções, como os estudos sobre a língua falada pelos imigrantes italianos no Brasil, não se produziram pesquisas linguísticas no domínio das línguas estrangeiras”. O estudo da língua nas cadeiras de Línguas Estrangeiras e Letras Clássicas serviam apenas como uma forma de aproximar os alunos dos textos originais, onde o objetivo principal era o estudo da literatura. Ainda segundo Fiorin (2006), o início dos estudos linguísticos na USP era delimitado às cadeiras de Filologia e Língua Portuguesa e Filologia Românica e Glotologia Clássica.

1939

- O governo Vargas extingue a UDF, sendo criada, em sua substituição, a Faculdade Nacional de Filosofia, incorporada à Universidade do Brasil (FÁVERO, 2003).
- Criação do curso de Letras na Faculdade Nacional de Filosofia, integrada à Universidade do Brasil, e na Universidade de Minas Gerais (FIORIN, 2006).

1942

- É lançado *Princípios de Linguística Geral*, por Mattoso Câmara Jr., o primeiro manual de Linguística do Brasil, como resultados das teorias linguísticas publicadas pelo pesquisador em revistas como a *Revista Brasileira de Filologia* e o *Boletim de Filologia*, ambos do Rio de Janeiro (VANDRESEN, 2001).

1948

- Mattoso Câmara ministra aulas de Linguística na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro²⁰ (VANDRESEN, 2001).

1950

- Mattoso Câmara ministra aulas de Linguística Geral como assistente na Faculdade Nacional de Filosofia. A linguística era oferecida apenas aos estudantes de Letras Clássicas e como complemento dos estudos filológicos (RODRIGUES, 2005).
- Criação da CAPES e do CNPQ (ORLANDI, 2014).

1953

- Mattoso Câmara Jr. publica *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, baseado em suas pesquisas sobre fonologia do português e influenciado pela escola de Praga (VANDRESEN, 2001).
- Criação da *Revista Letras*, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), considerada a revista especializada em Letras mais antiga do país, sua característica essencial é a publicação de artigos e ensaios sobre língua, literatura e linguística²¹. Mattoso Câmara foi um dos colaboradores mais assíduos da revista nos primeiros anos.

²⁰ “A Universidade do Brasil foi criada por lei oriunda do Poder Legislativo em 5 de julho de 1937, ainda antes do Estado Novo. Dava continuidade à antiga Universidade do Rio de Janeiro, criada na década de 1920 como uma reunião das escolas superiores existentes na cidade.” (CPDOC, c2020a)

²¹ <http://www.revistalettras.ufpr.br/>

1954

- Mattoso Câmara Jr. traduz e publica *A Linguagem*, obra de Edward Sapir (VANDRESEN, 2001), traduzido, porém, em 1938 (RODRIGUES, 2005).
- Robert Henri Aubreton cria a Associação de Estudos Clássicos do Brasil que, a partir de 1956, publica o *Boletim de Estudos Clássicos* (CASTILHO, 1963b).

1956

- Linguistas estrangeiros do SIL (Summer Institute of Linguistics) começam a trabalhar com pesquisa de línguas indígenas, apoiados pela Divisão de Antropologia do Museu Nacional (VANDRESEN, 2001).

1957

- Valnir Chagas publica *Didática Especial de Línguas Modernas*, direcionado à análise dos métodos de ensino em sala de aula com base linguística (VANDRESEN, 2001).

1959

- A partir desse ano, a ABA (Associação Brasileira de Antropologia) incentiva e abre espaço para linguistas em seus congressos (VANDRESEN, 2001).

1960

- O professor Aryon Dall'igna Rodrigues ministra dois anos de Linguística (1960-1961) como disciplina eletiva na Universidade Federal do Paraná (UFPR), apoiado por Mansur Guérios que o incentivou a cursar doutorado em Hamburgo, na Alemanha (VANDRESEN, 2001).
- Serafim da Silva Neto²² publica *A Língua Portuguesa no Brasil. Problemas*. (também publicado em *História da Língua Portuguesa* a partir da 2ª edição e na *Revista Portuguesa de Filologia*. (COELHO, 1998)
- *Fundação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)*²³ com a denominação de *Universidade de Santa Maria (USM)*, primeira universidade criada

²² Serafim da Silva Neto desenvolveu trabalhos valorosos para os estudos sobre a linguagem. Teve destaque na comunidade científica brasileira atuando em espaços como a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, a Universidade de Lisboa e a Universidade Católica do Rio de Janeiro, também viabilizando projetos importantes como a fundação da *Revista Brasileira de Filologia* e do Centro de Estudos em Dialetoologia Brasileira, no Museu Nacional. (Coelho, 1998)

²³ Como o arquivo desta pesquisa foi constituído a partir de uma revista relacionada a um Laboratório de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria e pelo destaque da UFSM no cenário nacional como primeira universidade federal criada no interior do Brasil, há exatamente 63 anos, e considerando que o Curso de Letras da UFSM completou 58 anos de fundação em 2023, decidimos acrescentar (em itálico) a este cronograma alguns fatos de

fora de uma capital brasileira, um marco no ensino universitário público no Brasil (UFSM, c2021).

1961

- Em dezembro deste ano, a Linguística entra para o currículo dos cursos de Letras por resolução do Conselho Federal de Educação (CFE). Na época, o país tinha 83 cursos de Letras. Não havia professores suficientes, apenas alguns pós-graduados no exterior. (VANDRESEN, 2001)
- Mattoso Câmara Jr. traduz *Linguística Como Ciência*, coletânea de artigos de Edward Sapir (VANDRESEN, 2001).

1962

- Com base no parecer 283/62, de Valnir Chagas, do CFE, há uma reorganização dos cursos de Letras no Brasil (FIORIN, 2006).
- Mattoso Câmara Jr. ministra um curso de história da linguística na Universidade de Washington, em Seattle, cujos manuscritos em inglês são traduzidos com o título *História da Linguística*, em 1975, por Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Nessa obra, Mattoso revisita a história das tradições clássicas do pensamento linguístico até a tradição estrutural sincrônica (ALTMAN, 1996).

1963

- Mattoso Câmara Jr. Traduz e publica *Fonema e Fonologia*, coletânea de artigos de Roman Jakobson (VANDRESEN, 2001).
- O professor Aryon Rodrigues organiza, no verão de 1963/1964, o primeiro curso intensivo de preparação de professores de Linguística, na Universidade de Brasília (UnB), financiado pelo Ministério da Educação (MEC) e com a participação de professores associados ao Summer Institute of Linguistics (SIL) (VANDRESEN, 2001).
- É criado o Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas (PILEI) que contribui para a reformulação da estrutura das universidades brasileiras e latino-americanas. Em 1963, o PILEI organiza o Simpósio de Cartagena, na Colômbia, reunindo mais de 20 linguistas americanos com os mais destacados linguistas latino-americanos. Entre os brasileiros estavam Mattoso Câmara Jr. (UFRJ), Aryon

sua história, que também tem papel significativo na produção do conhecimento linguístico, em especial no que toca ao desenvolvimento deste trabalho.

Rodrigues (Unb) e Francisco Gomes de Matos (Universidade Federal do Pernambuco) (VANDRESEN, 2001).

1964

- Fundada a Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), sugerida pelo Simpósio de Cartagena. A ALFAL incentivou os Institutos Linguísticos Latino-americanos.
- Primeiro curso de Mestrado em Linguística do Brasil, com Aryon Rodrigues e professores que participaram do primeiro curso intensivo de preparação de professores de Linguística como docentes (VANDRESEN, 2001).

1965

- A Universidade do Brasil passa a ser chamada de Universidade Federal do Rio de Janeiro a partir da reforma universitária desse ano (CPDOC, c2020b).
- *Instalação do Curso de Letras na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), quando ocorreu a federalização do Curso de Letras Licenciatura Plena (Martins, 2012).*

1966

- Implantado o Centro de Linguística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigi, estimulado pelo PILEI e coordenado pelo professor Francisco Gomes de Matos (VANDRESEN, 2001).
- Francisco Gomes de Matos lança o periódico Estudos Linguísticos: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada (VANDRESEN, 2001).

1967

- Realizou-se o primeiro Instituto Brasileiro de Linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) no verão de 1967/1968. A partir daí, cresceram os treinamentos no Brasil em Linguística teórica e aplicada e a Linguística começou a tomar de vez seu espaço entre professores e estudantes que buscavam por melhorias no ensino de línguas (VANDRESEN, 2001).
- Francisco da Silva Borba publica Introdução aos Estudos Linguísticos. No capítulo História da Linguística, o autor traz uma retrospectiva dos estudos linguísticos da Antiguidade Clássica ao séc. XX (ALTMAN, 1996).
- Mattoso Câmara Jr. publica a tradução de seis trabalhos fonológicos de Roman Jakobson, intitulado Fonema e Fonologia (RODRIGUES, 2005).

1969

- Fundada a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) enquanto os Institutos Linguísticos Brasileiro e Latino-Americano ocorriam em São Paulo. A ABRALIN e a PUC-SP são responsáveis pela edição da revista Delta, a mais conceituada em Linguística editada no país (VANDRESEN, 2001).
- Fundado o Grupo de Estudos Linguísticos (GEL) do estado de São Paulo. Outras associações regionais que reúnem linguistas vieram depois, como no Rio de Janeiro (ASSEL-RIO), no Nordeste (GELNE) e no Sul (CELSUL) (VANDRESEN, 2001).

-

Anos 1960/1970

Entre final dos anos 1960 e início dos anos 1970 surgiram muitos cursos de pós-graduação em Linguística baseados em pareceres do Conselho Federal de Educação (CFE), porém ainda faltavam professores com mestrado e doutorado em Linguística, por isso, muitos professores eram estrangeiros ou se formaram no exterior (VANDRESEN, 2001).

1970

- Primeira tradução brasileira do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, feita por Izidoro Blikstein, Antônio Chelini e José Paulo Paes.
- Criado o primeiro Bacharelado em Linguística no Brasil, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo.
- É na década de 1970 que se inicia a Análise de Discurso na PUC Campinas e na USP, inicialmente com estudos dentro dos cursos de tradução da PUC e Morfossintaxe e Sociolinguística da USP. Apenas na década seguinte é que a AD “se desenvolve, ganha espaço institucional, nome próprio como disciplina e se torna projeto coletivo na Unicamp” (ORLANDI, 2014, p. 57).

1981

- Instituído na UNICAMP o projeto coletivo intitulado Discurso, Significação, Brasilidade, coordenado por Orlandi (COSTA et al., 2021).

1984

- Criada a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). A ANPOLL favorece o desenvolvimento dos projetos de pesquisa nas subáreas da Linguística (VANDRESEN, 2001).

1987

- Orlandi propõe o projeto História das Ideias Linguísticas no Brasil (MARTINS, 2012).
- *Criado o primeiro curso de Mestrado em Letras na UFSM, reconhecido pela CAPES em 1989 e credenciado em 1996 (PPGL, c2021).*

1991

- Silvia Figueiredo Brandão publica A Geografia Linguística no Brasil, onde apresenta um estudo sobre os dialetos no Brasil (ALTMAN, 1996).

1992

- Início do projeto História das Ideias Linguísticas: construção de um saber metalinguístico e a constituição da língua nacional, através de convênio entre a Unicamp e a Universidade de Paris VII (COSTA et al., 2021)²⁴.
- Rodolfo Ilari publica Linguística Românica, trazendo uma síntese da “História e Métodos da Linguística Românica” entre os séculos XIX e XX (ALTMAN, 1996).

1994

- O Conselho Federal de Educação (CFE) é extinto e é criado o Conselho Nacional de Educação (CNE), em uma tentativa frustrada de livrar a educação de denúncias de clientelismo e favorecimento de alguns segmentos do ensino privado (SILVA, 2007).

1999

- *Fundação do Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem (UFSM) em 29 de outubro, sua inauguração, porém, ocorreu em 21 de junho de 2002.*²⁵

2001

²⁴ Projeto, conforme Costa et al. (2021), coordenado pela professora Eni Orlandi e pelo professor Sylvain Auroux, integrando importante grupo de pesquisadores de diferentes instituições e variados níveis de formação.

²⁵ O Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem (UFSM) foi acrescentado a esta cronologia pela relevância como centro de pesquisa em estudos linguísticos e literários dentro da primeira universidade de interior do estado, tendo impacto, desde sua criação, na formação de jovens pesquisadores, além de manter diálogo frequente com grandes nomes da Linguística brasileira seja através de publicação de artigos ou entrevistas, como o caso das referências utilizadas para esta pesquisa, resultantes de entrevistas feitas pelo Laboratório Corpus para a revista Fragmentum, também destacada nesta cronologia.

- Lançada a primeira edição da Revista *Fragmentum*, periódico do Laboratório Corpus - Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem, Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (FRAGMENTUM, c2021).

2002

- O PPGL da UFSM cria o Doutorado em Letras, que passou a funcionar a partir do ano de 2003 (PPGL, c2021)²⁶.

Ainda que esta pesquisa tenha como foco a memória por meio da discursividade produzida pelas entrevistas a sujeitos que contribuíram para uma legitimação dos estudos linguísticos, é importante frisar que não apenas a produção e atuação individual de cada um favoreceu a institucionalização da Linguística, mas, e isso é muito importante que seja ressaltado, também as associações da área de Letras e Linguística que tem entre seus fundadores alguns destes pesquisadores, como o GEL, a ABRALIN e a ANPOLL por exemplo. Pfeiffer vê essas associações “como parte do processo de institucionalização da Linguística, ou, ainda, como um percurso específico desse processo” (2007, p.20), esse espaço aberto pelas associações também promove a circulação do conhecimento, tornando visível o trabalho dos linguistas e dando sustentabilidade ao lugar da Linguística, “As associações promovem congressos e desse modo constroem grandes referências públicas e científicas daquilo que se produz (ou se pode produzir, ou se deve produzir) em determinada área” (PFEIFFER, 2007, p. 20). À vista disso, a legitimação da Linguística se dá, segundo Lagazzi-Rodrigues, “por quem institui uma ciência, por quem pratica uma ciência, por quem ensina uma ciência, por quem divulga uma ciência” (2007, p.12), portanto, os nomes que deveriam ser citados nesse processo são inúmeros, alguns desses nomes mais importantes, inclusive, talvez nem estejam

²⁶ O Doutorado em Letras da UFSM surgiu apoiado pelo projeto História das Ideias Linguísticas e Literárias do Sul, “desenvolvido através do edital PROCAD/CAPES (Programa Nacional de Cooperação Acadêmica) pela UFSM com Unicamp em 2001 (2001-2005)” (COSTA et al., 2021, p. 652). Tal programa, de acordo com Costa et al. (Ibid.) promoveu diálogo entre grupos e laboratórios de pesquisa da UFSM e Unicamp, estimulando a mobilidade dos pesquisadores através do compartilhamento de infraestrutura.

mais entre os lembrados. Afinal, como afirma Orlandi, “quantos percursos existem por aí e que nós desconhecemos dentro da linguística” (2006, p.44).

Desses nomes pouco citados quando entramos no campo dos estudos linguísticos é o nome de Serafim da Silva Neto. Conforme Schneiders, embora pouco citado, Serafim da Silva Neto trouxe questões a serem pensadas

sobre a unidade e diversidade da língua portuguesa, sobre a história da língua portuguesa no Brasil e colocações sobre estudiosos vinculados ao disciplinar da Linguística num momento em que se verificavam embates quanto a sua institucionalização acadêmica no contexto brasileiro. (2014, p.13-14)

Entre as obras de Serafim da Silva Neto encontramos muitas referências ao Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, isso em uma época em que o processo de institucionalização da Linguística começava a se estruturar entre os anos 1940 e 1950, momento em que se começa a ver a Linguística enquanto ciência no Brasil. Serafim traz um discurso filológico influenciado pelos saberes que contribuíram para que isso pudesse ocorrer.

Precisamos considerar neste trabalho que a Linguística, no Brasil, segundo Altman (2004), inicia pelo conjunto de produções em torno da língua portuguesa e, nesse sentido, muitos nomes contribuíram para sua institucionalização, entre eles, Serafim da Silva Neto entre os destaques.

Reiteramos que, apesar de termos organizado uma cronologia a partir de uma pesquisa historiográfica, a mesma funciona melhor como ilustração, um mapa para melhor localização temporal de fatos e relatos, sem esquecer que, discursivamente, devemos

“trabalhar a ilusão do sujeito como origem e a transparência da linguagem e dos sentidos. Repor assim como trabalho a própria interpretação, o que resulta em compreender de outra maneira também a história: não como sucessão de fatos com sentidos já dados, dispostos em ordem cronológica, mas como fatos que reclamam sentidos (P. Henry, 1994), cuja materialidade não é possível de ser apreendida em si, mas no discurso. (ORLANDI, 2012, p. 33)

Dessa forma, apesar da cronologia apresentada com fatos, eventos e nomes importantes para a produção do conhecimento linguístico, não podemos considerá-la como sucessão histórica de sentidos estabilizados, pois o sujeito, para a AD, não é o ponto de partida absoluto e a linguagem não é transparente. Sendo assim, os dados apresentados precisam ser vistos de forma abrangente, devemos considerar que o indispensável não são as datas em si, mas como os sentidos são produzidos e

seguem circulando (ORLANDI, 2012) independentemente do tempo. Há memória e discursividade.

2.2 Um Pouco da História da Linguística no Brasil e Seus Precusores

Antes de entrarmos na história da Linguística, precisamos pensar a formação do sujeito do curso de Letras pela perspectiva da AD, já que a AD trabalha com a compreensão de práticas discursivas construindo sentidos e intervindo na constituição do sujeito em determinada época e em ambientes em que situações e eventos ocorrem considerando influências político-sociais e culturais, o que influencia suas motivações.

A formação do sujeito do curso de Letras pela perspectiva da AD, no entanto, envolve aspectos individuais e coletivos, pois os mesmos são inseridos em um espaço (o ambiente acadêmico) em que têm contato com diferentes teorias e discursos entre práticas de leitura e escrita que vão conduzindo seu desenvolvendo de compreensão, o que toca diretamente a questão do sentido. O sujeito do curso de Letras, então, constrói sua identidade pela formação advinda dos currículos, programas de disciplinas e metodologias acadêmicas específicas em determinado meio, isso garante que nem todo sujeito do curso de Letras seja o mesmo sujeito, pois sua formação está ligada à seleção de conhecimentos e abordagens particulares, entretanto, não qualquer seleção ou abordagem.

A capacidade de análise crítica, a aquisição de conhecimentos que teve durante a graduação e as práticas discursivas, assim, farão parte da identidade do sujeito do curso de Letras. Essa identidade, que também resultada, além de experiências acadêmico-profissionais, de experiências pessoais, interesses e objetivos específicos, da mesma forma será a identidade do futuro professor e/ou pesquisador, e no que toca à pesquisa, a formação acadêmica, as experiências pessoais, as perspectivas teóricas, os interesses e objetivos específicos somados ao ambiente vivenciado como um todo, trazem uma visão pessoal a uma história de vida entrelaçada a uma história da teoria e prática de produção do conhecimento linguístico. Neste capítulo, consideramos um pouco dessa história.

Quando falamos “um pouco” da história, dizemos isso porque há uma historicidade no caminho da institucionalização da Linguística no Brasil. O resultado desse processo não se deu por uma única via, portanto, não pode ser entendido de forma isolada, mesmo que alguns acontecimentos tenham destaque maior nos livros e artigos que contam a história da Linguística em nosso país, os caminhos foram vários. Embora estejamos trazendo aqui alguns pontos que mereçam atenção para esta pesquisa, entendemos que não há “uma” história da Linguística, mas, sim, várias histórias oriundas de diversas circunstâncias favoráveis e desfavoráveis até chegarmos à implementação dos estudos linguísticos em formato de disciplina nas universidades brasileiras.

Começemos por ver o que diz Castilho a respeito do cenário educacional brasileiro do ensino superior ainda no séc. XX:

A consciência educacional brasileira despertou praticamente em março de 1932, com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, documento que polarizou opiniões e canalizou atenções para o magno problema da Educação Nacional. Encontramos aqui os primeiros brados de alerta contra as falhas de nossa estrutura universitária, muitos dos quais são repetidos pelos porta-vozes da Reforma Universitária, o que evidencia a paternidade do Manifesto sobre estes, em parte, pelo menos. (CASTILHO, 1963a, p. 6)

A proposta do Manifesto, segundo o autor, era de uma educação que servisse aos interesses do indivíduo, considerando a vinculação da escola com o meio social e com ideal condicionado pela vida social, a escola atrelada à solidariedade, ao serviço social e cooperação, e não aos interesses de classes. À universidade caberia a formação da “elite de pensadores, sábios, cientistas, técnicos e educadores, venham de que camadas vierem, desde que sejam ‘os melhores e os mais capazes’” (CASTILHOS, 1963a, p. 7), indicando contrariedade ao, até então, conceito de educação que privilegiava uma elite formada por diferenciação econômica. A repercussão do Manifesto, segundo Castilhos (Ibid.), “forçou uma tomada de consciência em torno dos assuntos da Educação” (p. 7) e, “pela primeira vez as forças vivas da nação se lançaram numa campanha educacional que cobriu todo o país” (p. 7).

Conforme Fiorin (2006, p. 13), mesmo havendo reivindicações anteriores aos anos 1930 do séc. XX para a estruturação de uma formação superior em línguas e literaturas, os primeiros cursos de Letras no Brasil, propriamente ditos, surgiram, respectivamente, em:

1. 1934, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo;
2. 1935, na Universidade do Distrito Federal;
3. 1939, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e na Universidade de Minas Gerais.

Contudo, a criação dos primeiros cursos de Letras ainda não garantia, até então, acolhimento simpático da Linguística dentro das universidades.

Compreender um pouco do contexto político também é importante para conhecermos a história e o modo como os estudos linguísticos entraram nas universidades brasileiras. A Era Vargas (1930-1945) foi marcada por um período de instabilidade política, o Estado Novo, período que durou de 1937 a 1945, é considerado o período mais conturbado do governo de Getúlio Vargas, grifado como o mais repressivo e ditatorial sob seu comando (BEZERRA, c2020-2021). Em 1939, o governo de Vargas extingue a Universidade do Distrito Federal como uma reação do conservadorismo apoiado pelo Estado Novo, sendo criada, em seu lugar, a Faculdade Nacional de Filosofia, integrada à Universidade do Brasil, com outro viés ideológico que, segundo Rodrigues (2005, p. 13), “instalou uma versão mais antiquada e menos científica do ensino na área de línguas e literaturas, em que não havia lugar para a ciência Linguística”. A nova universidade, erigida pelo Ministério da Educação, limitava o padrão a todas as faculdades de filosofia, ciências e letras no país. De acordo com Altman (2004), tais interferências trouxeram significativas consequências no processo de institucionalização da Linguística no Brasil, como descreve:

Eliminar a linguística geral do currículo das faculdades de Letras significava, na prática, eliminar todo um conjunto de problemas e metodologias inovadoras no tratamento da linguagem da formação de jovens profissionais que, pela primeira vez no país, se graduavam em cursos de língua e literatura. (ALTMAN, 2004, p. 133)

À UDF, coube incorporação à Universidade do Brasil²⁷, criada pelo Poder Legislativo em 1937 como uma forma de continuidade da antiga Universidade do Rio de Janeiro, que surgiu na década de 1920 com um agrupamento de escolas superiores da cidade. A Universidade do Brasil buscava um “padrão nacional” de ensino superior e visava o controle centralizado sobre o sistema e qualificação do

²⁷ A partir da reforma universitária em 1965, a Universidade do Brasil passa a ser chamada de Universidade Federal do Rio de Janeiro (CPDOC, c2020b).

ensino, entretanto, na prática, embora houvesse o discurso da democratização do ensino, criava-se ali uma universidade voltada às elites (CPDOC, c2020b).

Não obstante, consoante a Martins, “diferentes são os percursos de institucionalização das pesquisas linguísticas no Brasil (no interior de cada universidade) até a década de 1960” (2012, p.62), período marcado por fortes transformações sociais, econômicas e políticas que pressionavam muito por uma reforma do ensino superior (OLIVEIRA, c2021). Em 1961 o Conselho Federal de Educação (CFE) aprovou, através de resolução, a entrada da disciplina de Linguística de forma obrigatória nos cursos de Letras que, até então, eram 83 ao todo, mesmo quase não havendo ainda professores aptos para dar aulas de Linguística (VANDRESEN, 2001)²⁸.

Os caminhos da Linguística até a década de 1960, conforme Martins (2012), podem ser melhor compreendidos pela trajetória de alguns professores que acabaram se tornando referência, já que a pesquisa e os estudos linguísticos, a princípio, interessavam a poucos. Nesse caminho, não poderíamos começar a falar sobre a história da Linguística no Brasil sem mencionar, em primeiro lugar, o nome de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970) que, além de pioneiro, foi um “propugnador constante e imbatível dos estudos Linguísticos sérios, cientificamente bem fundados”, nas palavras de Aryon Dall’igna Rodrigues (2005, p.12). A vasta obra e dedicação de Mattoso Câmara Jr., ex-aluno de Roman Jakobson nos EUA, lhe rendeu o status de um dos maiores linguistas do Brasil, sendo o primeiro professor de Linguística em uma universidade do país, a Universidade do Distrito Federal (UDF), no Rio de Janeiro, criada em 1935 e com ela o curso de Letras da instituição. Mattoso deu aulas de Linguística na UDF durante dois anos, entre 1938 e 1939, quando a universidade foi fechada. A respeito de suas publicações de maior destaque devemos citar, entre muitas traduções que fez, *A Linguagem* (1954)²⁹, traduzido de Sapir³⁰, indicando já

²⁸ É pertinente destacar que o mesmo ano Mattoso Câmara Jr. traduz uma coletânea de artigos de Edward Sapir, intitulada *Linguística Como Ciência* (VANDRESEN, 2001).

²⁹ A obra foi traduzida por Mattoso em 1938, quando o linguista trabalhava na Universidade do Distrito Federal, porém, o autor só conseguiu editores para publicá-la em 1954 (RODRIGUES, 2005).

³⁰ Edward Sapir (1884-1939) foi um antropólogo e linguista alemão que teve como professor Franz Boas (alemão naturalizado americano de forte influência no desenvolvimento da antropologia). Seus estudos contribuíram para a intensificação da Linguística teórica e o aprimoramento da Linguística indígena e indo-européia. Definiu o conceito de fonema, em termos de relações significativas entre os sons e a sua distinção entre fonética e fonologia redirecionou a Linguística americana (MOTA e TEIXEIRA, 2011).

com essa obra seguir a linha estruturalista norte-americana, além de outros textos traduzidos do mesmo autor, reunidos sob o título *Linguística como Ciência* (1961). Altman (2004) reafirma a influência da vida intelectual americana dos anos 1940 nas obras de Mattoso e a presença de uma ligação com a concepção de estrutura linguística de Jakobson confirmada por suas anotações, em especial, dos cursos que teve na *École Libre* e em Colúmbia. Em 1942, Mattoso publica *Princípios de Linguística Geral*, o primeiro manual de Linguística do Brasil, como resultado de suas teorias e publicações, especialmente na *Revista Brasileira de Filologia* e o *Boletim de Filologia*, ambos do Rio de Janeiro (VANDRESEN, 2001).

Mattoso Câmara Jr. foi um precursor, um pioneiro dos estudos linguísticos no Brasil, só ele, de acordo com Rodrigues “conseguiu exercer uma ação realmente decisiva” (2005, p. 24) graças à compreensão que adquiriu desde muito cedo a respeito da linguagem e das línguas e à propriedade e inteligência com que trabalhou em suas publicações, mas isso não significa que foi o único com esses interesses, como deixa frisado Rodrigues: “Ser pioneiro não significa necessariamente ser o primeiro. Outros estudiosos procuraram introduzir os estudos científicos da linguagem no Brasil antes de Mattoso e paralelamente a ele” (2005, p. 24). Dissemos que foi um precursor não porque deixou alunos que se tornaram discípulos, mas porque, consoante a Rodrigues, deixou diversos e prestigiados textos que influenciaram milhares de pesquisadores interessados em estudos da língua e da Linguística, criando “uma base cultural favorável à renovação dos estudos linguísticos” (Ibid., p. 24).

Segundo Lagazzi (2007), como já mencionamos, quando instituído, o trabalho dos linguistas circula em termos de função autor,

A autoria se apresenta e se representa em nomeações: nome do saber e nome de quem produz esse saber e o ratifica, sendo ratificado como autor. A legitimação científico-institucional se faz pela afirmação da autoria, ou seja, pela representação e circulação dessas nomeações. No Brasil, encontramos os nomes ‘Linguística’, ‘Mattoso Câmara’ e ‘Estrutura Da Língua Portuguesa’ numa relação de fundação da Linguística. (2007, p. 13)

A autora ainda ressalta que em *Princípios de Linguística Geral*, junto ao nome referenciado do próprio Mattoso Câmara, há também outros nomes importantes que se fazem presentes, como Capistrano de Abreu, Said Ali, Antenor Nascentes, Theodoro Sampaio, Serafim Silva Neto e Sousa da Silveira. (LAGAZZI, 2007, p. 13). Embora quando falamos em institucionalização da Linguística no Brasil tenhamos

sempre em mente Mattoso, justificadamente como a primeira grande referência em estudos linguísticos no país, também outros pesquisadores tentaram e tentavam firmar essa nova área do conhecimento nas instituições de ensino superior, alguns desses nomes não ganharam o mesmo destaque na história, mas tiveram também importante papel entre primeira e segunda metade do séc. XX mesmo com todas as dificuldades que a conjuntura política e social da época lhes impunha, e merecem seu espaço na memória da institucionalização Linguística.

Mattoso hoje talvez possa ser visto não apenas como um nome, mas como uma representação daquilo que a luta de um grupo de estudiosos da língua buscava em um tempo que carecia profundas mudanças na estrutura do ensino. Mattoso Câmara retrata o início de uma nova fase que transformaria para sempre os caminhos do conhecimento linguístico no Brasil.

Sem embargo, cabe ressaltar, em conformidade com UCHÔA, que

Se o discurso da linguística moderna se iniciou e se firmou entre nós com o discurso estruturalista de Mattoso Câmara, é de se esperar que os nossos estudiosos da linguagem tenham sempre a consciência de que os vários discursos que lhe sucederam – o do gerativismo, o da sociolinguística, o da pragmática, o da linguística do texto... – se complementam na verdade, e não se excluem, direcionados que são a objetos ou interesses distintos que o amplo campo da linguagem comporta. Só assim alcançarão a necessária compreensão da progressão que o estudo científico do fenômeno linguístico vai suscitando, encarado de diferentes planos e perspectivas, a exigirem sempre novos discursos. (2004, p. 7).

No que se refere à institucionalização da Linguística no século passado, vários linguistas mereceriam destaque por sua contribuição a esse processo, Martins (2012) destaca, além de Mattoso Câmara Jr., também a notoriedade de Robert Henri Aubretton, Maurer Jr. e Izidoro Blikstein, por exemplo, como precursores desse processo de institucionalização. Entretanto, até final do séc. XX, de acordo com Altman, “Além de Mattoso, o pesquisador brasileiro voltado para o estudo da linguagem e das línguas [...] pouco se dedicou à reflexão – ou ao registro – das tradições de estudo linguístico, locais ou não, que o antecederam” (1996, p. 176), o passado ficava à margem, entre uma e outra publicação introdutória ou periférica às especialidades de quem publicava. Uma memória sendo esquecida no tempo. Como menciona Altman (Ibid.), Mattoso foi exceção.

De acordo com Rodrigues, em seus últimos dez anos de vida, Mattoso preocupou-se

em historiar e avaliar criticamente as contribuições linguísticas de seus predecessores no Brasil, seja analisando a obra de filólogos e gramáticos importantes, como Said Ali (1961), João Ribeiro (1961), Antenor Nascentes (1966), seja fazendo levantamentos amplos como “Os estudos de língua portuguesa em Portugal e no Brasil” (1967), “Brazilian Linguistics” (1968, na grande obra coletiva *Current Trends in Linguistics*), assim como “Os estudos de Português no Brasil” (1968 e 1969). (2005, p. 16)

As reflexões de Mattoso acerca da produção intelectual até aquele momento tem alicerce na relevância desses autores e obras que propiciaram uma historicização e constituíram uma memória a partir do que se tinha até então em termos de estudos linguísticos.

Se até a década de 1930, quando surgiram as primeiras universidades no Brasil, tínhamos poucos professores de Linguística genuinamente brasileiros e havia necessidade de “importar” especialistas europeus, como da Alemanha, da França e de Portugal para os grandes centros, começamos, especialmente a partir de Mattoso Câmara Jr., a assumir uma nova fase no ensino e na produção do conhecimento linguístico, uma “independência” ou descolonização linguística pela formação de novos professores em um novo espaço de desenvolvimento científico, uma Linguística brasileira com várias histórias.

2.3 O Que é Ser Pesquisador em Letras/Linguística

Abordaremos, neste capítulo, as noções de pesquisa e de pesquisador sob a ótica da AD pecheutiana. Entendemos que para podermos pensar sobre o que é ser pesquisador a partir do olhar discursivo, devemos considerar também nossa visão sobre pesquisa (a pesquisa que nos interessa aqui é a pesquisa em ciências da linguagem, refletiremos a pesquisa em relação à produção do conhecimento linguístico), do mesmo ponto de vista, compreendendo-a como um processo que inicia na graduação e se desenvolve com mais intensidade, digamos assim, na pós-graduação. Podemos pensar, também, sobre o que era fazer pesquisa na primeira metade do século passado, antes mesmo de uma institucionalização da Linguística e o que é fazer pesquisa hoje, no séc. XXI, em que a Linguística já ocupa lugar legitimado por vasta produção científica e pesquisadores renomados como nossos entrevistados por exemplo. O pesquisador do século passado é o mesmo pesquisador deste novo século?!

O trabalho desta tese é focado nos discursos de pesquisadores referência no Brasil em estudos linguísticos. Com base nesses discursos, buscaremos encontrar seus pilares de formação que são, em sua maioria, linguistas antecessores, professores pesquisadores que, inclusive, contribuíram/contribuem para o iminente desenvolvimento da ciência linguística. Houve um amadurecimento que se deu “por meio da pesquisa, em lugar da simples acumulação da cultura e formação de profissionais”, como cita Castilho (1963a, p. 7) ao mencionar a importância do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, lançado em 1932, contribuindo para o despertar da consciência educacional brasileira. Nessa direção, precisamos entender melhor o que é um pesquisador, o que o sujeito faz enquanto pesquisador e como colabora para o desenvolvimento de uma ciência.

Em 1963, Castilho apresentou sua visão a respeito da pesquisa científica e o que ela exige dentro da universidade. Para o autor,

pesquisar é trilhar caminhos novos, descobrir soluções insuspeitadas, ampliar a ciência. Neste sentido, a busca bibliográfica não é pesquisa, senão informação apenas. Alunos e mestres devem compenetrar-se de que, no estado atual, os quatro anos do curso de graduação destinam-se a dotar o estudante do instrumental básico que o capacitará para futuras pesquisas, em campos pelos quais puder conscientemente optar, além de destinar à edificação de um método de trabalho e de uma disciplina intelectual indispensável àquele gênero de atividades. Somente após esse trabalho de exploração do terreno poderão aluno e professor organizar planos de verdadeira pesquisa...” (CASTILHO, 1963a, p. 18-19)

Lá se vão quase sessenta anos desde que Castilho destacou a importância dos cursos de pós-graduação para o crescimento da pesquisa considerando que “destinam-se eles aos alunos que manifestarem pendor pela pesquisa, caracterizado por aquela curiosidade metódica e permanente insatisfação diante do estado atual de conhecimento” (CASTILHO, 1963a, p. 19). Dessa forma, nem todo aluno de graduação, por mais que tenha “instrumental básico” que o capacite a trabalhar com pesquisa, tornar-se-á, de fato, pesquisador, visto que é necessário, de acordo com Castilho (Ibid.), o despertar da atenção e um empenho profundo diante do tema proposto à investigação para que uma pesquisa alcance seus objetivos.

O pesquisador, para chegar a um tema de pesquisa, precisa recorrer ao que alguém disse antes (em outro lugar, em outro momento), ele faz isso procurando e selecionando textos que sirvam de sustentação ao que pretende trabalhar, ou seja,

pelas referências bibliográficas, que não serão quaisquer referências, sua produção textual ganhará maior consistência quanto maior for a busca de autores com propriedade para dizer o que dizem a respeito de determinado assunto (mais uma vez, horizonte de retrospectiva, segundo Auroux).

É pertinente destacar aqui o que diz Castilho na citação acima: “a busca bibliográfica não é pesquisa”. Pelo senso comum, ainda mais com a chegada da era da internet, suas tecnologias e suas ferramentas de busca lideradas pela gigante Google no final do séc. XX, tem-se muitas vezes a ideia de que o acesso à informação é sinônimo de conhecimento, e não é. Fosse assim, o vendedor de jornais, o bibliotecário ou o simples usuário da ferramenta Google ou qualquer outro buscador de informações online (memória metálica) seriam excepcionais detentores de imensa sabedoria. Quando temos uma bibliografia, física ou virtual, temos um agrupamento de referências sobre o mesmo ou diferentes assuntos que, individualmente, não mobilizam sentidos, temos ali perspectivas, dados, ou informação apenas, como prefere Castilho.

Assim, para que haja produção de conhecimento, é necessário que o pesquisador intervenha fazendo relações entre essas bibliografias, entre diferentes autores com seus pontos de vista e concepções, e, a partir daí, embarcar de vez no jogo de mobilização da produção de sentidos. Como o pesquisador faz isso? Através do gesto de leitura que se dá pela interpretação. A interpretação, por sua vez, procederá de acordo com a identificação do sujeito-pesquisador a uma dada FD, a sua ideologia e sua relação com o interdiscurso, que representa a memória discursiva. Mais uma vez, não podemos esquecer do funcionamento do efeito-leitor na produção do pesquisador, lembremos novamente o que diz Orlandi: “A maneira como você textualiza produzirá um efeito-leitor” (2006, p. 37). Ou seja, ao textualizar, o pesquisador está produzindo possibilidades de sentido que o determinará também enquanto sujeito pesquisador, faz isso assumindo posição a partir de certa discursividade, o efeito-leitor assentado pela função-autor. Estamos, com a escrita deste trabalho, produzindo possibilidades de sentido.

Mas fica o pesquisador submetido apenas ao que identifica como já-dito, ao que reconhece como inscrito na história e na memória? Se desejar produzir conhecimento através da pesquisa, certamente que não, ele precisa ampliar sua compreensão e clareza a respeito do que há sobre o tema que lhe interessa para

estudo, assim ele pode “trilhar caminhos novos, descobrir soluções insuspeitas” (Castilho, 1963a, p. 18-19). O pesquisador corre o risco, caso não faça isso, de não dar seguimento à discursividade que permeia a temática, o ponto em questão. Entendemos que pesquisar é isso, é compreender e buscar mobilizar os sentidos, requer (re)posicionamento, interpretação. Conforme Scherer,

para pesquisar é preciso nos esfacelarmos em múltiplos pedaços para nos lançarmos em um caminho incerto, nos engajarmos em um caminho obscuro rumo a um lugar incerto. Pesquisar é também nos expormos. Não existe pesquisa sem exposição ao outro e às bizarras da viagem. É navegar em busca de portos novos, terras novas, é transitar pelo não senso – o não dizível, – é retornar a nossa origem com novos sentidos. (2000, p. 18)

Scherer toca em um ponto oportuno para nossa reflexão que é esse caminho incerto rumo a um lugar incerto. Quando propomos uma questão de pesquisa imaginamos onde ela pode nos levar, o imaginário nos conduz a uma ideia do que será necessário para alcançarmos os objetivos que a pesquisa projeta ao mesmo tempo em que, muitas vezes, provoca antecipadamente uma visão (também imaginária) do possível resultado de uma análise, mas, como pontua Scherer, esse lugar é incerto, sendo assim, inexistente antes do término da pesquisa.

Para Leal,

Um problema de pesquisa supõe a possibilidade de buscar informações a fim de esclarecê-lo, compreendê-lo, resolvê-lo ou contribuir para sua solução. Um problema de pesquisa, portanto, não é um problema que possa ser resolvido pela intuição, pelo senso comum ou pela simples especulação. (2002, p. 232)

Para se chegar ao problema ou questão de pesquisa, o pesquisador precisa de certo grau de conhecimento a respeito da teoria e dos conceitos que irá utilizar, a teoria dará base “para a observação do que é relevante” e servirá como orientação para que o pesquisador possa identificar as questões que possam ser pertinentes para uma análise, bem como a perspectiva sob a qual sua pesquisa será conduzida (LEAL, 2002). Desse modo, o que será relevante ou pertinente, bem como a forma como será produzido o texto, dependerá das leituras do pesquisador e da posição em que se coloca diante da discursividade presente nos textos que lê e pretende utilizar (há seleção ao fazermos escolhas).

Da perspectiva discursiva, compreendemos que a partir do processo pelo qual o pesquisador se movimenta entre teoria (s), autores e textos, os objetivos iniciais e até mesmo o objetivo principal da investigação podem mudar, o problema de pesquisa

pode mudar, uma vez que o sujeito, para a AD, encontra-se sempre em constante formação, sendo assim, não pode manter-se totalmente inflexível diante de novos fatos que possam vir a pôr em suspeição suas hipóteses iniciais. Além disso, a depender da extensão dos estudos, da investigação, há os contratempos, os entraves que podem ocorrer e mudar o percurso da pesquisa, como aconteceu conosco, por exemplo, após o início desta produção acadêmica em função da pandemia de Covid-19, as adversidades nos forçaram a adaptação e mudança expressiva de caminho após quase dois anos de início do trabalho.

O deslocamento é recorrente na pesquisa, opera como que para acomodar o que está ao alcance do autor-pesquisador (leituras, teoria, arquivo, corpus, análise), mas não pode ser arranjado de qualquer forma. Nesse sentido, considerando especificamente a pesquisa em AD, relembremos o que diz Petri (2013) a respeito do movimento pendular, proposto pela professora e pesquisadora. O trabalho com pesquisa é associado ao movimento de vaivém de um pêndulo, pois o pesquisador, sujeito em formação, precisa considerar o ir e vir como esperável e natural durante o processo de produção. Embora usualmente o referencial teórico venha no início da pesquisa, ele eventualmente precisa ser revisto junto à análise, junto ao corpus, é preciso voltar à teoria, entendendo “as especificidades desse movimento” (Petri, 2013, p.41). Dentro da AD, a metodologia existe “mas não para, está em suspenso, em movimento, (de) pendendo como o pêndulo, relativizando os olhares sobre o mesmo objeto. Isso a caracteriza como em constante movimento” (Ibid., p. 43).

Sendo assim, pesquisa é também quebra de convicções. Sobretudo quando se dedica ao trabalho com processos de produção de sentido, o pesquisador o faz por meio da língua que é opaca, que apresenta equívocos, falhas, possibilidades de interpretação. Desse modo, as palavras não têm sentido, nós é que atribuímos sentido às palavras frente à incompletude da linguagem, uma incompletude que, para Orlandi, também é própria do sujeito e do sentido, “o desejo de completude é que permite, ao mesmo tempo, o sentimento de identidade, assim como, paralelamente, o efeito de literalidade (unidade) no domínio do sentido” (ORLANDI, 2007a, p. 78-79).

O pesquisador é o sujeito que estamos pensando aqui, um sujeito que precisa se expor, mas que deve estar atento ao se lançar no seu sentido, ao assumir determinado olhar sobre os objetos de análise, visto que esse sujeito, de acordo com Orlandi (1995), ao mesmo tempo em que produz sentido, também se produz, “esta é

a dimensão histórica do sujeito – seu acontecimento simbólico – já que não há sentido possível sem história” (ORLANDI, 1995, p. 114), isto significa que o pesquisador se faz pesquisador diante do movimento de produção de sentidos, movimento que só é possível pela exposição, pela busca de portos novos, terras novas, trânsito pelo não senso, conforme a citação de Scherer (2000, p.18), ou seja, buscando atribuir sentidos durante a pesquisa por meio do discurso científico.

Leal também afirma que “só se aprende a pesquisar, pesquisando” (2002, p.230) e que cada nova pesquisa requer novas aprendizagens sobre como pesquisar, já que nem toda pesquisa é trabalhada da mesma forma. A autora considera que as obras e textos que apresentam os problemas e os modos de fazer pesquisa são subsídios

de alguém que, ao pesquisar, está também aprendendo a pesquisar [...], reflete sobre sua ação, busca as reflexões que outros pesquisadores fizeram sobre sua experiência, e oferece aos novos pesquisadores suas próprias reflexões (ORLANDI, 2002, p.230).

Assim, pesquisar é mobilizar sentidos, constituir-se enquanto sujeito-pesquisador pela prática discursiva.

A constituição do discurso – no caso, através da pesquisa - se dá pelo funcionamento da memória discursiva que ocorre pela (re)atualização de dizeres que já estão postos em outro lugar no interdiscurso, conforme Schneider (2012), mas também pela relação do sujeito (pesquisador) com a articulação sócio-histórica e ideológica, “essa memória discursiva não se trata somente de uma retomada de saberes, mas da (re)produção de saberes referentes a um determinado domínio de saber situado num tempo e espaço específico (SCHNEIDERS, 2012, p. 309).

Ao realizar esse movimento de produção de sentidos, que é um movimento que possibilita discursividade, o pesquisador está instituindo discurso. De acordo com Orlandi, para que haja movimento nesse discurso, é preciso “saber delimitar diferentes formulações, é saber demarcar umas e outras para poder estabelecer sua posição e, na discussão com outras vozes, estabelecer o âmbito da sua compreensão do fato que é objeto da reflexão” (2007a, p. 145), o pesquisador, para produzir discurso, não pode deixar de fazer relações com/entre outros dizeres, com/entre outros discursos, precisa tocar, com seu gesto, o interdiscurso.

Há determinação do interdiscurso (memória do dizer, lugar da ‘constituição’ dos sentidos) sobre a formulação (a enunciação particular de um dizer). O

sujeito, ao 'formular' seus sentidos, inscreve-se necessariamente no interdiscurso (no já-dito). A formulação é determinada pela memória. E aqui a memória também não é considerada em nível individual, mas histórico. Isso não significa que não há nada de novo sob o sol, mas sim que não há dizer que se faça 'fora' da história. Todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que o toma em sua rede de significações. É assim que fazemos sentido. Mas, ao retomá-los, produzimos um deslocamento, empurramo-los para outros lugares. (ORLANDI, 2007a, p.143)

Ao concluir uma pesquisa, produzindo discurso ao fazer uma análise, portanto, o sujeito-pesquisador se inscreve de outro modo no interdiscurso, torna-se também fonte de referência para outros pesquisadores, ingressa como autor no conjunto de textos que configuram uma memória discursiva, o sujeito-pesquisador entra no funcionamento da discursividade. Conforme Orlandi, os processos discursivos se realizam pelo sujeito, mas não têm origem nele, pois, “ao falar, o sujeito se divide: as suas palavras são também as palavras de outros” (2007a, p.78), o sujeito tem apenas a ilusão de que é a fonte do sentido que, na verdade, não está sob seu domínio, somente põe em jogo a discursividade ao atribuir seus sentidos. Mas atribui sentidos na pesquisa, obviamente, após passar por algumas etapas como a delimitação de tema e busca por uma questão de pesquisa, fase decisiva do processo, segundo Leal (2002), indo ao encontro da organização do arquivo e extraíndo dele um corpus.

Ao abordarmos a questão da pós-graduação, entendemos que tanto Scherer (2000) quanto Castilho (1963a) reconhecem sua importância para a pesquisa, embora suas produções sejam de épocas distintas, diferentes conjunturas político-sociais-acadêmicas, considerando a passagem de mais de quarenta anos entre seus trabalhos que, além disso, envolvem diferentes condições de produção afetadas por significativas mudanças na área da educação, em especial, no que se diz respeito aos estudos linguísticos no Brasil. Embora mudanças tão significativas possam, durante o decorrer do tempo, impactar a forma como cada sujeito vê a produtividade acadêmica, ainda se mantém (e percebemos isso por meio de uma memória) o reconhecimento de ambos sobre os méritos e créditos da pós-graduação para a pesquisa.

Para Scherer, a pós-graduação precisa assumir o seu lugar e “o pressuposto fundamental será de que a produção em pesquisa não está mais unicamente no da transmissão e no da reprodução do saber” (Ibid., p. 12), além disso, o pesquisador deve “estar atento ao efeito do real que apaga o equivalente conceitual” (Ibid., p. 13), assim, espera-se que “se saiba, em última instância, como determinar rigorosamente a unidade e a identidade do pesquisador e da pesquisa – forma dizível de seus limites”

(Ibid., p. 13), pois, visto que há interpretação e ela tem relação com o que aparentemente ainda não tem sentido, o sujeito tende a querer dominar esse sem-sentido, atribuir os seus sentidos quando inicia a pesquisa científica, ilusão de controle.

O interesse pela pesquisa, hoje, vai além do público de alunos de pós-graduação, como aponta Leal (2002), a disposição por atividades de pesquisa tem seduzido também alunos de graduação e docentes de fora das instituições de ensino superior em razão dos esforços dessas instituições em desenvolver atividades “motivadas, por um lado, pelas recomendações de fóruns internacionais, por outro lado, como decorrência da pressão exercida pelo processo de avaliação ao qual têm sido submetidas pelo Ministério da Educação” (2002, p. 231).

Essa ocorrência observada nos dias atuais demonstra o comprometimento das instituições em promover uma cultura de qualificada pesquisa acadêmica, salientando a pesquisa como elemento essencial para o avanço do saber não apenas na área da Linguística, como também de qualquer outra área do conhecimento.

2.4 Fatores Consideráveis Para a Disciplinarização da Linguística

Começamos tentando compreender um pouco mais a percepção e o conceito de disciplina. Scherer, Schneiders e Martins entendem que a noção de disciplina “serve para designar um corpo de saber entendido como articulação de um objeto, de um método e de um programa de um lado e, de outro, como o modo de ocupação reconhecível em uma configuração maior” (2015, p. 77), ou seja, um conjunto de conhecimentos organizados em torno de um tema particular, uma área de estudo que se define dentro de um campo mais amplo de conhecimentos. As pesquisadoras também concebem o sistema disciplinar como

um modo de organização funcional da pesquisa contemporânea e está muito ligado ao ensino superior no seu caráter institucional (a descrição das revistas, a fundação e criação das associações acadêmicas e científicas, as transformações dos departamentos, a criação de laboratórios, grupos de pesquisa) e também no seu caráter teórico: o aparelho conceitual e metodológico, a natureza das questões colocadas em jogo, as tradições de pesquisa, ou seja, aquilo que constituiria a sua matriz disciplinar. (SCHERER, SCHNEIDERS, MARTINS, 2015, p. 77)

Scherer, Schneiders e Martins consideram a proximidade com o ensino superior em dimensão institucional, mas, também, em dimensão teórica, o sistema disciplinar organiza a pesquisa em demarcações institucionais e teóricas.

Sobre a disciplinarização da Linguística no Brasil, devemos considerar alguns aspectos favoráveis ao processo para se chegar até ela, vejamos a seguir alguns:

Sem dúvida, um dos fatores que mais contribuíram para a disciplinarização da Linguística foi exatamente sua anterior institucionalização, ocorrida, por exemplo, com a reformulação das grades curriculares dos cursos de Letras, trazendo oficialmente para dentro das instituições de ensino superior programas acadêmicos que possibilitaram a contratação de professores capacitados para o ensino de Linguística³¹, definindo objetivos para a área. O rápido desenvolvimento desses estudos acabou exigindo a criação de programas voltados especialmente para a Linguística.

A criação de Departamentos de Linguística em universidades abriu de vez espaço para o ensino e pesquisa dos estudos em Linguística, desenvolvendo os programas de pós-graduação. Entre alguns dos mais expressivos podemos citar o Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo³² (USP), O Departamento de Linguística da Universidade Federal de Minas Gerais³³ (UFMG), O Departamento de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro³⁴ (UFRJ) e o Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas³⁵ (UNICAMP). Somado a isso, não podemos esquecer da atuação de revistas acadêmicas e associações voltadas à pesquisa Linguística como, por exemplo, a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) que têm muita contribuição na promoção e avanço desses estudos através de divulgação de pesquisas, simpósios, congressos e demais eventos acadêmicos. No decorrer dos anos, surgiram inúmeras revistas e periódicos científicos voltados aos estudos linguísticos, essas revistas e periódicos colaboraram, direta ou indiretamente, para a manutenção do que temos hoje em torno desses estudos, considerando

³¹ Vale lembrar que antes mesmo da contratação de professores para trabalhar oficialmente com Linguística já tínhamos professores dentro das instituições de ensino lecionando a partir desses estudos que já existiam à época, prática que ocorria em diferentes departamentos (como veremos com a análise das entrevistas). É como se a disciplinarização da Linguística ocorresse por um caminho iminente.

³² linguistica.fflch.usp.br/departamento

³³ poslin.letras.ufmg.br

³⁴ portal.letras.ufrj.br/institucional/departamentos/linguistica-e-filologia.html

³⁵ lel.unicamp.br/br/content/pós-graduação-em-linguística

também o avanço das pesquisas com a publicação de artigos, debates, resenhas, etc., disseminando muito o conhecimento através da pesquisa científica.

Com a contratação de professores e o estabelecimento de cursos de graduação e pós-graduação, veio a necessidade também de novos recursos como bibliotecas, acervos de pesquisa, laboratórios, enfim, um ambiente propício para o ensino e decorrente pesquisa, viabilizando a formação de futuros novos professores e pesquisadores, a prática de pesquisa seguindo curso natural que fortalece qualquer ciência e que, no caso, fortaleceu a Linguística institucionalizada e a favoreceu como disciplina dentro dessas instituições.

Concomitantemente à contratação e formação de novos profissionais, houve uma “internacionalização” da pesquisa, ocorrida pela participação de professores brasileiros em eventos internacionais, bem como a colaboração de pesquisadores de outros países além da tradução de obras publicadas por estrangeiros dentro do campo da Linguística. A divulgação dos saberes entre pesquisadores nacionais e internacionais, especialmente com a globalização atual, fortalece as pesquisas científicas impulsionando os estudos linguísticos no Brasil, solidificando cada vez mais uma ciência que ganhou força particularmente a partir da década de 1950, mesmo que, entre 1964 e 1985, durante a ditadura militar, tenha enfrentado, assim como outras áreas do conhecimento, desafios marcantes.

Em direção a uma disciplinarização dos estudos linguísticos, com a chegada e formação de professores especialistas e uma nova geração de alunos dedicados à área (graduandos e pós-graduandos), começaram a surgir pesquisas de campo, levantamento de dados e análise de arquivos que, somados à conjuntura que se estabelecia, promoviam um potente desenvolvimento da Linguística. Como vimos nos capítulos anteriores, também a participação desses alunos em programas de iniciação científica e grupos de pesquisa dedicados aos estudos linguísticos conservou e estimulou o interesse à sequência de produções e divulgações de trabalhos no país.

Uma diversidade de fatores levou à inclusão da Linguística em currículos de instituições de ensino superior. Disciplinas específicas sobre diferentes segmentos e teorias dentro do que chamamos Ciência Linguística começaram a ser ofertadas a partir da formação de profissionais aptos a lecionar, cada qual, dentro de sua área de conhecimento.

A configuração de uma disciplina, conforme SCHERER, SCHNEIDERS, MARTINS (2015),

vincula-se ao seu horizonte de retrospectão, pois, por meio dos resquícios-vestígios de uma memória em funcionamento, pode-se entender uma temporalidade que é própria da disciplina e, assim, compreender os saberes que organizam a memória disciplinar de determinado domínio de saber (Chiss & Puech, 1999).

Isso significa que a configuração de uma disciplina vinculada ao horizonte de retrospectão (AUROUX, 2008) propicia uma capacidade de olhar para o passado e refletir sobre o mesmo, o que favorece não somente compreensão sobre a temporalidade própria da disciplina mas, também, a percepção do modo como se estruturam os saberes em torno dela, organizando-se em memória. O funcionamento da memória traz consigo resquícios e vestígios importantes para entendermos uma construção e evolução histórica em determinado campo do conhecimento, pois, ao retomarmos o passado pela memória podemos identificar esses vestígios, resquícios, compreender como ocorreram mudanças durante os anos para chegarmos à organização de uma disciplina, por exemplo, de Linguística. Entretanto, Scherer, Schneider e Martins (2015) também consideram uma projeção que pode ser feita, segundo a definição de Auroux, em relação ao futuro. As pesquisadoras destacam ainda que “A retrospectão permite a relação com a memória, apresentando uma função legitimadora; já a projeção apresenta uma relação com o devir, tendo, por conseguinte, uma função disciplinar” (2015, p. 78), ou seja, a retrospectão tem relação com a memória enquanto que a projeção é relacionada a um olhar para o futuro, para possibilidades e transformações que possam vir a ocorrer na/da disciplina. Para a estabilização e desenvolvimento de uma disciplina, os conceitos de retrospectão e projeção trazidos por Auroux permitem e ilustram parte do processo de disciplinarização de uma teoria.

Como vimos, o processo de disciplinarização da Linguística aconteceu gradualmente no Brasil entre fatores históricos, políticos e sociais, mais especificamente a partir da segunda metade do séc. XX. Antes disso, os estudos sobre a linguagem seguiam uma concepção mais focada na gramática normativa e a norma culta. A segunda metade do séc. XX já inicia com professores de Linguística ministrando aulas de Linguística nas universidades, apesar da conjuntura político-

social rígida desse período de intensa censura pela qual, obviamente, quem trabalhava com língua e linguagem também sofria.

Nos anos 1980, época que marcou o final do período ditatorial, a pesquisa científica em estudos linguísticos e a disciplina acadêmica de Linguística se consolidam nas universidades com: projetos como Discurso, Significação, Brasilidade, organizado por Orlandi; O projeto História das Ideias Linguísticas no Brasil, também proposto por Orlandi; a criação de associações como a Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), demonstrando a força já legitimada de uma Linguística institucionalizada e disciplinarizada³⁶ pois, conforme Scherer, Schneiders e Martins (Ibid., p. 79) “o disciplinar é também pensar o processo de institucionalização, por meio do qual certo domínio ganha visibilidade e possibilita/resulta da disciplinarização de determinados saberes em condições sócio-históricas e ideológicas específicas”, ou seja, a disciplinarização se dá pela limitação de fronteiras em um campo maior do conhecimento.

³⁶ Ver Cronologia de Alguns dos Principais Dados e Fatos na História da Linguística no Brasil, capítulo 2.1, pág. 55.

PARTE 3

DO ARQUIVO E DO CORPUS

3.1 A Construção do Arquivo (o que é arquivo para a AD)

Martins entende que, em primeiro lugar, o arranjo do arquivo “se dá a partir do momento que temos definida a questão de pesquisa ou a delimitação de um tema ou conceito a ser investigado, sem deixar de levar em conta, também, a perspectiva teórica na qual estamos inseridos” (2012, p. 26). Para chegarmos a um arquivo de pesquisa, entendemos que é preciso um delineamento, limites para exploração como, por exemplo, o que chega às fronteiras de uma linha teórica, o que é natural, não se pode abranger o todo em uma pesquisa, sendo necessária uma delimitação de material de acordo com o tema do trabalho proposto e seus objetivos para nortear um trabalho científico, além, claro, dos interesses do pesquisador que procura e faz a seleção do material que, mais adiante, revelará um corpus apoiado em um dispositivo teórico e analítico. O trabalho com esse dispositivo também direcionará a pesquisa, assim, quando se escreve fundamentado em determinada teoria, estamos, na verdade, condicionando a ela tudo o que vier a ser escrito, incluindo a questão de pesquisa, o tema, o conceito investigado se for o caso.

De acordo com Orlandi,

Para que a língua faça sentido é preciso que a história intervenha. E com ela o equívoco, a ambiguidade, a opacidade, a espessura material do significante. Daí a necessidade de administrá-la, de regular as suas possibilidades, as suas condições. A interpretação, portanto, não é mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido. Também não é livre de determinações. Ela não pode ser qualquer uma e não é igualmente distribuída na formação social. (ORLANDI, 2012, p. 67)

Na pesquisa, a interpretação se dá por uma leitura particular, muitas vezes tentada a controlar os sentidos e as ressignificações do já-dito através dos efeitos da memória vinculada ao que Pêcheux (1995) chama “todo complexo com dominante” e que abriga as FDs. No caso particular desta pesquisa que envolve um arquivo de entrevistas que visa à rememoração a respeito da conjuntura que ocasionou a institucionalização e disciplinarização da Linguística no Brasil, essa rememoração acontece não só pelos efeitos de sentido provocados pela memória, mas também pela historicidade linguística. Venturini (2009) nos traz o funcionamento da memória em

duas instâncias, como visto no capítulo 1.2, pág. 35, que são o interdiscurso e o intradiscurso, pelos quais o sujeito se constrói ao retomar e ressignificar dizeres decorrentes da memória discursiva.

Os efeitos da memória e o pertencimento do sujeito à determinada Formação Ideológica são algumas das condições de produção determinantes para o que se observa, do que se lembra, do que se lê. Entender que a língua é opaca, que há efeitos da memória e efeitos ideológicos é compreender o fato de que também sempre há possibilidade de os sentidos serem outros. A partir daí, podemos começar a pensar o arquivo que, conforme Petri, “já é resultado de uma seleção prévia de fontes” (2000, p. 122).

Procuramos entender o modo como funcionam os processos discursivos, como os discursos produzem sentido, para isso devemos considerar “a importância do espaço discursivo; o recorte teórico e metodológico; a descontinuidade, a não-linearidade, a incompletude, a opacidade e a multiplicidade de sentidos que caracterizam o corpus e o arquivo” (PETRI, 2000, p. 123). Essas são premissas essenciais que devemos ter em mente, de acordo com Petri, além do fato de a multidisciplinaridade poder ser vista “como possibilidade de acesso ao arquivo da pesquisa” (Ibid., p. 123).

Mas o que é, afinal, arquivo? O que define arquivo para a AD? Pêcheux o descreve como um “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (1997, p. 57), o que ocorre é que, por vezes, o material desse “campo de documentos pertinentes” pode ser muito vasto, sendo necessária uma delimitação do que será compreendido como arquivo já na coleta dos dados, é o caso das entrevistas que tomamos como documentos. Se, para Orlandi (2012), ao falar, renunciemos a outros dizeres, ao realizar pesquisa também necessitamos fazer escolhas, não podendo acrescentar tudo pela necessidade de um trabalho estruturado, fechado, embora saibamos, sempre incompleto. O modo como fazemos as escolhas de leitura, arquivos, seleção de corpus, até pode ser discutido, mas uma restrição sempre será necessária na pesquisa.

O arquivo, para Nunes, “não é visto como um conjunto de ‘dados’ objetivos dos quais estaria excluída a espessura histórica, mas como uma materialidade discursiva que traz marcas da constituição dos sentidos” (2007, p. 374). O arquivo encontra-se na relação entre língua e história, relação essa que, conforme Schneiders, “permite a

instauração dos gestos de interpretação, os quais partem da base linguística com vistas a explicitar como a língua se inscreve na história, produzindo sentidos” (2014, p. 103), ou seja, como a língua está ligada ao contexto em que é utilizada, e isso envolve uma conjuntura histórico-cultural.

Particularmente, nosso arquivo de pesquisa é composto de seis entrevistas, essas entrevistas remetem a um passado em que se começava a articular um movimento de mudança no ensino de língua³⁷, a Linguística ganhava força com novas perspectivas, novas teorias que acabaram por se estabelecer aos poucos no ensino superior e, conseqüentemente, no ensino básico através da formação de professores de Língua Portuguesa com uma nova concepção de ensino. Os entrevistados são pesquisadores linguistas que têm participação de destaque na história, pode-se, inclusive, dizer que contribuíram e contribuem de forma significativa para a institucionalização e disciplinarização da Linguística no Brasil.

Inúmeras são as entrevistas de vários linguistas contemporâneos importantes, especialmente neste início do séc. XXI, mas, para estabelecer um arquivo, neste caso, entendemos que, após o primeiro passo que é a definição do tema ou da questão de pesquisa, precisamos de especificações para a investigação, aqui, optamos por observar a presença e a produção intelectual de alguns dos importantes linguistas da atualidade considerando suas experiências profissionais, autoridade acadêmica, história no progresso e amadurecimento da Linguística no Brasil, sua influência e legado; buscar o discurso, explorar o que dizem sobre sua trajetória, preferencialmente a um mesmo meio de divulgação. Dessa forma, fazem parte do nosso arquivo entrevistas com os pesquisadores Aryon Dall’igna Rodrigues, Eduardo Guimarães, Eni Orlandi, Izidoro Blikstein, José Luiz Fiorin e Leonor Scliar, todas retiradas do mesmo instrumento: a *Revista Fragmentum*.

Nossa visão a respeito das noções de arquivo e corpus também vai em concordância com Schneiders, segundo a qual o corpus de análise é constituído de acordo com a forma como concebemos a noção de arquivo, daí a importância de

³⁷ Como podemos conferir também pela cronologia na página Projeto do Programa História das Ideias Linguísticas Projeto do Programa História das Ideias Linguísticas em que destacamos algumas dessas mudanças como, por exemplo, a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública (1930), a criação de Faculdades voltadas para o estudo das humanidades e formação de professores (1930), a criação do Conselho Nacional de Educação (1931), a criação da CAPES e do CNPQ (1953), a reorganização dos cursos de Letras no Brasil com base no parecer 283/62, de Valnir Chagas (1962), a fundação da ABRALIN e Grupos de Estudos Linguísticos (1969) entre outros.

compreender o arquivo para podermos chegar a um corpus. Esse movimento arquivo-corpus “é essencial para o desenvolvimento de toda pesquisa vinculada à HIL e à AD” (SCHNEIDERS, 2014, p. 100), mas essa passagem, esse movimento, não se dá de modo automático, ele passa por gestos de interpretação e também não significa que, o pesquisador chegando ao corpus, não terá retorno ao arquivo, pois, segundo Martins, a pesquisa que trabalha no entremeio da AD e da HIL necessita da “construção de um arquivo que recubra vários aspectos da questão de pesquisa e que possa auxiliar na (re)configuração do corpus quantas vezes forem necessárias” (2012, p. 29) durante a pesquisa.

É com a constituição do arquivo que, para Martins, a pesquisa cresce, ganha corpo, “o movimento de configuração e reconfiguração do arquivo, bem como o gesto de interpretação do analista, são determinantes para o desenvolvimento do trabalho” (Ibid., p. 13), a leitura do arquivo, como afirma Petri, “deve ser antes de tudo um ato político no interior de um espaço de leitura polêmico, onde se produzem e se reproduzem discursos” (2000, p. 122). Sobre o desenvolvimento da pesquisa, mais uma vez pensamos no movimento pendular (Petri, 2013), a composição do trabalho se dá por esse movimento “no qual o pesquisador está sempre indo e vindo da teoria para o corpus, do corpus para o arquivo, do arquivo para a teoria, e assim sucessivamente, até construir um dispositivo teórico e analítico satisfatório” (PETRI, 2000, p.123). Ainda acerca da metáfora do pêndulo,

ele está perenemente suspenso, esta é sua principal característica e nos leva ao efeito de nunca ter fim seu movimento. Do mesmo modo tomamos o discurso que analisamos como algo que é de impossível demarcação de uma origem primeira e que nunca tem fim, já que sempre há o que compreender dele. (PETRI, 2013, p. 44)

Ou seja, se encontramos discurso em um corpus, ele é delimitado pelo corpus em si que é procedente de um arquivo, mas nunca delimitado em sua origem. A contenção do corpus (e também do arquivo) faz-se necessária pois, segundo Orlandi, é preciso “abrir e fechar nossa análise demonstrando qual é a abrangência de nosso recorte no interior desse discurso” (2013, p. 44).

Embora tivéssemos desde o início desta pesquisa hipóteses sobre o que constaria no arquivo desta pesquisa, a operação com o referencial teórico nos guiou (e nos guia) até mesmo para a reconfiguração do que inicialmente imaginávamos que implicaria esse arquivo. Assim, diríamos que não conduzimos o caminho da pesquisa

em linha pré-determinada ao estabelecimento de um corpus, mas somos dirigidos por ela através do que encontramos como referência e como material, ou documentos pertinentes e disponíveis, como prefere Pêcheux. Se muitos são os caminhos na história da Linguística no Brasil, muitas são as referências, muitos são os documentos que poderiam incorporar o arquivo, mas não é possível abranger o todo dessa história, o todo desse material, porque muito se perde, porque a língua carrega equívocos, elipses, faltas, porque há historicização, aí entra o papel do analista e a posição que este pesquisador assume. De acordo com Petri, é importante que o pesquisador sempre repense essa posição “diante do corpus de análise, das fontes e do arquivo de pesquisa” (2000, p.125) para que haja “um movimento constante de desconstrução/construção de conceitos que precisam ser revistos na área de Estudos da Linguagem e nas outras áreas de conhecimento” (Ibid., p.125).

De acordo com Pêcheux,

O objeto da linguística (o próprio da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações. (1990, p. 51)

Para entender e movimentar os sentidos, precisamos realizar certas escolhas, trabalhar com critérios, o que faz com que tenhamos em mãos não documentos quaisquer para observar e analisar, mas, já aí, objetos tomados por um gesto interpretativo que conduzirá um gesto de leitura, que é sempre individual e que o analista realiza perante esses documentos. A constituição do arquivo é associada a esses gestos de leitura, as maneiras de ler que possibilitam o “trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma” (PÊCHEUX, 1994 [1982], p.57). Conforme Schneiders,

Por meio do ‘trabalho’ do arquivo e da memória histórica, é possível, diante do conjunto de documentos com o qual nos deparamos, lançar gestos de interpretação em torno da discursividade que constitui o arquivo organizado referente à temática de pesquisa. Cada gesto de interpretação é sempre único, tornando-o inesgotável na medida em que todo gesto configura um novo tratamento ao arquivo, produzindo diferentes efeitos de sentido. (2014, p. 101)

Assim, lançamos gestos de interpretação que produzem diferentes efeitos através da leitura que fazemos sobre o agrupamento de documentos que

selecionamos e adquirimos para o arquivo, no entanto, o tamanho desse conjunto selecionado para a pesquisa não tem relevância para qualificar ou desqualificar um trabalho acadêmico, o que vai possibilitar isso, segundo Petri, é o tratamento dado a essas fontes, “a abrangência de leitura sobre o arquivo vai depender do tempo que o pesquisador dispõe e dos objetivos que ele pretende alcançar” (2000, p. 122), a interpretação acaba inaugurando nossos sentidos na medida em que “promove novas informações graças aos elementos de confirmação ou não das perguntas iniciais. Ela abre, geralmente, para novos gestos interpretativos” (SCHERER, 2000, p. 16). Os elementos que confirmam ou não essas perguntas iniciais erguem-se diante do vaivém do pesquisador em seu trabalho, o que envolve leituras, releituras, escrita e reescrita, fomentando, dando densidade e maior consistência à pesquisa ao fugir da evidência pretensiosa e supostamente dada de início, o que, por si, já demonstra uma incompletude constitutiva. É por isso, de acordo com Petri (2013), que esse movimento é imperfeito e, na maioria das vezes, imprevisível. Começamos sem a certeza de onde iremos chegar.

No que diz respeito ao corpus de nossa pesquisa, entendemos que a análise do material para definição do corpus se dá pelo discurso dos sujeitos envolvidos que encontramos no arquivo, para isso, precisamos construir o que Pfeiffer chama de narrativa discursiva, “isso é, uma costura analítica – entre diversos documentos” (2007, p. 21). Procuramos compreender onde esses discursos se tocam e se encaixam pelo acesso ao interdiscurso que revela o processo histórico da Linguística e, particularmente, o efeito fomentado pelos predecessores com sua contribuição para o desenvolvimento dos estudos linguísticos (que vieram a resultar na institucionalização e disciplinarização da Linguística), isso tudo tendo em conta que são discursos submetidos à lembrança de momentos individuais e à memória discursiva, fator que não pode ser desprezado.

Conforme Baldini,

Não há, como se diria em Análise do Discurso, uma discussão a respeito do “arquivo”. Mas há, e sobretudo por isso tais textos nos interessam, tomadas de posição com relação a essa história, e uma leitura superficial dos mesmos já permite localizar pontos de discordância, de aproximação, vozes que falam num texto e se calam noutro, compreensões distintas de um mesmo momento histórico, enfim, os autores fazem gestos de interpretação com relação à história em que se inserem e que contam (BALDINI, 2005, p. 55)

Procuramos compreender esses gestos em uma tentativa de captar um pouco da história do conhecimento linguístico no Brasil através da exposição pessoal de cada linguista, trabalhando com relações entre discursos pronunciados no séc. XXI em referência a fatos que esses pesquisadores consideram relevantes, ou não, para a discursividade da temática em questão.

Para chegarmos ao corpus da pesquisa, entretanto, precisamos de uma visão ampla sobre nosso trabalho e dos relatos dos linguistas publicados em formato de entrevista e que configuram nosso arquivo. Com isso, entendemos que nossa posição é estabelecida por uma leitura, mas, também, que cada um dos sujeitos envolvidos apresenta sua própria posição interpretativa³⁸ diante dos fatos memorados. Nessa tarefa de análise que a AD nos proporciona, podemos sempre nos deparar diante de confrontos entre as posições interpretativas, como bem especifica Nunes: “o material de arquivo está sujeito à interpretação e, mais do que isso, à confrontação entre diferentes formas de interpretação e, portanto, não corresponde a um espaço de ‘comprovação’, onde se suporia uma interpretação unívoca” (2007, p. 374), ou seja, o arquivo não carrega a tarefa de pontuar uma verdade absoluta. É nessa perspectiva que o linguista adverte sobre a possibilidade de “vários direcionamentos de sentido que funcionam em um mesmo espaço discursivo” (NUNES, 2007, p. 375), esses direcionamentos podem ser condicionados pelas

injunções à interpretação, os gestos de reprodução de sentidos, as coerções e os interditos, os controles da interpretação, a censura, e também as diversas formas de resistência à interpretação: as oposições e as migrações de sentido, as desidentificações, as desconstruções interpretativas, enfim, os gestos que colocam em suspeição a estabilidade de uma interpretação. (NUNES, 2007, p. 375)

Nunes ainda coloca, em primeiro lugar, a necessidade de observar os gestos de interpretação a partir das posições de sujeito, ou seja, no caso desta pesquisa, quem são, de que lugar eles falam/interpretam a respeito de determinada época. Sujeitos que, passadas décadas, mantiveram-se em constante transformação (seriam já outros sujeitos?!). Uma coisa é um sujeito interpretar hoje a conjuntura atual a

³⁸ Cabe, aqui, um parêntese: interpretação e leitura não estão apresentadas neste momento como palavras sinônimas. Entendemos que a interpretação está ligada à compreensão de algo que foi lido, presenciado, de um momento histórico, por exemplo, no entanto, a interpretação é dada de acordo com a leitura possível e individual de um sujeito com formação e experiências individuais. Como dissemos anteriormente, a interpretação se dá pelo modo como o sujeito lê o que está diante de si e a forma como lhe é apresentado. Efeito-leitor. Sujeito constituído pela forma como se posiciona diante de certa discursividade.

respeito de determinada questão, outra coisa é um sujeito hoje rememorar (fazer uma leitura de) seu próprio entendimento de décadas atrás, mesmo assim, para uma interpretação atual ele não foge da história e da memória que também o constitui como sujeito.

Em segundo lugar, conforme Nunes, apesar de o arquivo “mostrar as relações entre essas interpretações, identificando as filiações discursivas, as contradições, as retomadas e deslocamentos” (2007, p.375), ele precisa salientar “o movimento dos sentidos e dos sujeitos, no espaço tenso em que o real da interpretação pode tanto apaziguar quanto ameaçar” (Ibid., p. 375).

Insistimos na menção e consideramos a noção de interpretação extremamente importante para chegarmos ao arquivo, primeiro porque, consoante a Orlandi, “o homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à 'interpretação': tudo tem de fazer sentido” (2007a, p. 29), ela movimenta a produção de sentidos, tudo começa com a interpretação, sem ela, não há sequer discurso; o segundo motivo pelo qual essa noção é indispensável apoia-se no fato de que o olhar do analista fundamenta a leitura do arquivo, o que permite notabilizar gestos de interpretação sobre a discursividade do arquivo (SCHNEIDERS, 2014).

Segundo Scherer,

descrever e interpretar um conjunto textual é se interrogar sobre o seu funcionamento, colocando em jogo forma e sentido, forma e função; é, por consequência, entender as suas regularidades, mas também as suas variações semânticas, funcionais, retórica, em síntese, suas variações discursivas. Isto supõe um gesto de interpretação que parte de uma observação construída de um corpus inicialmente exploratório, depois mais e mais elaborado, a partir de um aparato teórico de interpretação. (2000, p.14)

O corpus, então, não se define sem retomadas ao arquivo, que funciona, por sua vez, discursivamente a partir do gesto interpretativo do pesquisador-analista.

Inseridos na teoria da AD, deixamos uma ressalva de acordo com Orlandi: embora tenhamos dito que todo o processo de nossa pesquisa - desde a definição de um tema e/ou questão de pesquisa, seguindo para a coleta de material para a formatação de um arquivo e um corpus - passe pela interpretação, e que esse movimento exija uma leitura nossa, a proposta da AD não consiste exatamente sua essência na interpretação bruta, na “decodificação” de sentidos, mas, sim, em “compreender os processos de significação que sustentam a interpretação e que mostram seus contornos instáveis” (ORLANDI, 2007a, p. 175-176). Buscando

compreender a construção dos significados através de processos discursivos, ideologias e aspectos sociais, à AD interessa os múltiplos sentidos e sua construção dentro do discurso.

3.2 A Revista Fragmentum

Nosso arquivo de pesquisa é composto por entrevistas com grandes nomes da Linguística no Brasil publicadas pela Revista Fragmentum. A Revista Fragmentum é um periódico científico semestral, de classificação Qualis A4 avaliada pela CAPES, com publicações tanto em versão impressa (ISSN 1519-9894) quanto em versão virtual/online (ISSN 2179-2194), no site da revista encontramos todas as edições para leitura online ou download para leitura posterior em arquivo digital, são de caráter público e gratuito, sendo possível fazer downloads separadamente por artigos, que são identificados por título e autor no sumário disponível de cada edição publicada desde 2001, ano em que foi concebida sua primeira edição, atualmente está na edição de número 59 (jan./jul. 2022). Além de trazer produções originais de caráter crítico e/ou teórico escritas por pesquisadores doutores da área de Letras, tanto da Linguística quanto da Literatura, a Revista Fragmentum frequentemente traz, ainda, entrevistas com linguistas que se tornaram referência no Brasil ao longo dos anos e que ganharam destaque por sua pesquisa e produção intelectual. Nosso interesse para com esta revista é especificamente em entrevistas que ela traz com linguistas renomados.

As referências utilizadas para a criação da Revista Fragmentum em relação a objetos de estudo eram, conforme Scherer (2022, p. 15):

- programas de pós-graduação e pós-graduação em Letras;
- as primeiras revistas acadêmicas especializadas;
- manuais de ensino de língua e literatura;
- gramáticas e dicionários elaborados no Rio Grande do Sul.

A revista, considerada um periódico ao entrar na avaliação da CAPES, é produzida pelo Laboratório Corpus (Lab. Corpus) – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É pertinente dizer que o laboratório é um espaço apropriado para a formação de jovens pesquisadores e, com expressivo destaque, tem em sua história entrevistas com linguistas como Eni Orlandi, Eduardo Guimarães,

Leonor Scliar, José Luiz Fiorin, Aryon Dall'igna Rodrigues, Izidoro Blikstein, entre outros notórios estudiosos da língua e da linguagem. Integrado por grupos de pesquisa e buscando sempre o desenvolvimento dos pesquisadores, especialmente dos jovens através de reuniões de estudo, seminários, exposições, etc., o espaço do Lab. Corpus também abriga o grupo PET Letras, Programa de Educação Tutorial financiado pelo MEC e direcionado ao ensino, pesquisa e extensão no curso de Letras. Todo o ambiente proporcionado pelo Lab. Corpus incentiva a produção acadêmica desde o início da graduação em Letras na UFSM e muitos dos alunos que tiveram a oportunidade de entrevistar esses grandes nomes da Linguística no Brasil se formaram, inclusive, apoiados no suporte oferecido pelo laboratório desde que entraram no curso de Letras.

As entrevistas com perguntas-chave foram cuidadosa e previamente estabelecidas por alunos e professores integrantes do Lab. Corpus para instigar a memória dos linguistas entrevistados a recuperar aquilo que foi dito e pensado no passado, como a história pessoal de cada um foi contribuindo para sua formação enquanto pesquisador e para a institucionalização e disciplinarização da Linguística. Discursivamente, na medida em que analisamos as entrevistas individualmente e como conjunto, vamos conhecendo suas perspectivas a respeito de como ocorreram os fatos de acordo com o que dizem e vão nos apresentando em cada discurso e no conjunto de textos selecionados enquanto arquivo para esta pesquisa.

De acordo com as informações disponibilizadas na página da Revista *Fragmentum online*³⁹, à revista interessam questões enunciativas e discursivas com base na história e produção do conhecimento linguístico e, também, estudos comparados que relacionam a Literatura não só com o contexto de produção, mas igualmente com outros meios de expressão. Em seu acervo de entrevistas podemos encontrar um pouco da história e institucionalização da Linguística no Brasil através da memória dos pesquisadores entrevistados, revelando o caminho do pesquisador, as importantes relações com seus antecessores - fontes de conhecimento que guiaram seus estudos e suas produções posteriores -, em suma, revelando uma consistente memória discursiva. Pesquisadores, que hoje são referência, contam suas trajetórias de vida entrelaçadas, ao mesmo tempo, ao desenvolvimento dos estudos linguísticos no país.

³⁹ <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/index>

As entrevistas da Revista Fragmentum, no entanto, tem uma característica essencial, dão liberdade à fala do entrevistado e instigam a recordação que se associa a uma memória individual e a uma memória discursiva, por isso as escolhemos como arquivo de pesquisa no intuito de tentarmos identificar e destacar linguistas predecessores de pesquisadores hoje muito conhecidos, bem como compreender e talvez até desconstruir o imaginário que se tem a respeito do pesquisador, um imaginário que atua através do que conhecemos sobre esses linguistas, na/pela própria história da Linguística no Brasil.

No período de 2001 a 2022, em mais de vinte anos de existência do periódico, apenas em 2003 não houve publicação da Revista Fragmentum e, durante esse tempo, houve uma variação no número de edições anuais da revista, como podemos ver na tabela abaixo:

Tabela 1 - Publicações Anuais da Revista Fragmentum

Ano	Edições Anuais	Ano	Edições Anuais
2001	2 edições	2012	5 edições
2002	2 edições	2013	5 edições
2003	Sem publicação	2014	4 edições
2004	4 edições	2015	3 edições
2005	1 edição	2016	2 edições
2006	1 edição	2017	2 edições
2007	4 edições	2018	3 edições
2008	5 edições	2019	2 edições
2009	3 edições	2020	2 edições
2010	4 edições	2021	2 edições
2011	5 edições	2022	1 edição

Fonte: Periódicos da UFSM

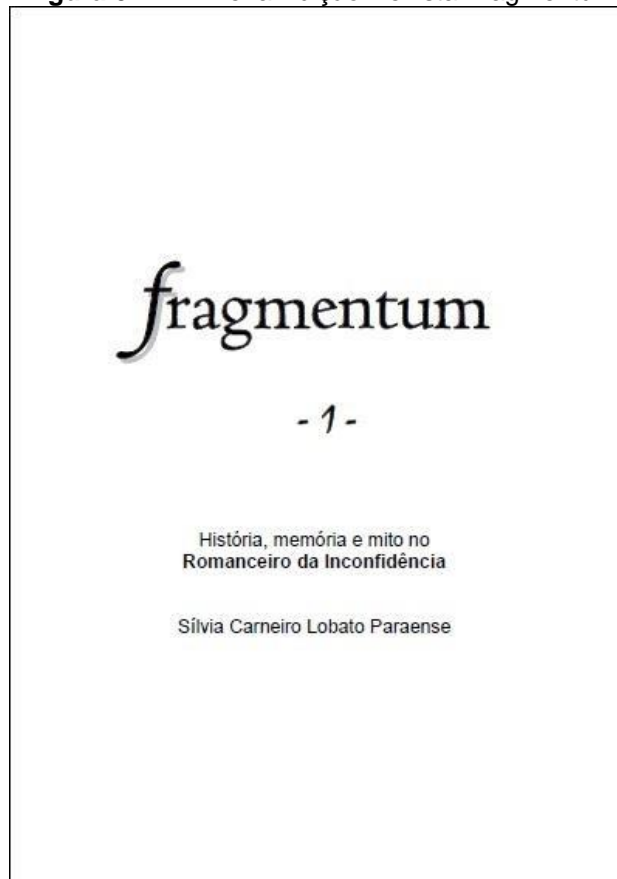
Com 62 publicações⁴⁰, segundo o portal de periódicos da UFSM, entre algumas publicações divididas em dois volumes e um número especial da revista (em 2018), o periódico se desenvolveu muito ao longo dos anos, crescendo e ganhando destaque com vários artigos publicados nas áreas de Literatura e Linguística (veremos mais

⁴⁰ No Portal de Periódicos da UFSM constam 62 publicações, porém, a mais recente edição referente ao ano de 2022 consta como número 59. Isso ocorre por algumas particularidades, por exemplo: segundo o Portal, no ano de 2011 temos duas edições e apenas um número da revista, o mesmo ocorre em 2012, 2013 e 2018. Além disso, não consta no Portal, referente à Revista Fragmentum, a edição de número 21.

adiante como a revista foi se profissionalizando. A primeira edição da revista apresenta a seguinte estrutura:

- Sumário
- Apresentação (Prof.^a Amanda Eloína Scherer)
- 1 Artigo - História, Memória e Mito no Romancero da Inconfidência (Sílvia Carneiro Lobato Paraense)
- 30 Páginas

Figura 01 – Primeira Edição Revista Fragmentum



Fonte: Periódicos da UFSM

A edição 59^a edição (jan/jul 2022), no entanto, apresenta um crescimento estrutural robusto⁴¹ em vinte anos de publicações:

- Apresentação (Randal Johnson e Luiz Carlos Martins de Souza)
- 10 Artigos

⁴¹ Falaremos mais, no decorrer da pesquisa, sobre o processo de profissionalização da Revista Fragmentum durante os vinte anos de atividade.

- 1 Dossiê
- 1 Entrevista com o professor Randal Johnson
- 1 Resenha
- 271 Páginas

Figura 02 - Edição Revista Fragmentum (jan/jul 2022)



Fonte: Periódicos da UFSM

Tentamos trazer um pouco da história da Revista Fragmentum, no entanto, para Scherer, produzir uma historicização sobre a Revista Fragmentum é “arvorar-se a adentrar em um ninho por demais complexo devido à trama do tempo, sim, mas, igualmente, devido a sua trama espessa, bem articulada, com fios traçados por diversos personagens, sujeitos da própria história, sua e da revista” (2022, p. 13).

Apesar da complexidade para produzir uma historicização à Fragmentum, em produzir uma estrutura narrativa que dê conta de todo o esforço e trabalho implicado

a sua criação, Scherer (2022) destaca a professora e pesquisadora Mirian Rose Brum de Paula (hoje professora na UFPEL - Universidade Federal de Pelotas) como a idealizadora do Lab. Corpus e da Revista Fragmentum, cujo desejo ansiava dar conhecimento a textos até então engavetados, buscando um suporte de divulgação de textos embrionários, muitas vezes manuscritos, apresentados em colóquios, comunicações, conferências. O nome da revista, inclusive, é ligado à história de criação da mesma, uma coleção de “fragmentos”, textos ainda inconclusivos que indicavam “um saber por vir” (Scherer, *Ibid.*, p. 14), inspirado no Laboratório de Estudos Urbanos (LABEUB), projetado no Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP).

Fundamental para a criação posterior da revista, de acordo com Scherer (*Ibid.*) o laboratório começou com a reunião de textos avulsos oriundos de seminários internos de discussão, os seminários de pesquisa que mais tarde foram chamados Seminários Corpus com eixos temáticos voltados aos conceitos de memória, história e identidade, permeados nos anos seguintes do laboratório. Os primeiros textos serviram de base para a fundação do Lab. Corpus e eram, segundo Scherer, textos intermediários entre uma primeira versão e uma versão mais completa. Com o tempo, o laboratório foi ganhando estrutura com recursos do projeto de pesquisa História das Ideias Linguísticas e Literárias no Sul, sustentado pela parceria entre UFSM e UNICAMP através da CAPES e que também resultou na criação do doutorado em Letras da UFSM. As entrevistas da Fragmentum, conforme Scherer (*Ibid.*), surgiram dessa parceria. Aliás, trabalhos foram sendo desenvolvidos em cooperação com o laboratório, pesquisas de instituições latino-americanas e europeias como, além da já citada UNICAMP, também USP, Université de Paris X, Université de Rennes 2 e Universidad Autónoma de Madri, que foram se incorporando ao Comitê Científico da Revista Fragmentum (Scherer, 2022).

Com vários registros de vários pesquisadores (mesmo muitos não sendo publicados) a revista tornou-se um relevante arquivo de memória não apenas para a instituição de origem, mas também para a(s) história(s) da Linguística e Literatura no Brasil, ultrapassando as fronteiras nacionais graças à proximidade teórica e relação entre pesquisadores e instituições de ensino estrangeiras.

3.3 Sobre os Pesquisadores Entrevistados

Como já mencionamos, selecionamos os autores para nosso arquivo por sua relevante produção científica e importância no desenvolvimento da Linguística no Brasil, inclusive por serem referência nos principais cursos de Letras do país desde a segunda metade do séc. XX, quando a Linguística entrou de vez nos currículos universitários e a área passou a ter diversas ramificações de estudo, apesar de no período haver certa resistência política e ideológica nesse sentido, como revelam alguns dos entrevistados pelo Lab. Corpus.

É significativo o reconhecimento dos entrevistados aos nomes que, direta ou indiretamente, fizeram parte Do Início e organização dos estudos linguísticos no Brasil, mesmo quando esta ciência ainda não havia sido disciplinarizada no país. A manifestação da memória por Guimarães, Orlandi, Leonor Scliar, Fiorin, Aryon Rodrigues, Blikstein, assim como de outros importantes nomes consagrados na história institucional dos estudos linguísticos através das entrevistas da Revista *Fragmentum*, faz emergir novamente esses sujeitos que, por vezes, ficam “à margem” do processo de historicização, falamos dos predecessores.

Para Chiss e Puech (1995), há uma diferença entre predecessor e precursor, sendo o predecessor uma referência de ordem empírica, indicando seguimento, sucessão em uma perspectiva temporal que indica alguém que vem antes em uma relação de continuidade, enquanto que o termo precursor faria referência a alguém em um mesmo campo disciplinar, alguém que viria antes antecipando, apresentando ou indicando uma tendência ou direção a algo que continua se desenvolvendo em determinada área do conhecimento não necessariamente em ordem cronológica. Nesta pesquisa, utilizamos o termo predecessor, mas trabalhamos com a ideia de algo ou alguém que, obviamente, vem antes e se estabelece em determinado ponto do tempo como referência, introduzindo conceitos, métodos, influenciando a evolução do campo disciplinar, representando a inovação e papel de autoridade pelo conhecimento e relevante produção científica.

Muito se diz sobre linguistas que formaram a base de sustentação da linguística contemporânea, pouco se profere sobre seus pilares. Daí a relevância da memória no que se refere ao processo discursivo. As entrevistas desfazem o efeito de sentido provocado, por exemplo, pela regularidade de citações de autores clássicos, renomados, o efeito que cria a ilusão de que determinados nomes deram origem a

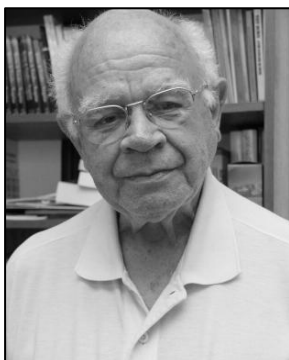
algo que “não existia” antes deles, como se um discurso fosse instaurado a partir dali, todavia, sabemos que “quando se trata de discurso, não temos origem e não temos unidade definitiva” (ORLANDI, 1995, pág. 117), assim, o que encontramos nas entrevistas não são sentidos estagnados e discursos selados.

Como expressa Coseriu, nas palavras de Blikstein durante sua entrevista:

A história da Linguística é uma história cheia deocos porque frequentemente afirmamos certas coisas que já foram ditas anteriormente, só que a fonte não era conhecida e, portanto, dá a impressão de que o indivíduo está dizendo a última palavra a respeito, e não é a última palavra (2010, p.21).

Para conhecermos um pouco dessa história trouxemos, a seguir, uma breve apresentação dos autores linguistas trabalhados nesta pesquisa pela análise de suas entrevistas. As biografias elaboradas pelos próprios linguistas nos trazem informações valiosas no que se refere a suas trajetórias acadêmicas e profissionais em meio a determinada conjuntura político-social em que a educação passava por significativas transformações. Essas pequenas biografias nos ajudam a compreender melhor as perspectivas apresentadas por cada autor durante as entrevistas, bem como conhecer o que eles mesmos destacam como fator relevante em sua própria história ao fazer uma autopercepção. Vejamos, então, o que destacam os entrevistados de nosso arquivo:

3.3.1 Autor 1: Aryon Dall'igna Rodrigues



O professor Aryon formou-se em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Paraná (1950) e fez doutorado em Linguística na Universitat Hamburg (1959). Falecido em 2014, dois meses após sua última atualização na plataforma Lattes, trabalhava com ensino e pesquisa no Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, onde era professor emérito e doutor honoris causa. Também foi doutor honoris causa da Universidade Federal do Paraná e membro honorário da Linguistic Society of America (LSA) e da Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas (SSILA), além de ter sido o primeiro presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). O professor Aryon ganha destaque na história da Linguística no Brasil pelo seu conhecimento na área, com ênfase em Línguas Indígenas. Atuava especialmente nas áreas de línguas indígenas, fonologia, morfologia, sintaxe e

linguística histórico-comparativa. (Fonte: Plataforma Lattes, última atualização do autor em 19 de fev. 2014)⁴²

3.3.2 Autor 2: Eduardo Roberto Junqueira Guimarães



Guimarães formou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino de Uberaba, Minas Gerais (1969) e fez doutorado na Universidade de São Paulo (1979). É professor titular da Universidade Estadual de Campinas e professor Visitante da Unemat, tendo trabalhado também como professor visitante na Universidade de Paris III e na Universidade de Buenos Aires. Eduardo Guimarães empenha-se em pesquisas nas áreas de Semântica da Enunciação, História das Ideias Linguísticas e Saber Urbano e Linguagem, algumas de suas produções de maior destaque são os livros *Texto e Argumentação*, *Os Limites do Sentido*, *História e Sentido na Linguagem* (org.), *Semântica do Acontecimento*, *História da Semântica: Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil*, *Análise de Texto*, *Semântica: Enunciação e Sentido*. O pesquisador, que também escreveu inúmeros artigos publicados no Brasil e no exterior, foi Presidente e Tesoureiro da ANPOLL e membro do Conselho da ABRALIN. (Fonte: Plataforma Lattes, última atualização do autor em 23 de fev. 2021)⁴³

3.3.3 Autor 3: Eni Puccinelli Orlandi



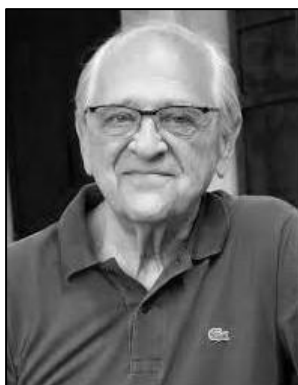
Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (1964) com mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1970) e doutorado em Linguística pela USP e pela Universidade de Paris/Vincennes (1976). Ensinou Filologia Românica, Linguística, Sociolinguística e Análise do Discurso Pedagógico como docente na USP entre 1967 e 1979. De 1979 a 2002, atuou como docente do Departamento de Linguística do IEL, na Unicamp. Implantou e coordenou o Programa de Pós-Graduação em Ciências da

⁴² <http://lattes.cnpq.br/4295103087500358>

⁴³ <http://lattes.cnpq.br/8015275228271541>

Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí, de 2002 a 2018. É pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp e professora colaboradora do IEL da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente trabalha como professora visitante da UNEMAT, atuando no ProfLetras e em Linguística. Orlandi tem experiência no campo de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando especialmente com: análise de discurso, Linguística, epistemologia da linguagem, história das ideias linguísticas, história das ideias discursivas e jornalismo científico. É pesquisadora 1A do CNPq. (Fonte: Plataforma Lattes, última atualização da autora em 11 de fev. 2021)⁴⁴

3.3.4 Autor 4: Izidoro Blikstein



Blikstein é formado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (1960), tem especialização em Letras Clássicas também pela USP (1962), possui mestrado em Linguística Comparativa pela Université Lumière Lyons (1962) e doutorado em Letras pela USP (1973). Em sua última atualização do Lattes, em 2010, trabalhava como consultor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e como professor adjunto da Fundação Getúlio Vargas – SP, além de ser professor titular da USP. O professor tem grande experiência na área de comunicação, dedicando-se notadamente nos temas Semiótica e Intertextualidade. Além desses dados mencionados pelo autor na Plataforma Lattes, também é importante dizer que Blikstein foi o tradutor brasileiro da grande obra de Roman Jakobson, Linguística e Comunicação, e do marcante Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, tradução essa em parceria com José Paulo Paes e Antônio Chelini. Algumas de suas obras mais importantes são Kaspar Hauser ou A Fabricação da Realidade (1983) e Técnicas de Comunicação Escrita (1985). Blikstein foi também orientador de José Luiz Fiorin. (Fonte: Plataforma Lattes, última atualização do autor em 01 de fev. 2010)⁴⁵

⁴⁴ <http://lattes.cnpq.br/3674250332927722>

⁴⁵ <http://lattes.cnpq.br/1580889942435297>

3.3.5 Autor 5: José Luiz Fiorin



O professor Fiorin formou-se em Letras pela Universidade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis (1970), tem mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1980), doutorado em Linguística também pela USP (1983) e pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris (1983-1984) e pela Universidade de Bucareste (1991-1992). Trabalhou com livre-docência em Teoria e Análise do Texto na USP (1994) e atualmente é Professor Associado do Departamento de Linguística da FFLCH da USP. Também foi membro do Conselho Deliberativo do CNPq (2000-2004) e Representante da Área de Letras e Linguística na CAPES entre 1995 e 1999. Tem experiência em Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, trabalhando essencialmente com temas associados à enunciação. Entre suas diversas publicações estão: *As Astúcias da Enunciação*, *Em Busca do Sentido: estudos discursivos*, *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*, *Argumentação*, e *O Regime de 1964: discurso e ideologia*. Também organizou importantes livros como *Introdução à Linguística I*, *Objetos Teóricos*, *Introdução à Linguística II*, *Princípios de Análise*, e *Novos Caminhos da Linguística*. (Fonte: Plataforma Lattes, última atualização do autor em 28 de fev. 2021)⁴⁶

3.3.6 Autor 6: Leonor Scliar Cabral



A professora e pesquisadora Leonor Scliar formou-se no curso de Letras Português e Inglês na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1968), também é graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1963) e seu doutorado em Linguística foi feito na Universidade de São Paulo (1976), fez pós-doutorado na Universidade de Montreal. Scliar é membro do colegiado da pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina e professora emérita e Titular da UFSC. Entre suas várias atividades de destaque podemos citar a presidência da ABRALIN (1997-1999), sendo também a

⁴⁶ <http://lattes.cnpq.br/9543646027338523>

primeira Coordenadora do GT Psicolinguística da ANPOLL. A professora é especialista em Linguística com ênfase em Psicolinguística e trabalha principalmente nos temas aquisição da linguagem, neurociência, alfabetização, leitura e analfabetismo funcional. (Fonte: Plataforma Lattes, última atualização da autora em 12 de jan. 2021)⁴⁷

4.0 As Entrevistas

Sabemos que há vários tipos de entrevistas e que elas podem envolver diferentes dinâmicas para diferentes fins, neste trabalho, optamos pelas entrevistas da Revista Fragmentum considerando o padrão estabelecido pela mesma, pelo período que definimos como “contemporâneo” e em que as entrevistas foram realizadas (a partir do início do séc. XXI), e pela importância dos linguistas entrevistados, suas experiências e conhecimento acerca de uma história que parece ainda ter muito a contar - o desenvolvimento da história do conhecimento linguístico no Brasil, que empreende a própria história da Linguística.

Uma entrevista, mesmo oral, constitui um texto e, pela perspectiva discursiva da AD, entendemos que um texto não é fechado em si, pois os sentidos estão sempre em movimento pelo gesto de quem lê, mas, antes disso, pelo gesto de quem o produz, pois a interpretação já está aí, em sua produção, nas escolhas de cada período, de cada frase, de cada palavra (isso vale tanto para textos orais como escritos). A interpretação é do texto, faz parte dele, pois o mesmo não é uma unidade sólida, e sabemos que a AD nos ajuda a tentar compreender não “o que diz” o texto, mas como os sentidos aparecem nele, as possibilidades do dizer que ali estão, sejam elas explícitas ou não. Segundo Orlandi,

Feita a análise, não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso. Uma vez atingido o processo discursivo, que é o que faz o texto significar, o texto, ou os textos particulares analisados desaparecem como referências específicas para dar lugar à compreensão de todo um processo discursivo do qual eles – e outros que nem conhecemos – são parte. (2001, p.72)

Buscamos, através das entrevistas da Revista Fragmentum, textos orais transcritos para publicação, compreender a construção dos discursos através do que dizem pesquisadores linguistas de acordo com sua relação com a história e a

⁴⁷ <http://lattes.cnpq.br/7747923041329769>

memória. Por mais que as entrevistas revelem, em alguns momentos, histórias que pareçam pessoais e individuais, procuramos encontrar indícios de relação entre o que dizem (ou não dizem) esses linguistas que fizeram nome pelo reconhecido trabalho de pesquisa no Brasil.

Todas as entrevistas que coletamos como arquivo de pesquisa têm em comum a rememoração de fatos que instigam um relato muito pessoal dos linguistas e, nesse sentido, não há exatamente uma troca interativa entre entrevistador e entrevistado, mas é proporcionada uma exposição aberta na medida em que não há interrupção para outras perguntas e/ou observações que possam desviar o assunto que está sendo discorrido e a atenção do entrevistado. As histórias se apresentam de forma espontânea e a discursividade apresenta-se de forma natural.

As perguntas e respostas são transcritas de maneira fidedigna e, algumas entrevistas, inclusive, apresentam marcas da oralidade representando ações como observações por parte do entrevistado ou algum pequeno acontecimento não planejado, o que é comum nesse tipo de exposição.

Acentuamos durante todo este trabalho que a memória é componente essencial para esta pesquisa, no entanto, para poder observar os elementos que indicam a representação de um discurso pelas entrevistas, precisamos compreender as noções de *fato* e *dado*. Segundo Ferreira (2001), o dado, em si, não existe, pois é necessário o fato para que signifique. Para a autora, “trabalhar com o dado significa revelar uma preocupação com o produto e não com os processos de produção de um discurso” (FERREIRA, 2001, p.11), já com o fato é possível chegar à memória discursiva, pois ele é um dado provido de sentido.

A concepção de fato traz para os estudos da linguagem a possibilidade de trabalhar com os processos de produção dos discursos, já que nos remete não à evidência dos dados empíricos, e sim aos acontecimentos histórico-sociais em torno dos quais se funda um discurso. (FERREIRA, 2001, p. 12-13)

Assim, compreendemos que um texto (considerando aqui as entrevistas), sozinho, é apenas um dado, ele precisa, então, ser trabalhado em sua textualidade para que tenha sentido vinculado à memória discursiva. Não se pode desconsiderar a textualidade que o envolve. Conforme Orlandi,

os *dados* não têm memória, são os *fatos* que nos conduzem à memória linguística. Nos fatos, temos a historicidade. Observar os fatos de linguagem vem a ser considerá-los em sua historicidade, enquanto eles representam um

lugar de entrada na memória da linguagem, sua sistematicidade, seu modo de funcionamento. Em suma, olharmos o *texto* como *fato*, e não como um *dado*, é observarmos como ele, enquanto *objeto simbólico*, funciona. (1995, p.115)

Nossa proposta, assim, é buscar uma análise sobre como essas entrevistas funcionam discursivamente.

Interessa-nos observar o que os participantes estão descrevendo, com o que eles se importam a ponto de considerar relevante mencionar em suas entrevistas. As histórias se apresentam de forma espontânea e não há interrupções, como dissemos, mas, de modo geral, essas entrevistas começam com uma orientação base instigando o entrevistado a falar um pouco sobre o começo de sua trajetória, é a partir daí que alguns linguistas começam enfatizando sua história familiar, enquanto outros brevemente mencionam a vida particular, partindo de forma mais direta ao início da vida acadêmica e produção intelectual.

PARTE 4

AS ANÁLISES

4.1 Estabelecendo um Corpus

Através das entrevistas⁴⁸, estabelecemos um corpus de pesquisa fazendo recortes que objetivam as análises que virão em sequência. Como algumas das seis entrevistas são longas e possuem muitas informações, começaremos trazendo recortes pré-selecionados da fala dos linguistas por meio de sequências discursivas (SDs)⁴⁹ que possam se relacionar de acordo com o tema que esses pesquisadores recuperam ao recorrer à memória vinculada a uma história, permitindo fluxo na produção dos sentidos. Em suma, As entrevistas são nosso instrumento para a construção do corpus de pesquisa e, através desse corpus, trabalharemos recortes que talvez possam permitir (e esse é um dos nossos objetivos) a produção contínua de sentido pelo processo de análise.

O recorte, de acordo com Orlandi,

é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva. [...] o princípio segundo o qual se efetua o recorte varia segundo os tipos de discurso, segundo a configuração das condições de produção, e mesmo o objetivo e o alcance da análise. (p. 14, 1984)

A pesquisadora destaca o conceito de recorte dentro da AD como uma unidade discursiva, ou seja, um fragmento da linguagem que está relacionado a uma situação específica. Assim, o recorte seria uma parte do discurso que poderia ser analisada em conjunto com outras partes do mesmo discurso ou de outros, a fim de construir uma compreensão mais completa da(s) manifestação(ões) discursiva(s). Entretanto,

⁴⁸ Entrevista com Aryon Rodrigues disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/1053>>
Entrevista com Eduardo Guimarães disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/882>>
Entrevista com Eni Orlandi disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/362>>
Entrevista com Izidoro Blikstein disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/427>>
Entrevista com José Luiz Fiorin disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/366>>
Entrevista com Leonor Scliar disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/361>>

⁴⁹ Excertos pré-selecionados para análise.

complementa Orlandi, a forma como o recorte é feito pode variar de acordo com o tipo de discurso, as condições em que ele é produzido (ou reproduzido) e o objetivo da análise. Portanto, a pesquisadora demonstra que não há uma única maneira de fazer um recorte, mas que, sim, é possível fazê-lo sob diferentes abordagens para aplicação de acordo com a finalidade da análise.

As unidades discursivas que apresentamos, então, são recortes de sequências discursivas, essas sequências estão em diferentes modalidades de discurso e, neste caso, algumas das condições de produção são semelhantes, já que se dão por entrevistas feitas por integrantes de um mesmo laboratório, o Lab. Corp, para uma mesma revista, a Revista Fragmentum, seguindo certo padrão nas perguntas, embora “semelhantes” não signifique idênticas.

Uma sequência discursiva narrativa, de acordo com Back et al., é evidenciada em entrevistas

pelo fato de que há muitas perguntas que levam o informante a fazer relatos, contar fatos que se sucederam em determinado tempo e local, envolvendo-o ou que dizem respeito a pessoas de sua convivência. Sendo assim, pode-se dizer que a narração é um trecho constituído por relatos verbais (predominantemente) de fatos, acontecimentos ocorridos no passado e que podem se prolongar por um determinado tempo, em que aparecem ambientes, pessoas e uma sucessão temporal, ou seja, ocorre uma evolução no tempo, não há estaticidade. (2004, p. 2)

O trecho citado salienta a importância da sequência discursiva narrativa em análise de entrevistas. Para Back et al., a sequência discursiva é evidenciada nas entrevistas por meio do relato de fatos que ocorreram em determinado tempo e lugar com pessoas marcantes para os entrevistados. Para obtermos esse tipo de sequência, habitualmente são feitas perguntas que incentivam o entrevistado a contar seus relatos, suas memórias. Nesse tipo de sequência, é comum que apareçam lugares, pessoas e que haja uma sucessão temporal, ou seja, uma “linha” do tempo dos fatos narrados e dados trazidos pela perspectiva do entrevistado, isso permite a compreensão da forma como quem é entrevistado constrói a própria história e como ela se relaciona com outras histórias sendo que, também, no caso de serem entrevistados linguistas brasileiros, como cada um trata determinado tema e ajuda a “amarrar” essas histórias da Linguística no Brasil, quando é possível fazer amarrações.

Sendo assim, posto que estamos trabalhando com entrevistas, nelas os linguistas usam a narração como modo de contar suas histórias, trazem uma

sequência de fatos em parte guiada pelas questões elaboradas pelo Lab. Corpus. As entrevistas da Revista *Fragmentum*, no entanto, não apresentam muitas perguntas, elas priorizam a pontualidade em cada questão e favorecem a espontaneidade das respostas de modo que cada entrevistado faça seu retorno ao passado de forma muito particular. Estabelece-se, aí, uma memória discursiva, posta em funcionamento a partir das perguntas colocadas aos pesquisadores. Assim, vários entrevistados, ao serem indagados sobre sua trajetória acadêmica e em dadas condições de produção, inscrevem-se em determinada posição-sujeito e recortam a memória discursiva para responder aos questionamentos realizados, retomando também sua história de vida desde o contexto familiar na infância. A situação comunicativa das entrevistas oportuniza uma fala muito natural que vai entrelaçando momentos da vida pessoal do pesquisador com sua vida profissional/acadêmica, apresenta-se a história do sujeito na relação da produção do conhecimento com a sua formação como pesquisador. Esses linguistas colocam-se na história a partir de uma posição muito privilegiada de participantes do processo que ocasiona, motiva e luta pela institucionalização e disciplinarização da Linguística no país, com consciência do peso e responsabilidade de suas atuações no fortalecimento dos estudos linguísticos, mas sem descuidar de referenciar e deixar de registrar o lugar que colegas tiveram e têm nesse contínuo movimento de produção intelectual, mais especificamente, no início dessas atividades contribuintes para o avanço dos estudos e conhecimento da linguagem.

Na passagem do tempo em que essas histórias são narradas por Aryon Rodrigues, Eduardo Guimarães, Eni Orlandi, Izidoro Blikstein, José Luiz Fiorin e Leonor Scliar durante as entrevistas, outra história vai se consolidando mútua e paralelamente: a história da Linguística no Brasil. Todavia, é por se fortalecer pela contribuição desses linguistas, mas não só, que sempre preferimos usar o termo “histórias”, no plural, ao nos referirmos aos fatos que viabilizaram a institucionalização e, também, disciplinarização da Linguística no Brasil. Digamos, então, que os linguistas que trouxemos neste trabalho apresentam uma “história geral” desse processo que culminou no fortalecimento da Linguística enquanto ciência, no avanço desses estudos, com o crescimento exponencial de diversas obras, artigos, dissertações e teses, como o trabalho desenvolvido neste texto.

4.1 Os Sujeitos Citados Pelos Entrevistados

Como já mencionamos, entre as entrevistas da Revista Fragmentum que analisamos⁵⁰ encontramos nomes que foram referências para os pesquisadores apontados neste trabalho, algumas citações se repetem entre os entrevistados, destacando a menção para compreendermos o percurso dos estudos linguísticos no Brasil, entretanto, esta pesquisa move-se entre história e memória, sendo assim, consideramos oportuno registrar todos os nomes lembrados/citados nas entrevistas como uma forma de dar visibilidade a pesquisadores, professores que também contribuíram/contribuem, de um modo geral, para a(s) história(a) da Linguística, além do fato de que, somente por serem lembrados, já indicam sua inserção em uma memória individual e discursiva. Ainda, trouxemos nomes de pessoas que não trabalhavam na área (amigos, familiares), mas que são citadas por serem consideradas importantes para os entrevistados.

Abaixo, a relação de nomes⁵¹ próximos aos autores, de professores e linguistas, citados por entrevistado de modo relativamente detalhado em acordo com o que dizem as entrevistas:

Quadro 2 – Nomes apontados por Aryon Dall'ygna Rodrigues

Aryon Dall'igna Rodrigues	
Leonor Scliar Cabral	Foi aluna de Aryon em Porto Alegre;
Leda Bisol	Também aluna em Porto Alegre;
Balthazar Barbosa	Mestrado com Aryon;
Mansur Guérios	Professor Língua Portuguesa de Aryon no Paraná;
Alfredo Trombetti	Italiano destaque na Europa nos anos 1930;
Hugo Schuchardt	Austríaco citado, assim como Trombetti, nas aulas de Mansur Guérios;

⁵⁰ Algumas entrevistas da Revista Fragmentum com os pesquisadores são bem extensas, sendo assim, optamos por colocar em anexo, no final da pesquisa, seus endereços digitais por meio de QR Code, código bidimensional que pode ser escaneado pela maioria dos smartphones com câmera, facilitando o acesso às entrevistas.

⁵¹ Alguns dos nomes citados que aparecem na sequência desta pesquisa foram citados apenas por sobrenome ou apenas por primeiro nome, não sendo sempre possível identificá-los por nome completo.

Georges Millardet	Professor e linguista francês “importado” pela carência de especialistas. Foi professor de Mattoso Câmara Jr. no Rio de Janeiro;
Mattoso Câmara Jr.	Primeiro professor brasileiro de Linguística no Brasil;
Plínio Ayrosa	Fez edição e tradução de vários manuscritos do tempo colonial;
José Loureiro Fernandes	Antropólogo que convidou Aryon a lecionar Linguística Geral nas Letras e Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani nas Ciências Sociais, na universidade Federal do Paraná (UFPR);
Eunice Pontes	Escreveu a primeira dissertação de mestrado em Linguística do Brasil, o tema era a Fonologia do Português falado;
Marta Vargas de Oliveira Coelho	A segunda dissertação de mestrado em Linguística do Brasil, o tema era sobre uma Língua Africana, sobre o Congo;
Gilda Maria Correia de Azevedo	Escreveu a terceira dissertação de mestrado em Linguística do Brasil, orientada por Aryon, tinha como tema a gramática da Língua Indígena Kariri.

Quadro 3 – Nomes apontados por Eduardo Guimarães

Eduardo Guimarães	
Émile Benveniste	Citado ao responder sobre nomeação na cena enunciativa e sobre a ampliação de seu contato com a obra do pesquisador a partir da conclusão do doutorado;
Oswald Ducrot	Citado como importante para seu pensamento sobre cena enunciativa, oriunda da noção de acontecimento de Ducrot e sua definição de enunciação sem usar a noção de sujeito; Fala muito em torno desse autor em seu mestrado e doutorado, da teoria dos atos de fala;
Deleuze e Guattari	OMil Platôs, onde a questão do agenciamento enunciativo é sustentada pelos autores e que ajuda

	Guimarães a dizer melhor o problema da cena enunciativa;
Jean-Claude Zancarini e Romain Descendre	Interessa a Guimarães como os autores relacionam uma palavra a um conjunto de textos, como ela significa assim, a descrição e os resultados dos métodos de análise;
Eni Orlandi	Cita o nome da pesquisadora ao mencionar que usa a categoria de recorte da AD; Cita seu nome, também, ao falar da perspectiva de Orlandi sobre o problema da língua do povo, da língua nacional, da língua do Estado, oficial;
Spitzer	Filólogo e crítico literário frisado por Guimarães por sua potente análise de texto;
Ferdinand de Saussure e Bally	Fitados ao falar sobre Estilística e o problema da estilística;
Rodrigues Lapa	Autor da obra Estilística da Língua Portuguesa. Guimarães utilizou esse livro “para ensinar português”, como ele mesmo aponta, ao invés de usar a gramática, que trata o funcionamento da língua de forma diferente de como, até então, ele havia trabalhado;
Mattoso Câmara Jr.	Muito utilizado por Guimarães nas aulas de Linguística da universidade;
Michel Bréal	Professor de Linguística especialista em questões da Língua Italiana. Fez uma introdução de Saussure e lançou Introdução a Semântica. Foi referência para Guimarães; Para Guimarães, Bréal “desautomatiza” as leituras que estabelecem um lugar de origem, como entrar na Linguística por Saussure, por Benveniste ⁵² ;
Henri Weil	Conheceu por Simone Delesalle. Por Delesalle, soube que a questão da enunciação em Bréal vinha de Weil;

⁵² Guimarães menciona que o trabalho que fez na Biblioteca Nacional de Paris, na década de 1980, sobre Bréal, foi reunido ao trabalho de História das Ideias Linguísticas, sob essa perspectiva do projeto HIL instalado no Brasil pela relação de Eni Orlandi com Francine Mazière e Sylvain Auroux entre os anos de 1980 e 1990.

Paul Veyne	Historiador. Algumas das ideias pensadas por Veyne permanecem em Guimarães em determinado momento em que pensa, inclusive, sobre a história da ciência, a história dos estudos de linguagem;
Pacheco Silva e Silveira Bueno	Citados, junto a Mattoso Câmara Jr., ao mencionar sua análise de textos que sustentam o percurso da Semântica no Brasil;

Quadro 4 – Nomes apontados por Eni Puccinelli Orlandi

Eni Puccinelli Orlandi⁵³
--

Cícero	Fez parte dos estudos de Orlandi. Com Cícero aprendeu na gramática do Latim, por exemplo, a noção de que a língua tem uma ordem própria;
Amanda Scherer	Prof ^a Amanda citada pelos projetos que dão condições e proporcionam relações de trabalho entre pessoas;
Jorge de Sena (literatura) e Casais Monteiro (crítica literária)	Apenas lembrados como seus professores;
Fausto Castilho	Filósofo vindo da França onde estudou filosofia, também estudou na Alemanha com Heidegger. Foi importante no estabelecimento da Linguística na UNICAMP; Indicou a Orlandi autores como Saussure, Martinet, etc.;

⁵³ *1. Ao ser questionada sobre sua formação, Orlandi faz questão de iniciar a entrevista retomando lembranças dos primeiros anos de ensino. Diz ela: “Onde foi a minha graduação é muito importante mesmo, mas isso começa antes...”. E então cita nomes das primeiras professoras como D. Lali, com quem foi alfabetizada, D. Baby, no colegial, nomes importantes na história pessoal da linguista, mas que não destacamos aqui por fazer parte de uma formação básica, que acreditamos não interceder ou mediar a pesquisadora enquanto linguista.

*2. Embora não cite o nome, menciona o próprio pai como uma pessoa ligada à vida intelectual, falante e admirador da língua francesa, também conhecedor de grego, latim e letras clássicas. Instigou Orlandi a saber mais sobre linguagem.

Edmund Husserl	Filósofo professor de Fenomenologia do Signo no 1º e 2º anos de Letras;
Paulo Singer:	Professor de economia de Orlandi, ainda nas Letras ⁵⁴ ;
Porchat	Com quem Orlandi teve aula de Aristóteles, Platão, etc.;
Lebrun	Com quem teve aula de Kant;
Dante Moreira Leite	Com quem Orlandi teve aulas de Psicologia, psicologia da percepção que trabalhava com signo ainda não existia Linguística no currículo de Letras;
Clemente Segundo Pinho	Deu aulas de Filologia Portuguesa a Orlandi; Orlandi destaca esse nome no início de sua relação com a Linguística, pois foi com o professor Pinho que começou a apresentar os primeiros trabalhos em Linguística, dentro da disciplina de Filologia Portuguesa ⁵⁵ ; Também esse professor começou a dar consciência a Orlandi de que seus primeiros trabalhos eram definitivamente em Linguística, e não em Filologia, ao mesmo tempo em que estimulava a reivindicação de um curso de Linguística na faculdade em Araraquara. Com abaixo-assinado, os alunos conseguiram a disciplina de Linguística em 1962.

⁵⁴ Um curso de Letras em outros moldes, diferente do que a gente tem hoje, como menciona Orlandi na entrevista (p. 16, 2006).

⁵⁵ De acordo com a entrevista de Orlandi (2006), a Linguística se formou na relação com a Filologia Românica, e não Portuguesa, havia uma rivalidade entre Filologia Românica e Filologia Portuguesa em São Paulo e, em Araraquara o prof. Clemente Segundo Pinho, que era professor de Filologia Portuguesa, começou a estimular os alunos pela Linguística. (p.16 da entrevista)

Lélia Ergolato e Emílio Justi	Formados, Ergolato e Justi, junto a Orlandi, reivindicaram Linguística Geral na USP, onde o professor Maurer lecionava Linguística europeia;
Theodoro Henrique Maurer Júnior	Criou um curso de especialização na Linguística Românica, de Linguística Geral; Esse curso de especialização acabou virando mestrado, primeiro mestrado em Linguística da USP, em 1965. Ao se aposentar, deixa indicado o nome de Orlandi como sua substituta;
Maria Luiza Miazzi	Dava aulas de sânscrito, tema que interessava a Orlandi
Louis Hjelmslev	O primeiro autor em Linguística com quem Orlandi trabalhou vigorosamente;
Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste	Orlandi cita leituras dos autores, destacando a subjetividade na linguagem trazida por Benveniste;
Izidoro Blikstein e Cidmar Paes	Após a aposentadoria de Maurer, Orlandi começa a lutar pela Linguística como disciplina autônoma com alguns colegas, entre os quais salienta a importância desses dois pesquisadores;
Michel Foucault e Jacques-Marie Émile Lacan	Orlandi conheceu em Vincennes, na França. Ficou impressionada com a atividade de Foucault;
Ruwet	Professor de Linguística Transformacional. Orlandi assistiu a suas aulas, mas seguiu por outro caminho, procurando trabalhar sobre sentido;
Luis Jorge Prieto	Orientador de Orlandi em Vincennes, trabalhava Semântica (que ele chamava

	<p>Noologia, e que era diferente da Semântica Lógica, de Ducrot). Prieto trabalhava a questão do sentido, da significação. Quando Orlandi voltou para o Brasil, o professor Prieto foi para Genebra, para o lugar onde tinha sido a cadeira de Saussure, segundo a pesquisadora; Embora mais próxima da questão do sentido, Orlandi ainda não havia encontrado seu lugar, Prieto estava mais direcionado a estudos com sinais de trânsito, era “uma espécie de trabalho que era de semiologia e dentro do estruturalismo” conforme a entrevistada;</p>
Michel Pêcheux	<p>Conheceu pela obra <i>Análise Automática do Discurso</i>, publicada em 1969, chamou sua atenção porque falava em política, linguagem;</p>
Luis Orlandi (filosofia), Antônio Augusto Arantes (antropologia), André Vila Lobos (sociologia), entre outros	<p>São citados por Orlandi como decisivos para que a pesquisadora pudesse olhar para a linguagem de diferentes lados;</p>
Silvana Serrani	<p>Aluna. Orlandi a destaca pelo apoio na busca pela institucionalização da disciplina AD;</p>
Betânia (Mariani?), Maria Cristina , José Horta Nunes	<p>Junto a Orlandi, um grupo que se interessou pela noção de discurso fundador. Pensaram juntos quais eram os seus discursos fundadores e como esses discursos surgiam em suas histórias produzindo efeitos de origem e tradição brasiliense;</p>
Marilena Chauí	<p>Marcou Orlandi ao comentar o texto de sua autoria <i>Para Quem É O DP</i>,</p>

	explanando que quando falava-se em discurso autoritário, ia-se lá e mostrava-se;
Mattoso Câmara Jr.	Conforme Orlandi, apesar de haver muitos estudiosos envolvidos, foi Mattoso Câmara quem deu voz ao movimento que fundou a ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística);
Gomes de Mattos, Geraldo Cintra, Uchoa	Presentes desde o começo da ABRALIN;
Leonor Scliar Cabral	Elogia o trabalho feito pelo Laboratório Corpus sobre Leonor Scliar por tratar do depoimento de alguém que fez certo percurso dentro da Linguística. Também é citada como essencial no Sul para o processo de institucionalização da Linguística;
Ataliba Teixeira de Castilho	Sugere ao professor Issac Nicolau Salum a criação do GEL, em São Paulo. Após a criação do GEL no estado de São Paulo começou a se formar o GEL Sul, o GEL Nordeste, o CEL (Centro de Estudos Linguísticos) no Rio.

Quadro 5 – Nomes apontados por Izidoro Blikstein

Izidoro Blikstein	
Dino Preti	Professor de Português, Blikstein o cita como grande incentivador a entrar na área de Letras, identificando em seus trabalhos “grande vocação” pelas análises literárias que fazia. Ao entrar no Curso de Letras, seguiu o caminho das Letras Clássicas;

Robert Henri Aubreton	Professor de Língua e Literatura Grega, conseguiu bolsa de estudos para o mestrado e doutorado de Blikstein na França;
Orientador de Blikstein na França (?) ⁵⁶	Apresentou o livro Linguística Estrutural, de André Martinet e Origens da Formação de Nomes em Indo-Europeu, de Émile Benveniste;
Émile Benveniste	Surgiu para Blikstein como uma revelação, uma descoberta por suas ideias; A partir de então, Blikstein começou a se afastar da Filologia Grega e se aproximou da Semiótica, da Semiologia, da Linguística;
Isaac Nicolau Salum e Theodoro Henrique Maurer Júnior	Professores com quem Blikstein trabalhou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em São Paulo, no ano de 1965. Ambos foram mentores da cadeira de Filologia Românica, e dentro da Filologia Românica, segundo Blikstein, os estudos linguísticos iniciaram em São Paulo. Blikstein se refere ao professor Salum como seu grande mestre (orientou suas duas teses, de doutorado e de livre-docência);
Eugenio Coseriu	Para Blikstein, Coseriu é essencial para a Linguística pela forma como explora alguns conceitos de Saussure (como norma, sistema, sincronia, diacronia);
Chacravarti, Platão e Santo Agostinho	Blikstein cita Chacravarti como exemplo de que muitas vezes chegamos à teoria já

⁵⁶ Não encontramos o nome.

	<p>vista antes sem que soubéssemos que ela já foi estudada. De acordo com Blikstein, Chacravarti já havia dito coisas que apareceram mais tarde na Linguística Saussuriana, como, por exemplo, a relação entre significante e significado mesmo que com outros nomes; Também cita Platão como outro exemplo, o filósofo já teria levantado há séculos os grandes temas da Linguística como a relação entre palavras e a realidade, arbitrariedade e motivação do signo. Ainda, cita Santo Agostinho como uma das perspectivas possíveis para pensar a história da Linguística, visto que o mesmo tem uma série de considerações sobre o signo.</p>
<p>Mattoso Câmara Jr.</p>	<p>Quando responde sobre a história da Linguística no Brasil, Blikstein lembra Mattoso Câmara, no entanto, também menciona que antes dele tivemos outros estudiosos no séc. XIX e séc. XVIII na Literatura Portuguesa e na Literatura Brasileira, e, também, o próprio Antônio Vieira já teria sido um linguista e semiótico; Enquanto o professor Salum e o professor Maurer praticavam Linguística Sincrônica, Linguística Diacrônica, Linguística Histórica, segundo Blikstein, Mattoso criava toda uma tradição linguística na Universidade do Brasil, trazendo estudos fundamentais para a Linguística no Brasil;</p>

Júlio Ribeiro	Autor de A Carne e também tinha uma gramática;
Leonor Fávero	Sugerida a quem quiser estudar “uma verdadeira história da gramática e das ideias linguísticas” (p. 21);
Said Ali e Fidelino de Figueiredo	São citados, junto ao nome de Júlio Ribeiro, como alguns precursores das ideias linguísticas ⁵⁷ no artigo 100 Anos de Linguística no Brasil, escrito por Blikstein a pedido do professor Salum como suplemento literário para o jornal O Estado de São Paulo;
Roman Jakobson	Blikstein cita Jakobson por seguir o mesmo pensamento de que a linguagem envolve várias dimensões e o linguista precisa se dedicar também a outros campos, como a Literatura, o que trouxe muita crítica no início da institucionalização da Linguística. Também é citada a visita de Jakobson ao Brasil no momento em que Blikstein trabalhava na tradução de alguns de seus ensaios, momento esse em que Blikstein aproveitou e pediu algumas palavras para a introdução de Linguística e Comunicação, também traduzido por Izidoro. A visita de Roman Jakobson, segundo o entrevistado, foi um marco na história da Linguística Brasileira;
Carlos Franchi, Haqira Osakabe, Rodolfo Ilari, Carlos Vogt	Grupo que fez Linguística em Besançon, na França, contribuíram na criação do

⁵⁷ Blikstein observa que, mesmo entre os nomes que cita como precursores das ideias linguísticas, há alguns não linguistas, como é o caso de Fidelino de Figueiredo, crítico da Literatura Portuguesa.

	Departamento de Estudos da Linguagem (IEL), na Unicamp, entre os anos 1960 e 1970;
Francisco da Silva Borba	A entrevista dá a entender que o professor Francisco contribuiu também para a criação de outro departamento de estudos da linguagem na UNESP. A partir da criação do departamento, surgiram teses, mestrados, doutorados, publicações e professores que se formaram lá, segundo Blikstein, e que foram criando centros em outras universidades, entre os professores, destacados pelo entrevistado, temos José Luiz Fiorin e a professora Diana Luz Pessoa de Barros , além de José Gaston Hilgert ;
Eric Buysens	Não é propriamente citado na entrevista analisada (exceto ao mencionar que Buysens era de uma “simplicidade marcante”), mas o nome é trazido pelo entrevistador como alguém que Blikstein teria dito em outro momento que teria tido grande importância em sua vida, sendo uma referência em seus estudos.

Quadro 6 – Nomes apontados por José Luiz Fiorin

José Luiz Fiorin	
Izidoro Blikstein	Orientador de mestrado;
Roman Jakobson	Lembrado em concordância à citação “Um linguista surdo à função poética e um estudioso da Literatura que não se ocupa da linguagem são um e outro

	flagrante anacronismo”, é o mesmo destaque dado por Izidoro ao concordar que o linguista precisa se dedicar a outros campos também;
Fausto Barreto e Carlos de Laet	Quando aluno, Fiorin estudou sob o manual de Português chamado Antologia Nacional, de Barreto e Laet ⁵⁸ ;
Carlos Vogt	Mencionado como primeira pessoa da área de Letras e Linguística a ter assento no Conselho Deliberativo do CNPq;
Mikhail Bakhtin	Fiorin interessou-se na questão do gênero segundo Bakhtin (definido por três aspectos: uma temática, uma estrutura composicional e um estilo);
Hjelmslev e Barthes	São citados ao ser questionado sobre as fronteiras entre os campos denotativo e conotativo, partindo do texto Teoria dos Signos. Fiorin segue a tradição hjelmsleviana e barthesiana explicando que conotação não seria uma questão de palavra isolada, mas, sim, uma questão que está no interior do discurso;
Ferdinand de Saussure	Citado para responder pergunta sobre Semiótica e Semiologia e, a partir daí, lembra Algirdas Julius Greimas, que propõe o estudo dos textos em Semiologia;
Avram Noam Chomsky	Defendido da crítica de que o gerativismo não explica o discurso. Fiorin

⁵⁸ Segundo Fiorin, o manual era uma coletânea de textos dos grandes autores da Língua Portuguesa. Não havia na Antologia Nacional exercícios para os alunos nem roteiro para compreensão dos textos. Estudava-se a história da língua a partir do conjunto de textos, começando pelos mais modernos e indo para os mais antigos. O professor que utilizava o manual é que preparava as questões, os exercícios gramaticais sobre os textos.

	completa que o gerativismo nunca se propôs a explicar o discurso.
--	---

Quadro 7 – Nomes apontados por Leonor Scliar Cabral

Leonor Scliar Cabral	
Isaac Scliar	Pai de Scliar. É o primeiro nome citado como referência em sua formação;
D. Cecília	Após o abandono da mãe ⁵⁹ , Scliar foi criada pela madrasta e o pai, a madrasta é descrita como uma pessoa que lia muito, também teria influenciado de certa forma em sua formação ⁶⁰ ;
Esther Scliar	A irmã também é citada como enorme influência para Scliar pela afinidade e por serem filhas únicas do mesmo casal;
Henrique Scliar	Tio de Scliar, filho de Carlos Scliar. A frequência à casa de Henrique Scliar a influenciou porque a residência era um dos centros onde se reunia a intelectualidade em Porto Alegre;
Carlos Scliar	Grande pintor e intelectual, a entrevistada menciona que conheceu e fez amizade com Mário de Andrade Jorge Amado, parte da intelectualidade que frequentava sua casa;
Hipólito Kuntz	Professor de Língua Portuguesa que, segundo Scliar, ensinava a Língua Portuguesa com o intuito de ensinar as pessoas a raciocinar;
Valentina Paiva	Citada na sequência como outra grande professora;

⁵⁹ Embora mencione a mãe sem considerá-la referência, descreve-a como alguém que não tinha “vocaçãõ” para ser mãe, mas extremamente ativa politicamente e, mais adiante na entrevista, descreve a si própria como militante que chegou a ser líder do Partido Comunista, descreve essa direção iniciada pelas influências culturais que teve pela família.

⁶⁰ É destacado por Scliar que sua família sempre foi muito ligada à música, ao cinema, à Literatura, portanto, houve desde sempre uma veia em artes.

Rosália Ferreira	Amiga dos tempos de movimentos estudantis, trabalhou como professora de Latim e de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
Nora Ramos	Citada na sequência como outra grande amiga;
Zilá Totta	Foi professora de Scliar e, mais tarde, Secretária da Educação do governo Meneguetti, a primeira secretária mulher do Rio Grande do Sul;
Karl Marx	Suas leituras são citadas como leituras que levam ao raciocínio, a uma leitura crítica. É citado como exceção em suas leituras que, dos 19 aos 28 anos, eram mais fechadas ao credo comunista (Scliar fala com arrependimento dessa fase);
Paul Chauchard	Influenciado por Vygotsky, Luria e Leontiev, o Livro A Linguagem e o Pensamento, de Chauchard, despertou em Scliar a importância, segundo a linguista, das relações entre pensamento e linguagem, o que a levou para a Linguística;
Avram Noam Chomsky	Interessou-a também o tema trabalhado por Chomsky, justamente a relação entre pensamento e linguagem. O linguista foi introduzido em seus estudos pelo professor Heles Contreras e Scliar se diz influenciadíssima pela sua obra.
Bunse	Professor de Latim de Scliar, era a maior autoridade em Porto Alegre;
Edison Oliveira e Garcia	Professores de Português de Scliar;
Armando Câmara	Professor de Filosofia do Direito, no Curso de Direito, com quem aprendeu sobre epistemologia;

Moacyr Scliar, Tânia Carvalhal, Flávio Loureiro Chaves, Flávio Koutzi, Eduardo Machado, Marcos Faerman, Sônia Pilla⁶¹	Alunos sucessores de Leonor Scliar;
Agostinho Staub	Scliar o considera fundamental em seus primeiros passos dentro da Linguística;
Celso Luft	Casado com Lya Luft, considerado um professor de Língua Portuguesa importante em sua formação;
Elpídeo Pais	Outro grande professor de Língua e Literatura Latina;
Aryon Dall'igna Rodrigues, Mattoso Câmara Jr., Luis Jorge Prieto	Professores de Scliar no primeiro Instituto Latino-Americano de Linguística para pós-graduados, no qual pode se inscrever mesmo estando no primeiro ano do Curso de Letras por ter diploma em Direito; Scliar também foi aluna de Mattoso Câmara Jr no México, onde também teve aulas com Klaus Heger , de Lexicografia e Semântica. Scliar considera Mattoso o maior linguista brasileiro; Ainda quanto a Aryon Rodrigues, a entrevistada destaca suas aulas de Fonética;
Elvo Clemente	Figura destacada por Scliar na passagem do Curso de Letras como importantíssima em sua vida profissional. Organizaram, juntos, o I Seminário de Linguística na PUCRS e, mais tarde, a pós-graduação em Linguística da PUCRS;
Plínio Cabral	Ex-marido, com quem fundou a Revista Letras de Hoje;

⁶¹ Aqui encontramos não predecessores, mas sucessores com ligação direta a Leonor Scliar. Consideramos relevante a citação, pois reforça a dimensão de Leonor Scliar no cenário de Letras.

Geraldina Witter	Orientadora de doutorado;
Ferdinand de Saussure	Segundo Scliar, fundamental em seu pensamento “apesar de algumas reformulações críticas”;
Karl Bühler	Essencial para seu desenvolvimento sobre as funções da linguagem;
André Martinet	Elementos de Linguística Geral foi uma obra que influenciou bastante Scliar no início de sua trajetória;
Roman Jakobson	Destacado em sua especialização em Psicolinguística no que diz respeito aos desvios da linguagem e aquisição da linguagem;
Blomfield, Sapir, Morris Swadesh e Halliday	Influências da linguística norte-americana;
Van Dijk	Interessou-se em sua obra que dá origem a uma linha de pesquisa sobre narratividade oral em crianças dos 4 aos 6 anos e 11 meses de idade;
Roger Brown	Exponencial para sua formação no momento em que se volta à Psicolinguística.

Condensamos, nesta etapa, o que mostramos acima. Vejamos uma síntese no quadro abaixo apenas dos nomes citados pelos pesquisadores entrevistados pela Revista Fragmentum como relevantes em suas vidas profissionais e para o desenvolvimento dos estudos linguísticos no país, separados nomes mencionados por pesquisador entrevistado.

Quadro 8 - Síntese dos nomes citados por pesquisador entrevistado

Pesquisador entrevistado	Referência citada
Aryon Dall'ygna Rodrigues	Leonor Scliar Cabral Leda Bisol Balthazar Barbosa Mansur Guérios Alfredo Trombetti Hugo Schuchardt Georges Millardet Mattoso Câmara Jr. Plínio Ayrosa José Loureiro Fernandes Eunice Ponte Marta Vargas de Oliveira Coelho Gilda Maria Correia de Azevedo
Eduardo Guimarães	Émile Benveniste Oswald Ducrot Deleuze e Guattari: Jean-Claude Zancarini Romain Descendre Eni Orlandi Spitzer Ferdinand de Saussure Bally Rodrigues Lapa Mattoso Câmara Jr. Michel Bréal Henri Weil Paul Veyne Pacheco Silva e Silveira Bueno
Eni Puccinelli Orlandi	Cícero Amanda Scherer Jorge de Sena (literatura) Casais Monteiro Fausto Castilho Edmund Husserl Paulo Singer Porchat Lebrun Dante Moreira Leite Clemente Segundo Pinho Lélia Ergolato e Emílio Justi Theodoro Henrique Maurer Júnior Maria Luiza Miazzi Louis Hjelmslev

	<p>Ferdinand de Saussure Émile Benveniste Izidoro Blikstein Cidmar Paes Michel Foucault Jacques-Marie Émile Lacan (Nicolas?) Ruwe Luis Jorge Prieto Michel Pêcheux Luis Orlandi (filosofia) Antônio Augusto Arantes (antropologia) André Vila Lobos Silvana Serrani Betânia (Mariani?) Maria Cristina José Horta Nunes Marilena Chauí Mattoso Câmara Jr. Gomes de Mattos Geraldo Cintra Uchoa Leonor Scliar Cabral Ataliba Teixeira de Castilho</p>
Izidoro Blikstein	<p>Dino Preti Robert Henri Aubreton Émile Benveniste Isaac Nicolau Salum Theodoro Henrique Maurer Júnior Eugenio Coseriu Chacravarti Platão Santo Agostinho Mattoso Câmara Jr. Júlio Ribeiro Leonor Fávero Said Ali Fidelino de Figueiredo Roman Jakobson Carlos Franchi Haqira Osakabe Rodolfo Ilari Carlos Vogt Francisco da Silva Borba José Luiz Fiorin Diana Luz Pessoa de Barros José Gaston Hilgert Eric Buysens</p>

<p>José Luiz Fiorin</p>	<p>Izidoro Blikstein Roman Jakobson Fausto Barreto Carlos de Laet Carlos Vogt Mikhail Bakhtin Hjelmslev Barthes Ferdinand de Saussure Avram Noam Chomsky</p>
<p>Leonor Scliar Cabral</p>	<p>Isaac Scliar D. Cecília Esther Scliar Henrique Scliar Carlos Scliar Hipólito Kuntz Valentina Paiva Rosália Ferreira Nora Ramos Zilá Totta Karl Marx Paul Chauchard Avram Noam Chomsky Heles Contreras Bunse Edison Oliveira e Garcia Armando Câmara Moacyr Scliar Tânia Carvalhal Flávio Loureiro Chaves Flávio Koutzi Eduardo Machado Marcos Faerman Sônia Pilla Agostinho Staub Celso Luft Elpídeo Pais Aryon Dall'igna Rodrigues Mattoso Câmara Jr. Luis Jorge Prieto Klaus Heger Elvo Clemente Plínio Cabral Geraldina Witter Ferdinand de Saussure Karl Bühler André Martinet Roman Jakobson</p>

	Blomfield Sapir Morris Swadesh Halliday Van Dijk Roger Brown
--	---

Fonte: Revista Fragmentum

Na sequência, delimitamos a lista, chegando, então, aos nomes que se repetem entre as entrevistas analisadas:

Quadro 9 - Nomes mais citados

Referência citada	Pesquisador entrevistado
Mattoso Câmara Jr.	Aryon Dall'ygna Rodrigues Eduardo Guimarães Izidoro Blikstein Leonor Scliar Cabral
Émile Benveniste	Eduardo Guimarães Eni Puccinelli Orlandi Izidoro Blikstein
Ferdinand de Saussure	Eduardo Guimarães Eni Puccinelli Orlandi José Luiz Fiorin Leonor Scliar Cabral
Theodoro Henrique Maurer Júnior	Izidoro Blikstein Eni Puccinelli Orlandi
Roman Jakobson	Izidoro Blikstein José Luiz Fiorin Leonor Scliar Cabral
Louis Hjelmslev	Eni Puccinelli Orlandi José Luiz Fiorin

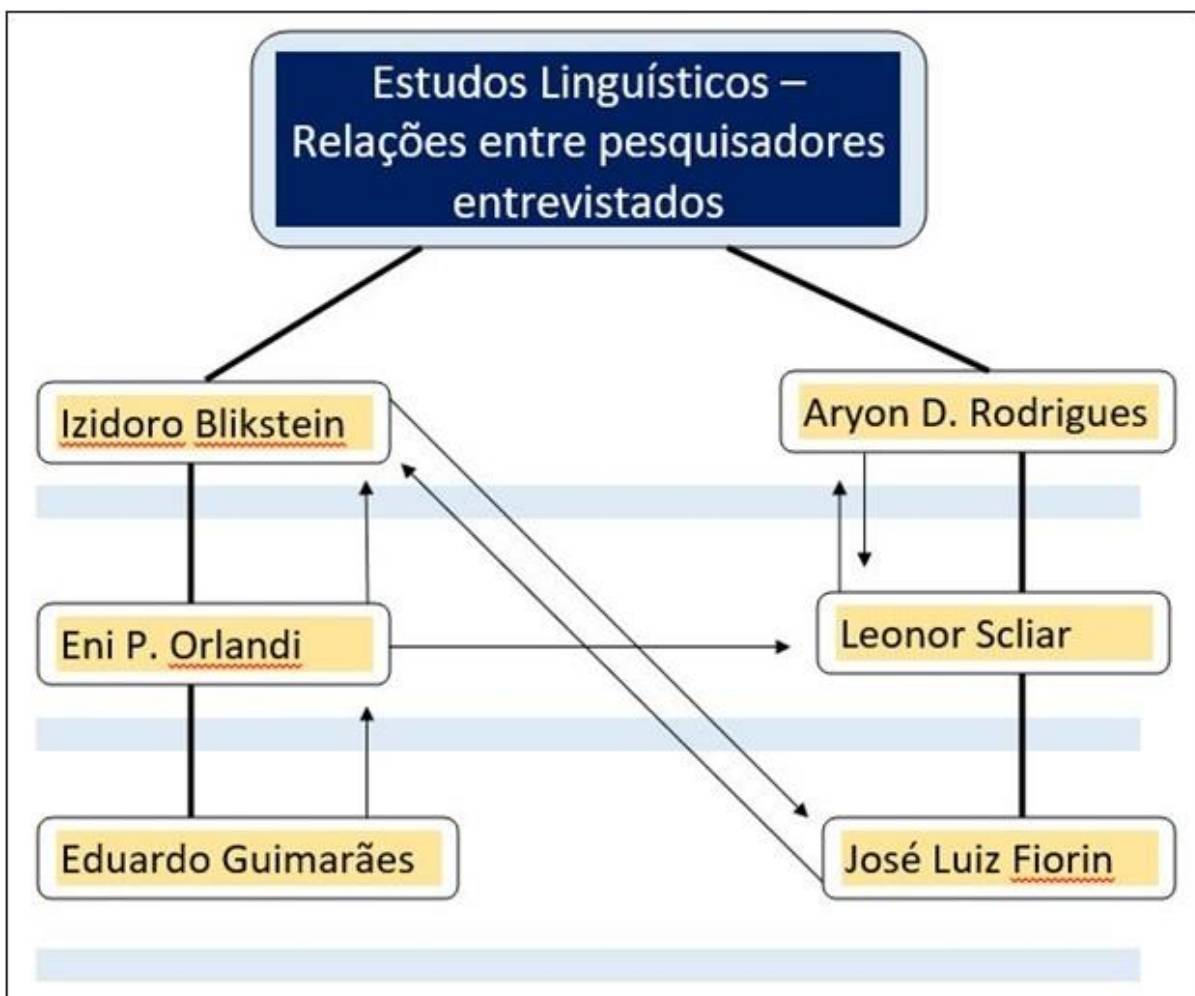
Luis Jorge Prieto	Eni Puccinelli Orlandi Leonor Scliar Cabral
Carlos Vogt	Izidoro Blikstein José Luiz Fiorin
Avram Noam Chomsky	José Luiz Fiorin Leonor Scliar Cabral
Leonor Scliar Cabral	Aryon Dall'igna Rodrigues Eni Puccinelli Orlandi
Izidoro Blikstein	Eni Puccinelli Orlandi José Luiz Fiorin

Fonte: Revista Fragmentum

Compreendemos que a repetição de nomes citados não isola ou distancia pesquisador algum, o conjunto de entrevistas que dão origem a nosso arquivo mostra apenas o enfoque a partir da visão dos pesquisadores entrevistados, não significando necessariamente menor relevância às referências citadas por apenas um entrevistado. É sempre oportuno lembrar que a pesquisa em si vai sendo concentrada e afunilada para que chegue a algum ponto (a pesquisa abrange um arquivo, o arquivo abrange um corpus...), não é possível trazer e envolver o todo e isso torna a escrita do texto singular com uma leitura específica de arquivo. Por ser um olhar sobre outros olhares, preferimos a expressão “histórias da Linguística”. No entanto, para nós, faz-se necessário observarmos os nomes de pesquisadores recorrentes em mais de uma entrevista, por mais de um pesquisador entrevistado, e podemos constatar as menções a Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson como os mais lembrados entre os linguistas entrevistados.

Outro dado notável e que só reafirma a relevância teórica e/ou as importantes redes de pesquisas formadas pelos entrevistados da Revista Fragmentum é o fato de encontrarmos citações de seus próprios nomes ao analisarmos o conjunto de depoimentos, como mostra a figura abaixo:

Figura 03 – Relações entre linguistas entrevistados



Fonte: Entrevistas Coleção Revista Fragmentum

Como podemos ver, Orlandi, por exemplo, não esquece de citar o nome de Leonor Scliar e Izidoro Blikstein ao rememorar o passado, Eduardo Guimarães menciona Orlandi, Fiorin referencia Izidoro Blikstein que, por sua vez, também lembra Fiorin, Leonor Scliar reporta-se a Aryon Rodrigues como referência e Aryon Rodrigues não deixa passar esquecida a notoriedade de Leonor Scliar.

Dessa forma, esses pesquisadores vão costurando uma discursividade entre as falas consideradas relevantes pelos mesmos, cada qual de um ponto de vista, cada qual com suas lembranças, memórias e observações que, relacionadas, encontram, naturalmente, proximidades e afastamentos mas, ainda assim, fundamentam uma parte daquilo que estamos chamando histórias da Linguística no Brasil, histórias que passam por Blikstein, Orlandi, Izidoro, Scliar, Fiorin, Guimarães e outros tantos inspiradores linguistas.

Reconhecendo a importância desses professores/pesquisadores/autores citados pelos entrevistados de nossa pesquisa, bem como para expressar a necessária visibilidade desses estudiosos da língua, apresentamos, abaixo, uma breve biografia, um pouco da história desses predecessores mencionados por nossos linguistas entrevistados. Chegamos a alguns estudiosos muito conhecidos na área (o que dizer de Saussure ou Jakobson por exemplo?!), outros também explicitamente essenciais nos caminhos do desenvolvimento dos estudos linguísticos, talvez não tão lembrados, mas igualmente significativos, dadas as devidas proporções e consideradas também a área de especialização de cada pesquisador:

Ferdinand de Saussure (1857-1913)



Linguista nascido em Genebra, Suíça, Saussure é considerado o fundador da Linguística como ciência moderna. Descendente de importantes intelectuais e políticos suíços, iniciou seus estudos linguísticos com orientação de Adolphe Pictet, amigo da família, e, sozinho, estudou sânscrito pela gramática de Franz Bopp. Aprofundou seus estudos em Linguística na Sociedade Linguística de Paris e em 1876 iniciou estudos em língua indo-europeias na Universidade de Leipzig. Publicou apenas um livro em que tratava Linguística comparativa intitulado *Mémoire sur le Système Primitif des Voyelles dans les Langues Indo-européennes* (Memórias Sobre o Sistema Primitivo das Vogais nas Línguas Indo-Europeias), após essa edição, dedicou-se ao estudo do sânscrito, celta e indiano, em Berlim, doutorando-se na Universidade de Leipzig. Foi professor de Linguística Histórica na *École des Hautes Études*, em Paris, onde lecionou Sânscrito, Gótico, Alto Alemão e Filologia Indo-Europeia, mantendo, durante esse período, participação ativa na Sociedade Linguística de Paris. Ao voltar para Genebra em 1891, lecionou Linguística Indo-Europeia, Sânscrito e o curso de Linguística Geral que, posteriormente a seu falecimento, foi publicado como uma reunião de anotações de aula de seus ex-alunos de curso Charles Bally e Albert

Séchehaye, trazendo o reconhecimento que Saussure tem até hoje (FRASÃO, 2019a)⁶².

Roman Jakobson (1896-1982)



Nascido em Moscou, Jakobson é estimado como um dos maiores linguistas do séc. XX. Juntamente com Lévi-Strauss, Niels Bhor e Morris Hale, promoveu pesquisas que favoreciam a interdisciplinaridade entre Linguística e Poética e áreas da física acústica, fisiologia e psicologia. Jakobson era instigado pelo aspecto simbólico do som na poesia e, a partir desse enfoque, inicia suas pesquisas visando às relações entre som e significado na linguagem, contribuindo especialmente para a Fonologia. Também no campo da Fonoaudiologia Jakobson teve papel significativo ao analisar figuras de

linguagem como a metáfora e a metonímia, contribuindo para estudos sobre afasia infantil na aquisição da fala. No âmbito da educação brasileira, é respeitado sobre sua definição de funções da linguagem (já presente no Plano Nacional de Educação – PNE), auxiliando no processo de letramento, quando não se sabe ler e escrever, mas se reconhece características principais de vários gêneros textuais (DOMINGUES, 2022)⁶³

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970)



Visto por muitos como o mais importante linguista brasileiro (e nosso primeiro professor de Linguística), Mattoso Câmara nasceu no Rio de Janeiro em 1904. Antes do interesse pela Linguística, no entanto, formou-se em Arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes. Em 1928 lecionou Português e Latim no Colégio Pedro II e em escolas particulares do Rio de Janeiro. Ainda no Rio, formou-se em Direito, por desejo do pai, economista

⁶² Fonte: Biografia de Ferdinand de Saussure - eBiografia (www.ebiografia.com/ferdinand_de_saussure/).

⁶³ Fonte: Nascimento de Jakobson (usp.br) (www.fflch.usp.br/38941)

político. Em 1937 licenciou-se em Filologia Latina e Neolatina, pela Universidade do Distrito Federal onde, no ano seguinte, entrou como Professor-Adjunto introduzindo o ensino de Linguística com forte influência na Linguística Descritiva de Roman Jakobson e Leonard Bloomfield. Publicou, em 1942, *Princípios de Linguística Geral*. Através de uma bolsa de estudos, fez especialização em Linguística na Universidade de Nova York onde foi aluno de Louis Gray e do próprio Roman Jakobson. Foi pioneiro no ensino de Linguística Estrutural em 1948, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, mesmo a disciplina de Linguística não tendo sido implantada nos currículos de Letras até então, algo que só ocorreu em 1962 por decisão do Conselho Federal de Educação. Além de ter sido o agente responsável pela criação do primeiro curso de pós-graduação em Linguística no Brasil, lecionou também na Universidade Santa Úrsula, na PUC- Rio e na Universidade Católica de Petrópolis. Como professor e pesquisador, integrou diversos congressos, simpósios e associações científicas nacionais e internacionais e foi membro fundador da Academia Brasileira de Filologia da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e um dos membros fundadores do Círculo Linguístico de Nova York como uma extensão da École Libre des Hautes Études. Por seu trabalho e suas diversas publicações, Mattoso tem reconhecimento internacional e se tornou referência no domínio de estudos de Linguística Portuguesa muito influenciado também por André Martinet (INFOPÉDIA, c2023)⁶⁴, a obra que coroa a dedicação do professor-pesquisador ao estudo da Língua Portuguesa, segundo Rodrigues (2005), que também o cita na entrevista à Revista *Fragmentum*, é *The Portuguese Language*, elaborada para a coleção *História e Estrutura das Línguas*, da Editora da Universidade de Chicago, publicada posteriormente a morte de Mattoso, embora com manuscrito concluído em 1965. Rodrigues (Ibid.) também destaca o intenso trabalho de Mattoso com dedicação aos estudos das línguas indígenas brasileiras.

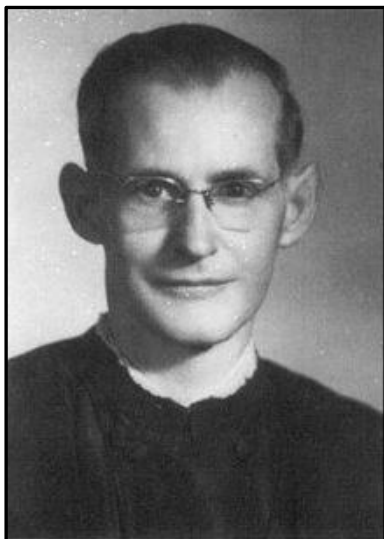
⁶⁴ Fonte: Mattoso Camara - Infopédia (infopedia.pt) ([www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$mattoso-camara](http://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$mattoso-camara))

Émile Benveniste (1902-1976)



Natural da Síria em 1902 e posteriormente naturalizado francês, Benveniste inicia sua formação linguística assistindo ao curso de Antoine Meillet, discípulo de Saussure. Foi professor na École Pratique des Hautes Études e, em 1937, no Collège de France, foi um grande estudioso em indo-europeu e conhecedor de várias línguas antigas e modernas, mas consegue divulgar seu trabalho entre os linguistas apenas após a publicação do primeiro volume de *Problemas de Linguística Geral* (1966), com uma abordagem enunciativa que gerou interesse de filósofos e psicanalistas como Jacques Lacan. Foi um dos fundadores, junto a Claude Lévi-Strauss e Pierre Gourou, da revista *L'Homme*, da área de antropologia. Em 1970, ganha ainda mais espaço no meio científico com a publicação de um artigo que abordava a enunciação na revista linguística *Langages*, ganhando reconhecimento mais amplo. Sua última publicação antes de falecer foi *Problemas de Linguística Geral II*, em 1974, obra que, assim como a primeira, trazia um estilo mais acessível ao público leigo, constituindo-se de artigos escritos durante boa parte de sua vida enquanto pesquisador. Entre capítulos que poderíamos destacar da obra citada está o capítulo 20, *A Natureza dos Pronomes*, em que enfatiza, assim como Bakhtin, o enunciado ou instância do discurso como únicos (a língua é atualizada em palavra cada vez que há pronúncia de um locutor, há apropriação da linguagem na instância do discurso proferido por um “eu”). Desse modo, para Benveniste, as instâncias do discurso poderiam ser identificadas pelos pronomes pessoais, pronomes demonstrativos e os tempos verbais. Com uma visão singular e original para a época, Benveniste deu novas proporções às noções de subjetividade/intersubjetividade, referência, significação e relação universal/particular com uma linguística diferente da que tínhamos até então (FLORES, 2009).

Theodoro Henrique Maurer Jr. (1906-1979)



Natural de uma colônia suíça na região rural do município de Campinas-SP, o professor Maurer iniciou os estudos primários em Sumaré- SP e os secundários como autodidata em Campinas, antes de habilitar-se nos Cursos Pré-Teológico e Teológico. Foi professor de Inglês e Latim na Escola Normal Livre de Franca entre 1930 e 1934, quando foi classificado em 1º lugar para a cadeira de Latim do Ginásio do Estado em Campinas, embora não tenha chegado a ser nomeado. Em São Paulo foi professor de Latim e Português do Ginásio do Instituto Mackenzie (1935-1937) ao mesmo tempo em que lecionava Português, Francês, Latim e Grego no Instituto José Manuel da Conceição em Jandira, no Curso Pré-teológico. De 1935 a 1938 lecionou Exegese do Velho e do Novo Testamento e Arqueologia Bíblica na Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente, em São Paulo. Licenciou-se em Letras Clássicas e Português na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, doutorando-se em Latim em 1944. Coursou na Universidade de Yale Linguística Indo-Europeia, Sânscrito e Hitita com Leonard Bloomfield, Franklin Edgerton e Edgar Sturtevant. De volta ao Brasil, como Professor Catedrático de Filologia Românica, encarregado pelo curso de Linguística Indo-Europeia, iniciou, em cursos de especialização, os estudos de Linguística Geral na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ainda antes de a Linguística ser incluída no currículo mínimo pelo governo federal. Após inclusão, foi responsável pelo Curso de Linguística em graduação e pós-graduação até sua aposentadoria, em 1967, fato que não impediu suas pesquisas e colaboração em atividades de cunho científico. Theodoro Henrique Maurer Jr. é um dos grandes nomes dos estudos linguísticos no Brasil⁶⁵ (ALFA, 1972/73).

⁶⁵ Fonte: Dados da apresentação da Revista Alfa, v. 18/19, de 1972-1973.

Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965)



Linguista renomado, Hjelmslev nasceu em Copenhague, Dinamarca. Estudou Linguística em Copenhague, Paris e Praga, fundando, aos trinta e dois anos, o Círculo Linguístico de Copenhague, de forte influência estruturalista, doutorou-se em Filologia Aplicada um ano depois. É conhecido substancialmente como precursor das tendências modernas da Linguística, além de ter proposto o termo Glossemático para indicar estudo e classificação dos glossemas, menores unidades linguísticas que servem base a uma significação. Junto ao linguista Hans Jorgen Uldall, elabora a Teoria Glossemática, que o próprio considerava a “verdadeira linguística”, a linguística que poderia abordar a língua como um todo autossuficiente. Foi professor de Linguística na Universidade de Copenhague e fundou, em 1939, o jornal Acta Linguística. Para Hjelmslev, a linguagem é inseparável do homem e a função da escrita visa apenas o registro de falas, para o dinamarquês, a única expressividade admitida era a Linguística. Hjelmslev foi um marcante linguista e seu trabalho foi essencial para a construção da semiótica moderna (Trunkle, 2011)⁶⁶

Luis Jorge Prieto (1926-1996)



Luís Jorge Prieto foi um linguista argentino nascido em Buenos Aires em 28 de novembro de 1926, vindo a falecer em Genebra, em 1996. Estudou Literatura na Universidade de Córdoba, onde obteve também seu doutorado. É conhecido por suas contribuições à área da Linguística, em especial à vertente funcionalista do Estruturalismo. Suas obras são influenciadas por Saussure e a Escola de Praga, princípios que utilizou para desenvolver uma semântica e uma teoria geral do conhecimento e da ideologia. Em 1954 conheceu André

⁶⁶ Fonte: Louis Hjelmslev | Linguística (wordpress.com).

Martinet, linguista francês que influenciaria significativamente suas futuras publicações. Viveu entre 1956 e 1969 em Paris, onde escreveu *Princípios de Noologia*, seu primeiro livro. Ocupou cargos de ensino na Argélia e na Universidade de Paris VIII antes de ir definitivamente para Genebra, Suíça, em 1969, onde ocupou a cátedra de Linguística Geral inaugurada por Saussure. (SOFIA, 2011)

Carlos Alberto Vogt (1943-)



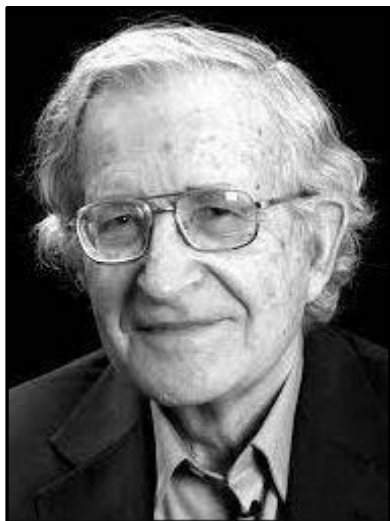
Pós-graduado em Teoria da Literatura E Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, mestre em Linguística Geral e Estilística do Francês pela Universidade de Besançon e doutor em ciências pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em 2005 recebeu a comenda da Ordem do Mérito Científico da Presidência da República do Brasil e o título de Doutor Honoris Causa da École Normale Supérieure de Lyon, na França. Ocupa a cadeira 23 da Academia Campinense de Letras, é professor emérito da Unicamp e pesquisador emérito do CNPq, além de coordenador do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor). Foi também presidente do Conselho Científico e Cultural do Instituto de Estudos Avançados (IdEA), da Unicamp, onde também exerceu o cargo de reitor de 1990 a 1994, e publicou vários livros, artigos e ensaios em jornais e revistas nacionais e internacionais. Trabalhou como editor-chefe da revista de divulgação científica *Ciência e Cultura*⁶⁷, revista da SBPC, e também da revista *Inovação*, além de diretor de redação da revista *Pré-Univesp*, atualmente é diretor da revista *ComCiência*⁶⁸. Foi coordenador cultural da Fundação Conrado Wessel e presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), ademais, secretário de Ensino Superior do Estado de São Paulo e presidente da Fundação Universidade Virtual do Estado de São Paulo, a qual ajudou a instaurar, sendo um de seus fundadores (Fonte: Plataforma Lattes, última atualização do autor em 31 de maio de 2022)⁶⁹.

⁶⁷ Link: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php>

⁶⁸ Link: <http://www.comciencia.br>

⁶⁹ <http://lattes.cnpq.br/2465083864716444>

Avram Noam Chomsky (1928-)



Americano nascido na Filadélfia, Pensilvânia, estudou no Oak Lane Country Day School e no Central High School. Realizou boa parte de suas pesquisas enquanto pesquisador assistente na Universidade de Harvard, entre 1951 e 1955, tornou-se Ph.D. na Universidade da Pensilvânia e foi professor no Massachusetts Institute of Technology. É conhecido como um dos principais fundadores da Transformational-generative grammar (gramática transformadora-generativa), sistema de análise linguística que contrapunha-se à Linguística tradicional tendo relação com filosofia, lógica e psicolinguística. Inovou na Linguística com a obra *Syntactic Structures* (1957), um resumo de sua tese. Chomsky defende que os meios para adquirir uma língua são inatos em todos os seres humanos e provocados assim que a criança começa a entender princípios básicos da língua (FRAZÃO, 2019b)⁷⁰, ou seja, para o linguista, o ser humano já nasce com essa capacidade porque há um órgão natural para isso. A teoria e as questões trazidas por Chomsky elevaram a Linguística para um lugar de maior destaque no meio científico, por isso, o pesquisador é tido como uma das maiores referências internacionais à Linguística moderna.

Leonor Scliar Cabral (1929-) e Izidoro Blikstein (1938-) também foram mencionados por mais de um entrevistado, no entanto, já trouxemos suas biografias durante a apresentação dos linguistas que trouxeram suas histórias à Revista *Fragmentum* e que fazem parte de nosso arquivo de entrevistas. Seus nomes tornam-se ainda mais expressivos quando aparecem entre os próprios entrevistados, o que comprova a notável participação de Scliar e Blikstein na ascendência da Linguística e seus processos de institucionalização e disciplinarização no Brasil do séc. XX.

A recorrência de menções por pesquisadores entrevistados indica também a inscrição firme desses nomes em uma memória discursiva bastante consistente e que vem se perpetuando ao longo das décadas. Considerando o percurso da Linguística no Brasil, encontramos o linguista Mattoso Câmara Jr. como o mais citado entre os

⁷⁰ Fonte: Biografia de Noam Chomsky - eBiografia (www.ebiografia.com/noam_chomsky/)

entrevistados de nosso arquivo (são quatro citações do sempre destacado professor), entretanto, grandes pesquisadores internacionais não ficaram de fora das entrevistas, retratando uma (das) história(s) de consolidação, ao menos em território nacional, da Linguística Contemporânea, como é o caso, claro, de Ferdinand de Saussure (quatro menções), Émile Benveniste (três menções) e Roman Jakobson (três menções), por exemplo, que sustentam a base desses estudos no Brasil também como predecessores.

Mais uma vez, é importante destacar que compreendemos que estamos apresentando citações de nomes da linguística mencionados por pesquisadores/linguistas entrevistados por uma única revista científica. Porém, entendemos que os entrevistados por esta revista podem representar expressivamente os linguistas brasileiros dada a relevância de suas pesquisas no cenário nacional. E, com isso nos auxiliam a lançarmos um olhar sobre o passado que infere em nosso presente por meio da memória

4.3 Discursividade: analisando o corpus

Para melhor apresentação, trouxemos abaixo alguns quadros com recortes pré-selecionados das entrevistas divididos por pesquisador e tema, nossa análise virá a partir de determinadas sequências discursivas (SDs) assentadas sobre tais recortes. Pensaremos essas SDs individualmente, mas, também, entrelaçando dizeres de sujeitos diferentes sobre determinado tema ou momento histórico, procurando marcar, por exemplo, onde os recortes conversam, onde suas referências são mostradas, quem são os precursores dos estudos linguísticos na perspectiva dos entrevistados, se é possível identificar o início desses estudos da linguagem e como veem a Linguística hoje em relação ao passado, bem como suas perspectivas gerais.

Quadro 10: recortes de entrevistas com a temática predecessores

ENTREVISTADOS	RECORTE
Aryon Rodrigues (Q10R1) ⁷¹	<i>“Tinha muita Literatura Italiana, sim, e linguística. Digamos que, até os anos 30, a Linguística Italiana tinha muito mais peso do que tem hoje. Naquele tempo, um dos grandes linguistas, na Europa, era um</i>

⁷¹ Q10R1 refere “Quadro 10/Recorte 1”. Da mesma forma segue a sequência.

ENTREVISTADOS	RECORTE
	<p><i>italiano, o Alfredo Trombetti⁷². E ele (Mansur Guérios) tinha essa literatura toda, tinha importado da Europa e foi ficando um grande conhecedor de Linguística, sobretudo, da Linguística Histórica, da Linguística Comparativa Europeia. Ele (Guérios), por iniciativa própria, também aprendeu Alemão para ler e lia muito em alemão, bons autores da Língua Alemã, linguistas alemães, indo-europeístas alemães [...]. Tudo isso ele conhecia bem: citava nas aulas, organizava esse material e pesquisava também para seu livro. [...] quase ninguém sabe quem foi Mansur Guérios. Mas o livro dele, e sobre a história da Língua Portuguesa, é o único que conheço... Saiu nos anos 1937, eu creio, em São Paulo e depois nunca se reeditou. [...] ele sempre estava lendo, lendo o que se produzia lá fora. Era também muito didático, muito claro. Para mim, foi muito importante, um instrumento muito importante.”</i></p> <p>-----</p> <p><i>“A primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) na cidade de São Paulo é de 1934 na USP. Lá na USP, a própria universidade se constituiu daí, a FFCL surgiu para completar a constituição da universidade. Uma universidade não sai só com cursos de Engenharia, de Direito... precisa de outros cursos superiores. Então, o Mansur Guérios fez o curso de Direito, mas nunca exerceu a profissão, a educação dele era linguística, mais linguística do que filológica, o que fazia com que ele desse cunho linguístico aos seus trabalhos, comentava com o pessoal muito bem sobre os livros.”</i></p> <p>-----</p> <p><i>“A USP trouxe especialistas da Alemanha, da França e de Portugal também. Aí há uma diferença nossa, porque a USP, para as Letras, foi buscar em Portugal um filólogo que veio construir as Letras aqui. Enquanto, no Rio de Janeiro, buscaram o (Georges) Millardet, na França, não em Portugal. [...] Assim, a UDF começou logo com Linguística, com o professor francês, enquanto a USP não, a USP começou com Filologia Portuguesa. Lá, no Rio de Janeiro, quem assistiu a aula desse primeiro professor foi um outro brasileiro que tinha se formado em Arquitetura - Letras não havia anteriormente -, era Mattoso Câmara Jr. [...] o Mattoso Câmara, por interesse linguístico, foi assistir às aulas da UDF e participava das discussões que o professor promovia, naturalmente. Quando terminou o contrato com o professor Francês, quem coordenava o curso era o professor, o filólogo Sousa da Silveira, e ele perguntou ao colega francês a quem ele deveria dirigir-se na França para trazer uma substituição. Ele respondeu: ‘Há vários, mas vocês têm aqui uma pessoa que poderia assumir, ‘Messié Matosô’”. Ele, então, resolveu experimentar o Mattoso, e Mattoso Câmara Jr. tornou-se o primeiro professor - brasileiro - de Linguística no Brasil.”</i></p>
Eduardo Guimarães (Q10R2)	<p><i>“Acho que o Ducrot tem um papel importante no começo, por conta, exatamente, da polifonia dele, que foi muito importante para eu pensar aquilo que eu chamei de cena enunciativa.”</i></p>

⁷² Alfredo Trombetti (1866-1929) foi um linguista italiano autor da obra *L'Unità d'origine del linguaggio* (A Unidade de Origem da Linguagem), publicada em 1905, em que defende que todas as línguas do mundo remetem a uma origem única, ou seja, uma única língua que seria a primeira e de onde se desenvolveram outros sistemas.

ENTREVISTADOS	RECORTE
Eni Orlandi (Q10R3)	<p><i>“Nas Letras eu retomei o percurso iniciado em mim de certa maneira porque eu fui procurando o que era Linguística, que não existia ainda, que era uma curiosidade dessa forma da língua, dessas coisas que já vinham em mim de alguma maneira sendo constituídas desde meu professor de latim ou mesmo antes, na relação que eu tinha com a linguagem desde pequenina”.</i></p> <p>-----</p> <p><i>“Em Araraquara, nesse Instituto Isolado, nós tivemos a chance, o privilégio, de ter professores maravilhosos, esses que eu disse que me deram uma paternidade intelectual que me deu muita segurança mesmo quando eu fui atacada, desencorajada, inclusive por pessoas que tinham uma relação boa comigo [...] Eu encontrava resistências em pessoas que falavam que eu era inteligente e que eu devia fazer uma Linguística já estabelecida, diziam que eu ficava me aventurando com coisas que ainda não estavam estabelecidas.”</i></p> <p>-----</p> <p><i>“Havia um professor que também está na origem da maneira como a Linguística foi estabelecida na UNICAMP que é o professor Fausto Castilho. O Fausto Castilho era professor lá em Araraquara, era um grande sonhador que imaginava cursos mirabolantes, vamos dizer, que saiam um pouco do normal. Ele era filósofo, tinha vindo da França onde tinha estudado filosofia e também estudou na Alemanha com Heidegger, enfim, ele tinha uma formação privilegiada. Quando ele veio para Araraquara como professor, ele procurou instalar nos outros cursos também relações com a filosofia. [...] Era um curso de Letras em outros moldes, vamos dizer, do que se pensa hoje.”</i></p> <p>-----</p> <p><i>[...] O professor Fausto Castilho também me falava de autores que ele achava que eu deveria ler. Então eu li Saussure, Martinet, vários autores, Benveniste eu cheguei a ler mesmo já nessa época. Eram leituras que eu fazia por fora, que não faziam parte do curso. [...] O professor Clemente Segundo Pinho [...] começou a me dar coisas para ler ao mesmo tempo que nos incentivava a reivindicar que houvesse um curso de Linguística na faculdade.”</i></p>
Izidoro Blikstein (Q10R4)	<p><i>“[...] é muito arriscado dizer que a Linguística começou com fulano de tal, porque a própria cadeira, chamada de Filologia Românica, criada na Universidade de São Paulo, ela já foi um princípio da Linguística, se bem que os seus mentores, professor Salum e proficavam a Linguística Sincrônica, mas era Linguística Sincrônica também. E Mattoso Câmara, na Universidade do Brasil, também criou toda uma tradição de Linguística, com estudos fundamentais para a Linguística e, particularmente, a Linguística no Brasil.”</i></p> <p>-----</p> <p><i>Aconteceu que meu orientador chegou um dia e disse assim: Você já leu isso? E jogou para mim um livrinho: Linguística Estrutural, do André Martinet. Você já ouviu falar de estruturalismo? Eu não tinha ouvido falar. Bom, leia esse e leia este livro que se chama Origens da formação de nomes em Indo-Europeu, do Émile Benveniste. Eu li os dois livros; os dois foram básicos para minha formação porque Émile Benveniste para mim foi uma revelação, uma descoberta, as ideias linguísticas dele. E eu, de repente, comecei a namorar com a Linguística.”</i></p>

ENTREVISTADOS	RECORTE
José Luiz Fiorin (Q10R5)	<p><i>“Na época, Curso de Especialização não era uma coisa tão difundida assim e, na faculdade de Araraquara, da UNESP, o professor Francisco da Silva Borba dava um Curso de Especialização de dois anos. Então, fui fazer esse Curso de Especialização. Era minha colega, por exemplo, a professora Maria Helena de Moura Neves [...] Nessa época, também, os cursos de Mestrado eram poucos, isso foi em setenta e quatro (1974), setenta e três (1973), não me lembro direito... Bem, aí eu me candidatei ao Curso de Mestrado com o professor Izidoro Blikstein e eu fiz uma dissertação sobre os sermões de Antônio Conselheiro.”</i></p>
Leonor Scliar (Q10R6)	<p><i>“... eu tive como professor o Agostinho Staub [...] que recém tinha vindo de um Mestrado em Linguística nos Estados Unidos, e foi fundamental aos meus primeiros passos dentro da Linguística. O irmão Arnulfo, que depois de deixar a ordem passou a se chamar Celso Luft, casando-se com a Lya Luft, foi importante como professor de Português. O professor Elpídeo Pais, grande professor de Língua e Literatura Latina e assim, foram todos fundamentais. [...] Então eu fui para esse primeiro Instituto Linguístico que durou dois meses (janeiro e fevereiro de 1966) e para o congresso em dezembro de 1965. Lá eu tive como professores o Aryon D. Rodrigues, Mattoso Câmara, Prietto, enfim, [...] ao voltar do primeiro Instituto Linguístico Latino-Americano, eu resolvi escrever os artigos no Jornal Diário de Notícias. [...] resolvi passar os ensinamentos que colhi daquele Instituto e também das minhas leituras, que já eram muitas, em Linguística. Eu queria acrescentar que o professor que me introduziu ao Chomsky foi o professor Heles Contreras.”</i></p> <p>-----</p> <p><i>“... eu tenho dois autores que foram fundamentais para o meu pensamento: Saussure que eu li ‘n’ vezes e continuo lendo e sempre encontrando grandes ensinamentos, apesar de algumas reformulações críticas. O Karl Bühler foi fundamental para o desenvolvimento das minhas ideias sobre as funções da linguagem e que eu continuo lendo e sempre aprendendo. Mas não poderia deixar de mencionar o Mattoso Câmara Jr., até hoje sem substituto, porque ainda não apareceu no Brasil um linguista com a estatura do Mattoso Câmara Jr.”</i></p> <p>-----</p> <p><i>“No início, eu fui muito influenciada pelo estruturalismo e mencionaria uma obra que foi traduzida para o português, Elementos de Linguística Geral, do Martinet. As propostas do Martinet foram reformuladas por mim em vários pontos, inclusive, por exemplo, a introdução de uma terceira articulação que ele não contempla, só para citar um exemplo. Também foi exponencial a minha formação o Roman Jakobson de quem eu li várias obras e inclusive acabou sendo muito importante para minha especialização em Psicolinguística [...] Mas também porque Roman Jakobson trabalhou muito com as funções da linguagem e foi também exponencial para as ideias sobre os traços como universais substantivos. Da linguística norte-americana eu li, estudei e foram muito influentes no início o Bloomfield, mas muito mais do que o Bloomfield, o Sapir. Há, deste período, um outro linguista norte-americano que me influenciou muito: Morris Swadesh. Posteriormente à revolução chomskyana, em que há um deslocamento epistemológico, eu passei a ser influenciadíssima pelo Chomsky [...] Eu li, estudei e inclusive resumi</i></p>

ENTREVISTADOS	RECORTE
	<p><i>na minha tese toda a obra dele de 1957 até 1970 [...] E dessa época um outro linguista norte-americano que muito me influenciou foi Fillmore, que também foi referencial teórico para a minha tese.”</i></p> <hr/> <p><i>“Há outros autores que eu passo a consultar, particularmente da corrente inglesa, o Halliday. Fiz uma resenha da obra de Halliday [...] Van Dijk, o que dá origem a toda uma linha de pesquisa sobre a narratividade oral, patrocinada pelo INEP, em crianças dos 4 aos 6 anos e 11 meses de idade. São corpora riquíssimas. De 1972 em diante, me volto muito para a Psicolinguística e há um autor que é exponencial, é o meu papa, o Roger Brown. Mas há outros autores como por exemplo o Vygotsky, de quem eu dei um Seminário na pós-graduação na UFSC, na década de 80, quando poucos ainda falavam em Vygotsky no Brasil.”</i></p>

Em (Q10R1), Aryon Rodrigues refere-se a Rosário Farâni Mansur Guérios (1907-1987), linguista curitibano que foi membro da Academia Paranaense de Letras e da Academia Brasileira de Filologia, enfatizando seu nome como uma de suas referências, embora não seja, de acordo com o próprio Rodrigues, muito conhecido. Aryon Rodrigues o define como um professor sempre atualizado e muito didático, conhecedor da Linguística Italiana, da Linguística Histórica, da Linguística Comparativa Europeia, com uma boa bagagem de leitura de linguistas alemães. O entrevistado confirma que esses autores eram citados, ou seja, Mansur Guérios trazia para suas aulas, seu trabalho, suas publicações, o conhecimento adquirido de textos precedentes e procedentes de uma cultura linguística europeia.

Com uma vasta produção científica, na extensa bibliografia de Guérios se destaca a natureza filológica. Castagnola (1979) o define como um “eminente educador”.

Para se aquilatar as qualidades pedagógicas desse formador da mocidade, é preciso abrir e ler as antologias que escreveu para as diversas séries ginasiais. É preciso atentar no tipo dos exercícios de gramática, de leitura, de estilo que o mestre oferece aos alunos. [...] Lindos, simples, saborosos, formativos são os trechos escolhidos para a leitura e as análises gramaticais. [...] E o que surpreende é que o Prof. Guérios sabe formar a mocidade linguística e civicamente com a maior naturalidade deste mundo. (CASTAGNOLA, 1979, p. 34)

Castagnola destaca a erudição filológica do Prof. Mansur Guérios, com uma produção a que chama popular, pois conseguia expor de maneira simples os mais rigorosos métodos científicos, “sua filologia não é só pão para os dentes afiados dos especialistas, mas alimento também da curiosidade coletiva, desejosa de conhecer a

origem e o curso das palavras e dos nomes” (Ibid., p. 35), uma didática que certamente favoreceu a quem foi seu aluno ou apenas leitor de suas produções, um convite sedutor à posteridade desses estudos.

A década de 1930 foi formidável para o caminho da posterior disciplinarização da Linguística e o discurso dos pesquisadores entrevistados vai ao encontro dessa história. Nesse período, uma política favorável aos estudos sobre a linguagem começa a tomar consistência, é criado o Ministério da Educação e Saúde Pública (1930), o Conselho Nacional de Educação (1931), começam a surgir os primeiros cursos de Letras do país como em São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais, surgem os primeiros professores de Linguística. Segundo Aryon Rodrigues, é nesse período que a USP busca especialistas na Alemanha, França e Portugal, quando é criada a primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), em 1934. O pesquisador, entretanto, em Q10R1, enfatiza uma escolha, no mínimo, curiosa, e que traz direcionamentos próprios dentro de instituições distintas em pelo menos dois polos político-educacionais do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro. Para construir o curso de Letras, a USP traz de Portugal um professor de Filologia Portuguesa, enquanto, no Rio de Janeiro, a UDF traz um professor de Linguística, da França, o professor Georges Millardet (1876-1953) que (e isso tem um significado expressivo para a Linguística no Brasil) dá aulas a Mattoso Câmara, que assistia e participava das discussões propostas. Quando acaba o contrato do professor Millardet, Mattoso é quem assume seu lugar por indicação do mesmo, tornando-se o primeiro professor brasileiro de Linguística na UDF.

Em Q10R3, temos o depoimento de Orlandi a respeito de suas referências quando, então, é introduzida aos estudos linguísticos. A pesquisadora dá destaque especialmente a Fausto Castilho (1929-2015) e Clemente Segundo Pinho, discípulo de Silveira Bueno.

O primeiro veio também da França onde estudou filosofia, além de ter estudado na Alemanha com Martin Heidegger e foi professor em Araraquara estando, conforme Orlandi, “na origem da maneira como a Linguística foi estabelecida na UNICAMP”. Com ótima formação estrangeira, Castilho lutou pela consagração da pesquisa na universidade brasileira em uma época de resistência ao espírito acadêmico. Orientou a construção do campus da UNICAMP, organizou a área de Humanidades e Ciências Humanas, especialmente Filosofia, Ciências Sociais, História, Letras, Linguística e

Economia, e propôs a criação do curso de Filosofia na mesma instituição, dedicando-se, após isso, à traduções de Hegel, Croce, Habermas, Eugen Fink, Hobbes, Locke, Espinosa, Marx, Descartes, Kant e Heidegger (SOARES, TORINO SENEDA, 2013). O professor foi o introdutor de Saussure, Martinet e Benveniste às leituras de Orlandi, tendo papel fundamental em sua formação inicial dentro do campo da Linguística.

O segundo nome lembrado por Orlandi em Q10R3 é do professor Clemente Segundo Pinho, grande incentivador da pesquisadora na reivindicação da criação de um curso de Linguística na faculdade. Como mencionamos no cap. 4.2 (Os Sujeitos Citados Pelos Entrevistados), a pesquisadora teve grandes referências, mas foi com Pinho que Orlandi apresentou seus primeiros trabalhos em Linguística, embora ainda dentro da disciplina de Filologia Portuguesa. Ainda assim, Pinho trouxe a Orlandi a consciência de que ela estava trabalhando com Linguística, e não com Filologia, mesmo antes de haver a disciplina de Linguística. É curioso observar que nas ferramentas de pesquisa da grande rede virtual, o nome do professor Pinho quase não aparece junto à biografia ou mesmo trabalhos desenvolvidos (embora muitos links surjam com os nomes de escolas ou ruas aludidas ao professor), Pinho aparece, pouco, em algumas outras publicações de entrevistas de Orlandi à revistas científicas.

Discursivamente ao fato, podemos pensar a fragilidade de uma memória metálica (conceito definido pela própria Orlandi, 2012) que funciona pelo acúmulo, pela quantidade, sem que haja historicidade (DIAS, [s.d.]), que não sustenta tudo e pode apresentar informações filtradas por algoritmos cada vez mais avançados baseados na reprodução por buscas, pesquisas, por cliques. A grande rede não nos dispõe de tudo. E o que isso tem a ver com os predecessores de nossos linguistas mais bem reputados?! Estão em um passado cada vez mais longínquo, distantes da era da internet, de serem pegos pela memória metálica, já que quase não há atualizações/reproduções virtuais sobre trabalhos de muitos bons pesquisadores do passado que não alcançaram um status de Saussure, Jakobson, Martinet ou Benveniste, por exemplo, no meio digital, mas o que não significa sua ausência na história. Talvez falte apenas um lugar que lhes é (ou seria) mais justo.

Examinando as falas iniciais de Aryon Rodrigues (Q10R1) e Orlandi (Q10R2) a respeito de alguns de seus predecessores, já constatamos diante de seus pareceres a quase inexistência, em trabalhos de cunho científico, de alguns sujeitos primordiais no caminho traçado pela Linguística ao longo da história, estão quase como à

margem, fora de uma historicidade. É o caso do professor Mansur Guérios, referido por Aryon Rodrigues como um pesquisador de trabalho muito relevante, mas que “quase ninguém sabe quem foi”, e do professor Clemente Segundo Pinho, o qual praticamente não é encontrado em pesquisas virtuais. Sabe-se pouco sobre esses sujeitos partícipes da nossa história linguística, quase como se houvesse uma supressão desses nomes da memória, no entanto, e felizmente, não há omissão, pois ainda estão nos relatos dos entrevistados, ainda são encontrados por intermédio de entrevistas em revistas especializadas como a *Fragmentum*, periódico constituinte de uma memória institucional.

Eduardo Guimarães, por outro lado, apresenta uma história pessoal de origem de interesse pela Linguística um tanto diferente do declarado nos relatos dos demais entrevistados. Com Guimarães, tudo começou pela Literatura, seu interesse na leitura e escrita. O gosto pela Literatura, especialmente a brasileira, é o que faz com que ingresse no curso de Letras, então há o interesse sobre “como escrever”: “essas questões: ‘como é que você faz uma frase?’, ‘como é que fazer bem uma frase é importante para você fazer bem um texto?’ acabaram me levando para esse lugar da Linguística” (GUIMARÃES, 2014, p. 13). O pesquisador pensa a relação entre palavra e texto. Sua entrevista não traz muito sobre seus professores ou mentores, embora cite algumas referências. Ducrot⁷³, por exemplo, é referido por sua noção de acontecimento, definindo a enunciação sem usar a noção de sujeito. Guimarães faz referência a Ducrot como autor importante para que pudesse pensar o que ele chama de cena enunciativa, fazendo analogias ao trabalho de Benveniste.

Percebe-se, então, que vão se constituindo histórias que se entrelaçam em alguns momentos e se afastam em outros, de modo que discursos se encontram e se distanciam de acordo com a vivência dos pesquisadores e suas compreensões a respeito do que foi/é marcante em suas vidas pessoais e acadêmico-intelectuais, ou seja, indivíduos que passam a sujeitos pela língua, pela história e também pela sociedade através de suas experiências pessoais, sujeitos sempre interpelados, bom lembrar, pela ideologia. É a língua, a história e a sociedade influenciando a formação dinâmica desses sujeitos. Devemos considerar, também, que as compreensões desses pesquisadores a respeito do que é interessante (re)lembrar/rememorar pode

⁷³ Oswald Ducrot (1930-) é um linguista francês que desenvolveu vários trabalhos sobre enunciação, além da Teoria da Argumentação da Língua.

ser uma variável a ser ponderada na medida em que afeta diretamente a construção de seus discursos.

Diferentemente de Guimarães, Izidoro Blikstein traça uma trajetória minuciosa de toda sua jornada desde a infância, mas tentaremos trazer aqui essencialmente os fatos que indicam mais especificamente sua relação com a Linguística e os predecessores que contribuíram para esse contato e desenvolvimento acadêmico-profissional inicial. Em nosso quarto recorte presente no quadro 4 (Q10R4), Blikstein reafirma o que se observa em várias das entrevistas da Revista Fragmentum (inclusive as não utilizadas como parte de nosso arquivo) e que estamos tentando ratificar através desta pesquisa: “é muito arriscado dizer que a Linguística começou com fulano de tal” (BLIKSTEIN, 2010, p. 22), contudo dá destaque ao professor Salum e ao professor Maurer, mentores de uma disciplina chamada Filologia Românica, da Universidade de São Paulo, onde, segundo Blikstein, já se trabalhava com questões de Linguística Sincrônica, mesmo que isso ainda fosse negado.

Blikstein também teve formação na França - a qual enfatiza como fundamental para seu interesse em linguagem e comunicação -, onde fez mestrado em Filologia Grega e estudou o Sânscrito para cursar gramática comparada. Nesse período, seu orientador (não é citado o nome na entrevista) apresentou-lhe dois livros que julga básicos para sua formação, que são Linguística Estrutural, de André Martinet, e Origens da Formação de Nomes em Indo-Europeu, de Émile Benveniste, foi quando começou o interesse pela Linguística e consequente afastamento da Filologia, interessando-se mais por Semiótica, Semiologia. Voltando da França, trabalhou com o professor Salum⁷⁴ e o professor Theodoro Maurer na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em São Paulo.

Quadro 11: recortes de entrevistas com a temática início da Linguística no Brasil

⁷⁴ Isaac Nicolau Salum (1913-1993) foi professor de línguas, bacharelado em Teologia pelas faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, em São Paulo, e licenciado em Letras Clássicas e Português pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, professor de Filologia Românica do Departamento de Letras da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, em São Paulo, e vice-diretor da Faculdade de Educação, também em São Paulo. Maurer foi membro de várias associações científicas centradas em Linguística e Filologia, tendo contribuído, inclusive, escrevendo vários artigos, resenhas, prefácios e traduções. Fonte: Instituto de Estudos Brasileiros (www.ieb.usp.br/isaac-nicolau-salum/).

ENTREVISTADOS	RECORTE
Aryon Rodrigues (Q11R1)	<p><i>“[...] não havia curso, não havia nada assim no Brasil, o jeito era ser um autodidata. Os que conseguiram ser assim, como eu, aprenderam alguma coisa; outros, não tinha jeito! Não existia curso de Letras no Brasil. Os primeiros cursos de Letras foram justamente na USP. Houve um antes, mas era muito limitado. Em São Paulo mesmo, começou por volta de 1932, o dos Beneditinos de São Bento; depois começou a Faculdade de Filosofia de São Bento, mas era voltada para a formação dos sacerdotes [...] não era voltada para a formação de professores. No início, para a formação de intelectuais, leigos e tal... Então a USP é que começa, em 1934, criando a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, quando os intelectuais reconheceram que havia várias áreas do conhecimento e que nelas não se formava ninguém no Brasil. [...] Então o grande passo na criação da USP foi o reconhecimento dos intelectuais [...] para construir uma universidade [...] mas é que faltava toda a parte de pesquisa; isso foi com a Filosofia, Ciências e Letras, porque tudo era necessário, e aí começaram os departamentos de Letras. [...] Paralelamente, outra iniciativa semelhante, de igual mérito, houve no Rio de Janeiro, por parte do Anísio Teixeira, [...] Secretário da Educação do Distrito Federal, que era no Rio de Janeiro, nos anos 1930. [...] com o apoio do prefeito progressista, ele fez o projeto Universidade do Distrito Federal, a UDF. A Universidade do Distrito Federal também contava com as mesmas preocupações, pois o reconhecimento que se fez em São Paulo lá foi feito também: em algumas áreas, no Brasil, havia carência completa de especialistas. Quem iria ensinar? Quem iria importar? Trazer do exterior?”</i></p>
Eduardo Guimarães (Q11R2)	<p><i>“A gente tem mesmo esse impacto muito forte e tem aí uma questão muito complicada no Brasil que é esse traço de colonizado: a gente não pensa, a gente repete. E aí tem vários embates no domínio da ciência no Brasil que são enviesados exatamente por isso, pela incapacidade de admitir que há coisas que são novas e que são de fronteira, produzidas aqui.”</i></p> <p>-----</p> <p><i>“Sobre a gestão das políticas científicas, há essa coisa do cenário internacional [...] Claro que o problema internacional sempre aparece, porque você tem sempre um modelo internacional, você tem sempre o problema da tradução, de publicar em inglês, então essa é uma discussão que está sempre presente. Para mim, a questão fundamental da gestão pública, da ciência, das instituições científicas e de formação, algumas coisas são importantes: primeiro, é uma certa concepção de que o Brasil não tem infraestrutura suficiente para nada e nem para a produção científica. Claro que isso nas décadas de 1970 e 1980 era pior, hoje é muito melhor. [...] Nas grandes universidades, a infraestrutura melhorou enormemente. A Unicamp tem uma estrutura invejável para padrões internacionais, a USP, a UFRJ, a UFMG. [...] Para mim é um pouco assim: se você não construir lugares fortes na instituição, você não consegue as condições suficientes para o seu grupo produzir ciência.”</i></p>
Eni Orlandi (Q11R3)	<p><i>“Na época não existia Linguística, pois não existia essa disciplina no currículo de Letras. Nós tínhamos filologia e na Filologia portuguesa o professor Clemente Segundo Pinho começou a fazer nós lermos algumas coisas. Ele percebeu em mim [...] algo que estava relacionado com a Linguística. Eu fui uma das primeiras a apresentar</i></p>

	<i>trabalhos, que eram dentro da Filologia Portuguesa, mas em Linguística. Estou chamando a atenção para isso porque vocês vão perceber que a Linguística vai se formar na relação com a Filologia Românica, e não Portuguesa”.</i>
Izidoro Blikstein (Q11R4)	<i>“Vamos dizer assim, que em termos históricos, a Linguística realmente começa nesses grandes centros e depois vai se ramificando para outros Estados, outras universidades, então acho que as universidades federais têm um papel fundamental aí, na medida em que elas estão no Brasil todo e que investem no ensino da Linguística, mas o começo foi nos anos 60, então, a visita de Jakobson foi um estrondoso sucesso. [...] E quantas teses e trabalhos não se produziram sob o impacto da visita de Jakobson? [...] Então, eu diria que a Linguística teve vários começos, com alguns tropeções, alguns problemas, mas ela acabou frutificando e ela está aí.”</i>
José Luiz Fiorin (Q11R5)	<i>“...até a década de 30, não tivemos verdadeiras universidades no Brasil. [...] O certo é que nós tivemos só, em meados do séc. XX, as universidades. Até então, a formação superior no Brasil era feita de cursos profissionalizantes, segundo o sistema das grandes escolas francesas. [...] na década de 30, se criou de fato a universidade, aí se cria o primeiro Curso de Letras no Brasil. [...] dos que existem até hoje, os três primeiros são o da USP, o da UFRJ e o da UFMG. [...] vamos pegar o exemplo do que foi o curso da USP [...]. Quando a USP foi criada, seus fundadores pensaram o seguinte: era preciso modernizar o país e, portanto, para isso, iriam trazer professores da Europa. Para operar essa modernização do país, seria preciso primeiro criar uma escola onde houvesse um estudo do saber desinteressado. Então trouxeram todos os professores da Europa para criar Faculdade de Filosofia (na época, era Filosofia, Ciências e Letras). [...] ocorre que essa época era época da ascensão do Nazismo e do Fascismo na Europa. Então, os fundadores da USP tinham uma preocupação: não trazer professores que viessem pregar o Nazismo e o Fascismo aqui. Então resolveram o seguinte: só podiam vir da Alemanha e da Itália professores de Ciências Exatas e Biológicas. Os outros professores teriam que vir de onde? Da França. Bom, e aí os nossos cursos foram criados mais ou menos à semelhança do que eram os cursos na França.”</i> <i>-----</i> <i>“A Linguística se implanta no Brasil na década de 60, quando houve uma grande reformulação nos Cursos de Letras [...]. Durante toda a década de 60, os estudos de Linguística foram muito incipientes, aí eu já era aluno e me lembro que se discutia muito o que é que se devia ensinar na Linguística.”</i>
Leonor Scliar (Q11R6)	<i>“Eu sentia que, apesar dos esforços do Mattoso Câmara Jr. em introduzir o ensino da Linguística como obrigatório nos Cursos de Letras, não havia uma disseminação para o grande público das informações básicas sobre a Linguística e, portanto, era preciso que alguém fizesse isso. Então eu consegui o espaço Diário de notícias, que era um dos jornais de grande circulação no RS ao lado do Correio do Povo e da Folha da Tarde. Foi uma iniciativa pessoal.”</i>

Em (Q11R4), Blikstein destaca o início da Linguística pelos grandes centros do país, começando pelas principais universidades e, a partir daí, seguindo para outros

estados e universidades que passaram, desse modo, a empregar o ensino da área. Com o passar dos anos, a graduação em Letras foi assumindo cada vez mais a Linguística como constitutiva do curso e, assim, formando professores com novos pensamentos e concepções sobre o ensino de Língua Portuguesa. O panorama estabelecido é de que as universidades formam professores com conhecimento linguístico nos grandes e médios centros e estes, por sua vez, quando não seguem o trabalho com o ensino superior e pesquisa, também devem estar aptos para aplicação desse conhecimento nas escolas de ensino básico, incluindo aí escolas de cidades muito pequenas onde são, muitas vezes, a única ponte dos alunos com as teorias Linguísticas. O preconceito linguístico pela variação da língua é só um dos efeitos causados pela falta de conhecimento especialmente em microrregiões onde muitas vezes não há, sequer, bibliotecas próximas, tampouco livros que tratam de conteúdos que aprofundem mais os estudos da língua além da gramática normativa. Temos, de maneira um tanto geral, um problema de carência de cultura linguística no Brasil.

Conforme Fiorin relata em Q11R5, destacamos a SD1 por exemplo: “nossos cursos foram criados mais ou menos à semelhança do que eram os cursos na França”. De acordo com a entrevista de Fiorin e a afirmação da SD1, na França os Cursos de Letras eram focados na Literatura e o estudo sobre a língua era secundário, apenas para compreensão dos textos literários, desse modo, nos cursos de línguas estrangeiras ou clássicas os alunos aprendiam instrumentalmente a língua para, a partir daí, estudar o texto literário. Por exemplo, aprendiam a língua medieval para poder estudar os textos medievais, esse era o propósito de ensino da língua. A afirmação de Fiorin mostra uma forte influência do modelo francês de ensino nos cursos de Letras no Brasil, tendo como foco principal a Literatura, essa estrutura moldou a abordagem de nossos cursos de Letras estabelecendo, desde o início, uma relação entre língua e Literatura nos programas acadêmicos.

Quadro 12: recortes de entrevistas com a temática Linguística hoje no Brasil

ENTREVISTADOS	RECORTE
Eduardo Guimarães (Q12R2)	<i>“[...] o atual PNPGE, que é o Programa Nacional de Pós-Graduação desta década, não tem nenhuma linha a respeito do que se espera da área de Letras e Linguística. Toda vez que a área de Letras e Linguística aparece é dentro de um quadro de estatística, mas na parte das propostas e dos objetivos, não há nada. Só tem um momento em que se fala de política e Letras e Linguística aparecem:</i>

	<p><i>é para dizer que Letras e Linguística tem um volume de doutores maior que as engenharias e que, portanto, é preciso estimular os doutorandos em engenharia. O subentendido é: vamos parar os doutorados em Linguística. Como é que as coordenações de área e as nossas associações não puderam acompanhar o que estava acontecendo? É uma luta mesmo.”</i></p> <p>-----</p> <p><i>“Um dos meus grandes empenhos foi ajudar a criar condições dessas relações, dos convênios, algumas mais formais, outras menos, exatamente por conta dessa coisa de formar a área e de que todas as áreas do Brasil sejam capazes de produzir conhecimento, inclusive sobre si mesmas. Essa é uma ideia importante que o Brasil precisa. A pergunta é: a Linguística tem o número suficiente de doutorados no Brasil? Não tem. Está mal distribuído, falta em certos lugares e é preciso criar nesses lugares com as pessoas que querem ficar ali. Essa relação inter-regiões é importante para a formação de uma rede de relações a partir das universidades, mas também para atender o objetivo do que o Brasil precisa nos diversos domínios do conhecimento.[...] e isso passa por uma política nacional. Isso é uma coisa curiosa, você precisa de uma certa quantidade para ter qualidade. Nós estamos na era da quantidade, e isso diz respeito a que você deve ter um certo adensamento de condições, de pessoas, de trabalhos, para você produzir qualidade a partir desse adensamento, de uma certa quantidade, o que vai se fortalecendo. quando você faz essas redes, o que está fazendo também é o adensamento quantitativo que terá uma repercussão qualitativa.”</i></p>
Eni Orlandi (Q12R3)	<p><i>“Eu acho que você tem que ter condições materiais de trabalho. Não existe pessoa que não consiga fazer coisas bem feitas. Tem que se dar condições para o trabalho. É por isso que eu invisto tanto junto com a Amanda e com outras pessoas em projetos para que a Universidade tenha um lugarzinho como esse onde as pessoas possam trabalhar, porque isso vai criando condições, vai criando relações de trabalho entre pessoas e isso é muito importante.”⁷⁵</i></p>
José Luiz Fiorin (Q12R5)	<p><i>“O que me incomoda na universidade é que muitas vezes as pessoas têm uma concepção religiosa de ciência. O que eu chamo concepção religiosa da ciência é as pessoas acharem que a teoria com que trabalham é A VERDADE. [...] Não, a ciência não é isso! Ciência cria modelos de aproximação da realidade e esses modelos vão sendo aperfeiçoados, porque não existe um modelo que dê conta da totalidade da realidade. Assim acontece com a linguagem. A realidade da linguagem é por demais complexa para que um modelo dê conta de todas as suas facetas.”</i></p> <p>-----</p> <p><i>“... a rigor, todos os aspectos da Linguística são sempre desafiadores e sempre você vai ter coisa nova em todos os domínios. Se você tem uma visão científica da ciência, você sabe que nunca vai chegar o dia em que o conhecimento se completa, em que a ciência acaba sua construção.”</i></p>

De maneira geral, observamos no quadro 12, diferentes aspectos citados por Guimarães, Orlandi e Fiorin, mas que, em suma, representam uma preocupação igual

⁷⁵ Orlandi refere-se a espaços propícios para estudo e troca entre pesquisadores, como o Lab. Corpus por exemplo.

em relação à situação presente (e também futura) da Linguística no Brasil. Enquanto Guimarães destaca uma falta de diretrizes precisas, Orlandi atenta à importância de investimentos em projetos e espaços de trabalho apropriados para a pesquisa e para que se mantenham relações de troca entre pesquisadores. Fiorin ainda enfatiza a necessidade de uma abordagem científica flexível, considerando o processo contínuo de construção, de constante desenvolvimento da(s) ciência(s).

Trouxemos essas falas de Guimarães, Orlandi e Fiorin junto a esta temática porque esses três fatores - falta de diretrizes específicas, condições de trabalho adequadas na universidade e necessidade de abordagem mais flexível e contínua da ciência Linguística - chamaram nossa atenção diante da pesquisa. Embora seja um trabalho sobre história e memória na disciplinarização da ciência linguística, vale ressaltar que esses sujeitos, experientes e respaldados pela memória discursiva associada a suas histórias de vida, oferecem-nos também um panorama geral e consciente sobre as condições da conjuntura atual onde seguem se desenvolvendo estudos sobre a língua e a linguagem. Apesar dos avanços conquistados especialmente por sujeitos como os entrevistados e predecessores citados nesta pesquisa, os excertos desta temática expõem um contexto que carece de mudanças, que necessita constante reparo para que possamos promover um ambiente acadêmico e científico apropriado para o contínuo desenvolvimento da Linguística, e que possa ser condizente com sua história e memória, buscando estímulo, inovação e excelência na pesquisa em Linguística no Brasil.

Considerações Finais

Foram muitos caminhos pensados quando iniciamos esta trajetória de pesquisa e escrita de tese. Se, antes, imaginávamos o lugar final onde iríamos concluir nossos estudos, isso ficou apenas no princípio de tudo. Passado todo esse percurso, compreendemos que é impossível ter uma direção estabelecida sem mudanças de rota durante esse movimento antes da conclusão de um trabalho que, particularmente, envolve uma história contada por diferentes sujeitos, suas análises e olhares ao passado e presente na tentativa de consolidar um discurso que, a cada um, parece-lhe mais autêntico. Quando se trata de pesquisa utilizando a teoria da AD, no entanto, sabemos que nenhum sentido pode ser apresentado como único, e nada pode ser

incontestável. Ainda assim, não são quaisquer sujeitos que trazem essa memória discursiva envoltos por suas lembranças, trouxemos integrantes da história de todo um multifacetado processo de institucionalização da Linguística no país que culminou em sua disciplinarização também pela contribuição de linguistas como Izidoro Blikstein, Aryon Rodrigues, Eni Orlandi, Leonor Scliar, Eduardo Guimarães e José Luiz Fiorin, assim como de seus predecessores, o que sustenta os objetivos desta pesquisa e o sentido da mesma.

Trazendo como tema central uma história a partir de memórias, mas considerando especialmente o conceito de memória discursiva pela perspectiva da AD pecheutiana, trazemos um panorama pelo prisma desses autores/pesquisadores com o intuito de compreendermos melhor um pouco da evolução da ciência linguística no Brasil. Trabalhamos no intuito de descobrir ou elucidar aspectos sobre os desenvolvimentos, os debates e as transformações da Linguística ao longo do tempo, trazendo, quem sabe, uma visão mais abrangente no que se refere ao conhecimento que temos sobre as histórias desta ciência. Para fazermos esses apontamentos, foi essencial e fecundo o trabalho com a AD, na medida em que a teoria nos permitiu examinar práticas discursivas específicas pelo compartilhamento dessas memórias, trazendo narrativas que ajudam na compreensão de como são moldadas a(s) história(s) da Linguística, bem como são influenciadas em contextos sociais e discursivos diferentes.

Entendemos, durante o percurso de estudos, pelas leituras que iam se interligando e fazendo sentido em conjunto, que estávamos analisando a relação entre história, memória e discurso, a partir de então visamos contribuir para a percepção do que foi e como aconteceu a organização das práticas de estudo e ensino contribuintes para a disciplinarização da Linguística, adaptando, assim, nossa abordagem.

Segundo o que pudemos observar através das produções e até mesmo na fala dos pesquisadores que investiram boa parte da vida em um trabalho profundo em estudos da língua e da linguagem, compreendemos que a Linguística não tem uma, mas, sim, várias histórias, como mencionamos, entre elas histórias que talvez nem sejam conhecidas, como refere Orlandi (2006) ao mencionar os vários percursos que existem e que nem chegamos a conhecer. Como isso ocorre? Como podemos desconhecer caminhos também significativos que contribuíram para o avanço da Linguística?

Pela ótica da AD, pensamos, então, a memória discursiva, a memória que representa um acervo de dizeres mais ou menos acessíveis de acordo com a FD onde o sujeito está inserido e de onde acessa o interdiscurso. Essa memória, como lembra Orlandi (2006), é uma memória estruturada pelo esquecimento, ou seja, esquecemos e falamos como se soubéssemos, falamos pelo já-dito. Dessa forma, ao produzir ou analisar produções científicas, ainda pela perspectiva da AD de corrente francesa, devemos considerar também o chamado efeito-leitor, que é produzido, segundo Orlandi (2006), pela maneira como se textualiza.

a maneira como você formulou coisas a partir de uma certa discursividade produzirá possibilidades de sentido que constituirão uma posição de um sujeito que, ao ler, entrará nessas possibilidades constituindo um efeito-leitor, produzindo um efeito-leitor. O sujeito incorporará isso como sendo esse efeito-leitor. (ORLANDI, 2006, p. 37)

Entretanto, mesmo o sujeito dentro de determinada FD, e considerando o efeito-leitor, ainda temos como característica do sujeito e da língua a incompletude. Ao longo de nossa formação na UFSM, muitas questões foram pensadas e estudadas tomando como base a grade curricular oferecida de modo a incorporar as teorias necessárias para nossa formação. Apesar disso, nem todas as grades curriculares são iguais, o que é natural, e do mesmo modo tem sido desde, por exemplo, a inserção da disciplina de Linguística nos cursos de Letras, como pudemos perceber nos relatos trazidos nos recortes das entrevistas da Revista Fragmentum.

As referências estudadas nos curso de Letras ou Pós-Graduação em Letras nos trazem uma determinada narrativa, mas também nos remetem, de certa forma, a uma ideia de origem e a primeira delas, desfeita ainda na graduação, é a de que a Linguística nasceu a partir de Ferdinand de Saussure. Desfeita essa ideia, fica, talvez, para muitos, a imagem de que apenas os nomes citados e trabalhados durante nossa formação é que são os únicos com direito a um lugar na história, e como se a história da Linguística passasse apenas por esses professores, pesquisadores, teóricos, e tivesse tido início ali, a datar de suas aulas, suas apresentações, suas publicações. Por isso, insistimos ao longo deste trabalho que deveríamos usar o termo história no plural para tratar as representações memoriais do percurso da Linguística no Brasil.

A construção dessas histórias pelas narrativas dos pesquisadores entrevistados também favorecem uma superficial e frágil ideia de origem trazendo uma imagem própria de cada sujeito, apesar dos entrelaços que as constituem. Ao

fazer pesquisa sobre o processo de disciplinarização da Linguística, bem como sobre representantes da construção de um lugar para a Linguística entre as ciências e seus predecessores, visualizamos de modo mais explícito a presença constante da incompletude, pois, na ciência, quanto mais buscamos mais encontramos, e o mais difícil vai sendo definir onde se começam as teorias. Estamos constantemente diante dessa incompletude que nos acompanha na escrita, que é constituinte da língua, que é constituinte do sujeito, da história, como pudemos acompanhar.

Compreendemos, assim, que esta pesquisa, apoiada na teoria da AD de linha francesa e em seus conceitos basilares como a noção de memória discursiva, estimula a discussão diante de narrativas únicas ou fechadas em suas conclusões, destacando a necessidade de uma abordagem crítica e plural na geração e organização do conhecimento linguístico.

Referências Bibliográficas

ALFA. **Theodoro Henrique Maurer Júnior - Apresentação**. Departamento de Letras. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Revista Alfa, v. 18/19, p. 07-15, 1972-1973. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/276/18>>. Acesso em 09 de fev. 2023.

ALTMAN, C. **A Conexão Americana: Mattoso Câmara e o Círculo Linguístico de Nova Iorque**. Delta – Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 20, n. 3, p. 129-158, 2004. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38029>>. Acesso em 16 de fev. 2021.

_____. **A Pesquisa Linguística no Brasil (1968-1988)**. 2 ed. São Paulo: Ed. Humanitas. 2004.

_____. **Memórias da Linguística na Linguística Brasileira**. Revista da ANPOLL, v. 1, n. 2, p. 173-189, 1996. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/245>>. Acesso em 11 de fev. de 2021.

AUROUX, S. **A Questão da Origem das línguas, Seguido da Historicidade das Ciências**. Campinas, Editora RG, 2008.

_____. **Os Modos de Historicização**. Trad. Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2021. Disponível em:<<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/index>>. Acesso em 26 de mai. 2023.

BALDINI, L. **Um Linguista na Terra da Gramática**. Tese de doutorado. Campinas, 2005.

BACK, A. C. P. et al. **Classificação das Sequências Discursivas em Entrevistas Sociolinguísticas**. Florianópolis, Santa Catarina, UFSC, 2004. *Anais do 6º CELSUL - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Coordenadas_tra.htm>. Acesso em 19 de abr. de 2021.

BEZERRA, J. **Era Vargas**. Toda Matéria, c2011-2021. Disponível em:<<https://www.todamateria.com.br/era-vargas/>>. Acesso em 16 de fev. 2021.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Censo da Educação Superior no Brasil – Notas Estatísticas, Brasília, 2019.

CASTAGNOLA, L. **Produção Científica do Linguista Rosário Farâni Mansur Guérios**. Revista Letras, Biblioteca Digital de Periódicos da Universidade Federal do Paraná, v. 28, p. 33-60, 1979. Disponível em:<<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19425/12689>>. Acesso em 12 de fev. 2023.

CASTILHO, A. T. **A Reforma dos Cursos de Letras**. Alfa: Revista de Linguística, v. 3, 1963a. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3202>>. Acesso em 09 de fev. de 2021.

_____. **Robert Henri Aubreton**. Alfa: Revista de Linguística, v. 4, 1963b. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3221>>. Acesso em 09 de fev. de 2021.

CHISS J.L. e PUECH, C. **La linguistique structurale, du discours de fondation à l'émergence disciplinaire**. In Langages, nº 120, p. 106-125, Paris, 1995. Disponível em <www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1995_num_29_120_1734>. Acesso em 30 de maio de 2023.

COELHO, O. F. **Serafim da Silva Neto (1917-1960) e a Filologia Brasileira: Um Ensaio Historiográfico sobre o Papel da Liderança na Articulação de um Paradigma em Ciência da Linguagem**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: São Paulo, 1998.

COSTA, Thaís de Araújo et al. (orgs). **História das Ideias Linguísticas e Sua Institucionalização: um primeiro percurso em um programa coletivo de pesquisa**. Linguagem & Ensino, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, v. 24, n.3, p.646-659, jul./set. 2021. < <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/19984>>. Acesso em 12 de out. 2021.

CPDOC. **Ministério da Educação**. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Seção A Era Vargas: dos anos 20 a 1945, c2020a. Disponível em:<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/IntelectuaisEstado/MinisterioEducacao>>. Acesso em 16 de fev. 2021.

CPDOC. **Universidade do Brasil**. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Seção Diretrizes do Estado Novo (37 - 45), c2020b. Disponível em:<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/UniversidadeBrasil>>. Acesso em 06 de fev. de 2021.

COURTINE, J.J. **Metamorfoses do Discurso Político: as derivas da fala pública**. São Carlos: Claraluz, 2006.

DAVALLON, J. **A Imagem, Uma Arte de Memória?**. In: ACHARD, Pierre et al. (Org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes - Campinas: Pontes, 1999.

DIAS, J. P. **Um Gesto de Interpretação na História do Conhecimento Linguístico Brasileiro: a definição do nome gramática**. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese). 245 p. Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2012.

DIAS, C. **Memória Metálica**. LABEURB - Laboratório de Estudos Urbanos. [s.d.] Disponível em <<https://www.labeurb.unicamp.br/encic/index.php?r=verbete/view&id=119>> Acesso em 20 de nov de 2022.

DOMINGUES, M. **Nascimento de Roman Jakobson**. Hoje na História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. 2022. Disponível em <www.fflch.usp.br/38941> Acesso em 02 de fev. 2023.

DUARTE, J.G.; MILANI, S.E.; PINHO, M.J. **As Contribuições dos Ensinamentos de Leonard Bloomfield Para a Linguística**. Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia, v.XVII, n.9, p. 28-41, 2013. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/cnlf_09.htm> Acesso em 05 de fev. de 2021.

FÁVERO, M. L. A. **A Faculdade Nacional de Filosofia: origens, construção e extinção**. Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande-MS, n. 16, p. 107-131, jul.dez. 2003. Disponível em <<https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/511>>. Acesso em 12 de fev. 2021.

FERREIRA, A. C. F. **A Análise de Discurso e a Constituição de Uma História das Ideias Linguísticas no Brasil**. Revista Fragmentum, n. Especial, p. 17-47, jun/dez 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36580/19833>>. Acesso em 3 de jun. 2021.

_____. **A Linguística Entre os Nomes da Linguagem – Uma reflexão na História das Ideias Linguísticas no Brasil.** 249 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese). Universidade Estadual de Campinas, Instituto da Linguagem, Campinas, SP, 2009.

FERREIRA, M. **Glossário de Termos do Discurso.** Porto Alegre: Instituto de Letras UFRGS, 2001.

FIORIN, J. L. **A criação dos primeiros cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações de pesquisa Linguística Universitária.** Revista Língua e Letras, Cascavel, v. 7, n. 2, p.11-25, 1º sem. 2006. Disponível em < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/issue/view/113/showToc>>. Acesso em 06 de fev. de 2021.

_____. **Sujeito, Ética e História.** Entrevista com José Luiz Fiorin. Revista Fragmentum, UFSM, n.11, p. 11-35, 2007.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. (orgs). **Dicionário da Linguística da Enunciação.** São Paulo: Contexto, 2009.

FRAGMENTUM. **Sobre a Revista.** Portal de Periódicos da UFSM. Santa Maria, c2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/about>>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

FRASÃO, D.G. **Ferdinand de Saussure.** eBiografia. 7Graus, 2019a. Disponível em < www.ebiografia.com/ferdinand_de_saussure> Acesso em 02 de fev. 2023.

_____. **Noam Chomsky.** eBiografia. 7Graus, 2019b. Disponível em: <www.ebiografia.com/noam_chomsky/>. Acesso em 03 de fev. 2023.

GUIMARÃES, E. **Entrevista Com Eduardo Guimarães.** Revista Fragmentum, UFSM, n.40, p. 13-48, 2014.

INFOPÉDIA. **Mattoso Câmara.** Infopédia – Dicionários Porto Editora. C2023. Disponível em: <[www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$mattoso-camara](http://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$mattoso-camara)>. Acesso em 05 de fev. 2023.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. O político na linguística: Processos de legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, E.P. (org) **Política Linguística no Brasil.** Campinas, SP: Pontes, 2007)

LEAL, E. J. M. **Um desafio para o pesquisador: a formulação do problema de pesquisa.** Revista Contrapontos, v. 2, n. 2, p. 229–237, 2002. Disponível em: < <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/145>>. Acesso em 7 de abr. 2021.

MARTINS, T. S. **Efeitos de Sentido na Disciplinarização de Uma Teoria.** 2012. 179 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2012.

MENEZES, E. T. Verbete Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira – Educa Brasil.** São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrasil.com.br/manifesto-dos-pioneiros-da-educacao-nova/>>. Acesso em 09 de fev. de 2021.

MOTA, M. B.; TEIXEIRA, L. R. **Edward Sapir e Mattoso Câmara Jr.: Intersecções.** Working Papers em Linguística, Florianópolis, v. 12, n. 2, pág. 15-34, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2011v12n2p15>>. Acesso em 15 de fev. 2021.

MUZZI, K.P. **Memória e Produção Discursiva do Sentido: a mulher-professora em foco nos jogos enunciativos.** Rev. PERcursos Linguísticos, Vitória (ES), v.3, n.1, pág. 137-149, 2011 (edição especial).

NUNES, J. H. **Uma Articulação da Análise de Discurso Com a História das Ideias Linguísticas**. Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107-124, jul./dez. 2008.

_____. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (orgs.). **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos, SP: Claraluz, 2007, p. 373-380.

OLIVEIRA, A. J. B. **Uma Breve História da UFRJ**. História. Universidade Federal do Rio de Janeiro, c2021. Disponível em: <<https://ufrj.br/aceso-a-informacao/institucional/historia/>>. Acesso em 12 de fev. 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007a.

_____. **Ciência da Linguagem e Política: Anotações ao pé das Letras**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

_____. **Discurso e leitura**. 8ª ed. – São Paulo, Cortez, 2008.

_____. **Discurso e Texto**. 2ª ed. - Campinas: Pontes, 2005.

_____. **História das Ideias X História de Vida - Entrevista com Eni Orlandi**. Revista Fragmentum, UFSM, n.07, p.11-51, 2006.

_____. **Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico**. 6ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2012.

_____. “Ir ao Congresso: fazer história das ideias linguísticas?” em ORLANDI, E.P. & E. (orgs.) **Institucionalização dos Estudos da Linguagem – a disciplinarização das ideias linguísticas**. Pontes, Campinas, 2002.

_____. **Processo de Descolonização Linguística e Lusofonia**. Campinas: Inédito, 2007b.

_____. Segmentar ou Recortar? Linguística: Questões e Controvérsias. Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

_____. **Terra À Vista - discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo/ Campinas: Cortez/ Unicamp, 1990.

_____. **Texto e Discurso**. Revista Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v.9, n.23, p. 111-118, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK. T. (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, p. 61-161. Edição original: 1975.

_____. Ler o arquivo hoje. In ORLANDI, Eni P. (org). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. Edição original: 1982.

_____. Ler o Arquivo Hoje [1982]. In: ORLANDI, E. (org.) [et al.]. **Gestos de Leitura: da história no discurso**. 3ª ed., p. 55-66. Campinas, SP: Editora da Única, 1994,

_____. **O Discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. **Papel da Memória.** In: ACHARD, Pierre et al. (Org.) *Papel da memória.* Tradução e introdução José Horta Nunes - Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PETRI, V. **Imaginário Sobre o Gaúcho no Discurso Literário.** Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

_____. **O Funcionamento do Movimento Pendular Próprio às Análises Discursivas na Construção do “Dispositivo Experimental” da Análise do Discurso.** In: PETRI, V., Dias, C (Org.). *Análise de Discurso em Perspectiva – Teoria, método e análise.* Santa Maria: Editora da UFSM, 2013, p.39-48.

_____. **Por um acesso fecundo ao arquivo.** In: Revista Letras: **Corpus: Análise de Dados e Cultura Acadêmica**, n.21, p. 121-125, jul./dez. 2000,

PFEIFFER, C. C. A linguística nas associações: um recorte discursivo de sua institucionalização. Uma questão de política linguística. In: **Política Linguística no Brasil**, E. Orlandi (org.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS. **Histórico.** Santa Maria, c2021. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppgletas/historico/>>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

RODRIGUES, A. D. **A Obra Científica de Mattoso Câmara Jr.** Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, n. 2, p. 11-28, dez. 2005. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/7894>>. Acesso em 12 de fev. de 2021.

SCHERER, A. E. **As inquietudes discursivas de um orientador.** In: Letras, BRUM DE PAULA, SCHERER, A. E., PARAENSE, S. (orgs). N.21, jul/dez 2000, Santa Maria, RS. p.11-19.

_____. **Fragmentum 20 ANOS!!!** Revista Fragmentum, UFSM, n. 58, p. 11-19, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/69151>. Acesso em 15 de jan. 2023.

_____. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, V. e Gregolin, M. R. (Orgs). **Análise do Discurso: Heranças, métodos e objetos.** São Carlos: Claraluz, p. 131-142, 2008.

SCHERER, A. E., SCHNEIDER, C., MARTINS, T. S. **Saussure e os Estudos Saussurianos no Sul: Algumas Reflexões.** Línguas e Instrumentos Linguísticos, n.35, jan-jun 2015. Disponível em: <www.revistalinguas.com/edicao35/edicao35.html>. Acesso em 20 de abril de 2023.

SCHNEIDERS, C. M. **A Prática científica e sua constituição pelo atravessamento de saberes.** Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 41, n., 2012, p. 307-315. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1234>>. Acesso em 5 de abr. 2021.

_____. **As Revistas Científicas e a Disciplinarização dos Estudos Linguísticos no Brasil.** Revista Fragmentum, n. 52, p. 81-97, jul/dez 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/1193/showToc>>. Acesso em 6 de set. 2021.

_____. **Do retorno ao arquivo à constituição do corpus e dos gestos de interpretação.** Conexão Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v.9, n.11, p. 99-109, 2014.

_____. **Serafim da Silva Neto: entre a constituição e a circulação do conhecimento linguístico.** 218 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2014.

SILVA, A. F. **O Conselho Nacional de Educação e as Políticas de Privatização da Educação Superior no Governo de FHC.** Inter-Ação, Goiás, v. 30, n. 1, p. 75-98, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/1289>>. Acesso em 08 de fev. de 2021.

SOARES, A.G.T.; TORINO, L.M.; SENEDA, M.C. **Breve Apresentação de Fausto Castilho.** Educação e Filosofia. Uberlândia, v. 27, n. 53, p.17-72, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22697>>. Acesso em 12 de fev. 2023.

SOFIA, E. **Luis Jorge Prieto.** A. Birgin, Escenas de la memoria. La Casa Argentina de París en la voz de sus antiguos residentes (1928-2011), Ministerio de educación, Presidencia de la Nación, Argentina, 2011. Disponível em: <www.academia.edu/8919216/Luis_Jorge_Prieto> Acesso em 25 de jun. 2023.

TRUNKLE, M. **Louis Hjelmslev.** Linguística.net. Disponível em <<https://linguisticabr.wordpress.com/2011/09/27/louis-hjelmslev/>>. Acesso em 09 de fev. 2023.

UCHÔA, C. E. F. **Mattoso Câmara: um novo discurso sobre o estudo da linguagem no Brasil.** DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 20, n. spe, p. 1-8, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-445020040003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 de fev. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Histórico.** Santa Maria, c2021. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/historia/>>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Histórico do Curso de Letras.** Santa Maria, c2021. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/letras/historico-do-curso-de-letras/>> . Acesso em: 20 de jun. 2021.

VANDRESEN, P. **A Linguística no Brasil.** Com Ciência, 2001. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/linguagem/ling15.htm#:~:text=A%20L%C3%ADng%C3%BC%C3%ADstica%20no%20Brasil&text=A%20ling%C3%BC%C3%ADstica%20foi%20implantada%20no,uma%20perspectiva%20hist%C3%B3rica%20e%20normativa.>>. Acesso em 06 de fev. de 2021.

VENTURINI, M.C. **Imaginário Urbano: espaço de rememoração/comemoração.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

ANEXOS

Anexo I – QR Code das Entrevistas (parte 1)



QR Code - Entrevista com Aryon Dall'igna Rodrigues



QR Code – Entrevista com Eduardo Guimarães



QR Code – Entrevista com Eni P. Orlandi

Anexo II – QR Code das Entrevistas (parte 2)



QR Code – Entrevista com Izidoro Blikstein



QR Code – Entrevista com José Luiz Fiorin



QR Code – Entrevista com Leonor Scliar Cabral